

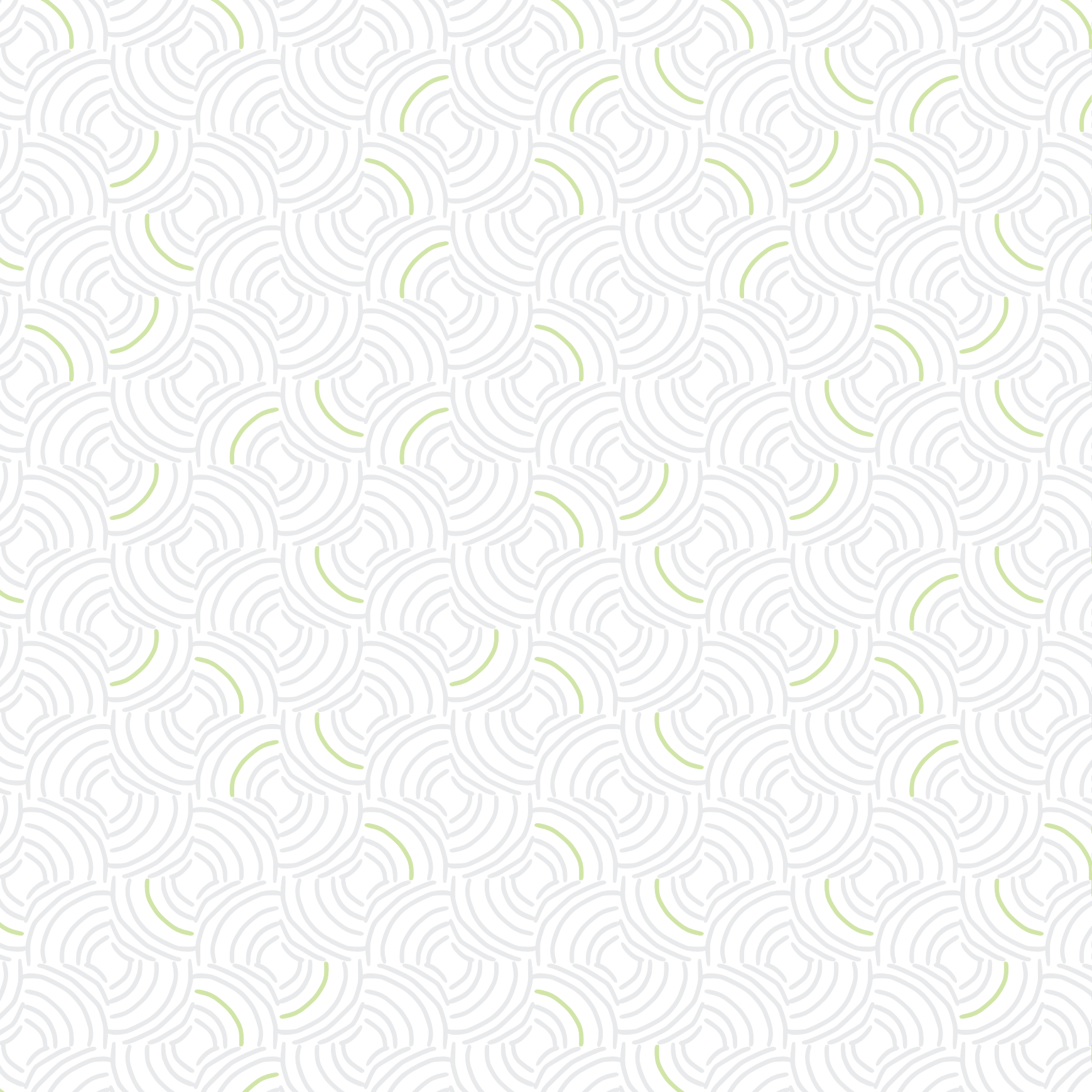


Consulado da Mulher

Ação social da **Consul**

20 anos







Consul

Whirlpool
CORPORATION



Equipe Consulado da Mulher

Leda Böger - Diretora Executiva

Ângela Lothammer - Gerente de Comunicação

Tayane Meireles - Analista de Comunicação

Pesquisa, entrevistas e edição de textos

Laís Duarte - Jornalista responsável

Projeto Gráfico e Diagramação

Plínio Ricca - PLiN Produções Editoriais

1ª Edição - Dezembro de 2022

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas, voluntários e voluntárias, parceiros institucionais e apoiadores que contribuíram conosco nestes primeiros 20 anos; em especial a equipe Consulado da Mulher, presente em dezembro de 2022 : Alessandro Carvalho, Ângela Lothammer, Cleide Gasparin de Liz, Daniele Cavichio, Eric Notte, Erica Zanotti, Franciele Nunes, Heitor Nunes, Katia Lima, Kelly Cardoso, Leda Böger, Rafael Gomes, Samara Espindola, Tayane Meireles e Vitoria Marçal.

Sumário

Prefácio.....	6
Caminhos da liberdade.....	8
Nascimento	12
<i>O doce encanto de realizar sonhos.....</i>	16
O batismo	22
<i>Com a força da ancestralidade.....</i>	26
Rio Claro	32
<i>Por um mundo mais doce e verde</i>	36
<i>Os rodopios que a vida dá</i>	42
Joinville.....	48
<i>Doutora em felicidade.....</i>	52
<i>A arte de redesenhar a própria vida</i>	56
<i>Os sorrisos de Francisca.....</i>	60
São Paulo	66
<i>O sabor da generosidade</i>	72
Manaus	76
<i>Raízes no chão e galhos para alcançar os céus.....</i>	82
Foco no empreendedorismo.....	86
<i>Metamorfoses</i>	90
Pelas mulheres do Brasil	96
<i>Forte como a Amazônia.....</i>	102
Uma mão lava a outra.....	106
<i>Onde houver tristeza que eu leve alegria.....</i>	110
Lições de solidariedade.....	116
<i>Iluminada</i>	120
Uma eterna colheita	124
Referências bibliográficas.....	128





Prefácio

Desde 1957 em solo brasileiro, a Whirlpool Corporation se consolidou como uma empresa inovadora, que promove e sustenta transformações de longo prazo. Detentora no Brasil das marcas Consul, Brastemp e KitchenAid, tem o compromisso de melhorar continuamente a vida em casa, oferecendo produtos que não apenas facilitam a vida, mas também libertam, cuidam das roupas, garantem a preservação dos alimentos, asseguram às pessoas o mais escasso e valioso dos recursos: o tempo.

E é justamente para as mulheres que o tempo se torna ainda mais escasso, pois a elas cabe gerar a vida, prover afetos e recursos financeiros. São elas mantenedoras e partícipes insubstituíveis no desenvolvimento de uma sociedade equilibrada em seus aspectos mais amplos e sutis.

O Consulado da Mulher nasceu em 2002, como principal iniciativa social da Whirlpool Corporation no Brasil, em estreita sintonia com a marca Consul, para apoiar e amparar mulheres, reconhecendo o potencial de transformação que há em cada uma delas. Ele nasceu com o propósito de levar autonomia, emancipar mães, avós, irmãs, esposas e, por meio delas, famílias inteiras.

Para celebrar as duas décadas de realização desse propósito é com grande alegria e satisfação que a Consul apresenta o livro “Consulado da Mulher 20 anos”, uma combinação de histórias sobre mulheres reais, que transformaram suas vidas por meio do empreendedorismo. Mulheres que souberam olhar de maneira diferente para os problemas de sempre e, com o apoio do Consulado da Mulher, fizeram de seus sonhos realidade, transformando tudo ao seu redor. Somado a história destas mulheres, o conteúdo do livro se estrutura a partir de uma coletânea de marcos históricos, desde sua criação em Rio Claro até sua atuação nacional nos dias de hoje. Traz também memórias de pessoas que tiveram participação no Consulado, entre membros do Conselho Gestor, executivos e colaboradores da Whirlpool, ex-executivos da Whirlpool, integrantes do Consulado e empreendedoras assessoradas.

Convidamos você a conhecer nossa trajetória, por meio dessas vozes femininas que estão construindo o próprio futuro, deixando seu legado para as próximas gerações.

Cada uma destas vozes aqui representadas nos lembra que gestar um mundo novo é possível e que, se depender das mulheres, ele será cada vez mais justo, inclusivo, generoso e próspero. Boa leitura!



Caminhos da liberdade

Essa é a história de uma instituição feita de pessoas que ampliam o mundo com as mãos e a força de um propósito, pessoas que não se deixam sucumbir ao tempo ou às dificuldades. É a história de mulheres que escolhem não lamentar, nem se encaixar em uma existência que as estreita. Essa é uma história do encontro de gente que desembarcou de diferentes geografias para o início de uma viagem para dentro e para fora de si mesma, uma viagem capaz de mudar a vida de toda a gente ao seu redor.

Consulado da Mulher é o nome que traduz um sonho coletivo, que atravessa o país e une destinos. É a tradução de um propósito que transformou e transforma sonhos em realidades. O Consulado da Mulher nasceu de um sonho, e é filho da coragem. Cresceu, superou barreiras, revigora-se e renova-se a cada ciclo, em aprendizado contínuo.

Tudo começou onde tudo começa mesmo, não importa a nacionalidade, o período histórico, a cor, as escolhas, religiões ou caminhos. Foi inspirado e destinado às mulheres, e elas, invariavelmente, precisam ser fortes, porque é isso que a vida exige. Mulheres são casa e, mesmo frente às agruras a que são expostas, elas se definem a partir de seus afetos. Cuidam dessa casa com dedicação e profundidade, às vezes muito maior do que destinam a si mesmas. Ostentam talentos múltiplos que vão do poder exercido para ensinar, curar, projetar, acolher, até a disposição para luta pelos espaços de liderança. Esbanjam capacidades que permeiam o exercício das tarefas mais simples às mais complexas.

Ir além nunca foi fácil. Mesmo com todos os avanços da ciência, a ampliação de direitos, as aberturas sociais, o acesso à educação e saúde, mesmo em um mundo globalizado, ir além ainda não é para todos de maneira igualitária. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o Pnud, 1,3 bilhão de pessoas viviam em situação de pobreza em 2021 no planeta. Os mais excluídos entre os excluídos são mulheres. Cerca de $\frac{2}{3}$ das pessoas mais vulneráveis vivem em moradias em que nenhuma menina completou seis anos de estudo. O levantamento também constata que elas estão mais suscetíveis a sofrerem violência de seus parceiros.

Foi para abraçá-las, para estimular a geração de trabalho e renda, para propiciar a emancipação e a conquista de qualidade de vida que o Consulado da Mulher nasceu em 2002. Uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, costurada à muitas mãos, ponto a ponto, com o objetivo de fazer com que as mulheres se sintam confiantes, capazes de empreender e ampliar seus negócios, gerando renda, ganhando autoconfiança e podendo oferecer um futuro melhor para suas famílias.

O Consulado da Mulher surgiu como um braço da Consul, imerso em cuidado e delicadeza, para apontar caminhos e possibilidades. Para provar que com união, com educação e generosidade sempre há como se mover para frente, sem voltar atrás. “A Whirlpool sempre esteve presente socialmente, sempre fomentou valores e atitudes imbuídas de responsabilidade social para beneficiar a comunidade em que está inserida, as cidades, o país. Várias iniciativas da companhia comprovam esse envolvimento, o Consulado da Mulher é uma delas. Sabemos que as carências no Brasil são grandes e muitas. Há 20 anos não se falava em questões de gênero. A Consul canalizou essa atenção para as mulheres, colocando-se ao lado das mulheres e conquistou reconhecimento internacional”, conta João Carlos Brega, Presidente do Conselho de Administração da Whirlpool S/A e Vice-presidente da Whirlpool Corporation.

A semente foi bem plantada. Germinou no solo fértil de valores definidos, com doses generosas de Respeito, Integridade, Inclusão e Diversidade, Solidariedade, Cuidado com quem chega e com quem vai. Em 20 anos, milhares de mulheres conquistaram novos espaços, alcançaram suas próprias vitórias, fizeram dos sonhos realidade. Muitas desbravaram novos caminhos, escalaram montanhas do conhecimento, transformaram-se e permitiram outras transformações, porque mulheres fazem isso. Evoluem, superam, crescem e levam quem está junto com elas. O engrandecer é um ato coletivo e feminino.

Em 20 anos, mais de 38 mil pessoas foram beneficiadas pelas ações do Consulado da Mulher. Gente de cantos diversos do país, com jornadas e bagagens múltiplas, gente que descobriu que mesmo na aridez dos dias mais tristes, a luta íntima de cada uma torna-se mais leve quando partilhada. A sertaneja que migrou para a metrópole, a ex-seringueira que cresceu entre os rios e a floresta amazônica, a ex-secretária vítima de violência doméstica, a mãe adolescente, a idosa sem fonte de renda, a quituteira ecologista que sonha com um mundo mais verde. Um sem-fim de histórias que só tiveram um final feliz porque, no meio, havia o Consulado. “Ter o Consulado da Mulher é enxergar com esperança um futuro melhor para a sociedade. Olhando de dentro da empresa, vejo genuinamente um desejo de transformar por meio da difusão do conhecimento e da geração de oportunidades e conexões. Sob a perspectiva das comunidades, é lindo ver mulheres empoderadas e felizes, colocando suas mãos nos alimentos ou nos artesanatos, deixando um pouco do seu amor ali para os consumidores e conseguindo sustentar suas famílias exercendo as atividades que amam e sabem fazer. Tenho muito orgulho de trilhar esse caminho ao lado do time do Consulado da

Mulher”, afirma Debora Veneziano Paes, Gerente de Relações Governamentais e Assuntos Corporativos de Whirlpool.

Num mundo de tantas ausências, de tanta exclusão, de tanta brutalidade, na suavidade das horas passadas em cada oficina, na troca de saberes e experiências, no ouvido atento, a vida se faz mais justa e alegre. A felicidade é a razão de ser do Consulado da Mulher. Não uma felicidade única, moldada, padronizada, mas uma felicidade plural, gestada a partir do respeito pela escolha de cada pessoa, seu passado, seus anseios e sua individualidade.





Nascimento

Em 1998 o mundo sentiu os abalos que vinham da Rússia, com a desvalorização do rublo e a inadimplência do país euroasiático. Não demorou para que tivesse início a especulação generalizada. O Brasil, em especial, sofreu com a crise russa. Conquistas obtidas a duras penas com o Plano Real de 1994 quase foram destruídas pela especulação em massa que varreu nossa economia e de outros países ao redor do planeta. Muita gente perdeu o emprego, muita gente perdeu o rumo. 33% dos brasileiros estavam na linha de pobreza. Havia muito por fazer.

A história da Multibrás, que depois se tornou Whirlpool, sempre foi pautada por suas conexões com a comunidade. Não eram raros os patrocínios, doações de produtos, apoios e serviços para instituições e cidadãos quando a necessidade se revelava presente. Entretanto, na virada do milênio, a empresa também virou uma página da sua história para dar início a construção de um capítulo novo em sua forma de ser e estar no mundo como empresa cidadã.

Na ocasião, um amplo debate reuniu pessoas de vários setores da companhia. Diretores e colaboradores de todos os níveis hierárquicos foram ouvidos. Na época, a maioria das iniciativas sociais corporativas estava focada no apoio às crianças, e todas tinham praticamente o mesmo formato. Foi então proposta a criação de uma iniciativa voltada para as comunidades, sintonizada com a marca Consul, e que pudesse ser referência no mercado brasileiro.

As questões sociais já falavam ao coração de Inês Acosta, então diretora de qualidade, e a ela foi oferecido o desafio de liderar um projeto de Responsabilidade Social. “Eu aceitei o desafio, deixando claro que não queria trabalhar com caridade. Queria atuar em uma mudança social que pudesse transformar a realidade”, resume ela.

Com seu olhar sensível e apurado, Inês cresceu tentando se livrar de estigmas, ampliar horizontes, para ela e tantas outras. Foi ganhando espaço, com fluidez e firmeza, em um mundo tipicamente masculino. Formada em matemática, atuou em vários setores e fez questão de juntar ao trabalho seu instinto para o voluntariado, realizando campanhas, levando aos diretores pedidos de cidadãos e instituições de todo o Brasil que precisavam de uma geladeira, um fogão, um fiapo de esperança para se agarrar.

Disposta a ampliar horizontes ela aceitou o convite: criaria um modelo de ação para proteção de crianças e adolescentes e outro focado em mulheres em situação de vulnerabilidade. Inês e sua equipe passaram vários meses estudando os temas, desbravando os meandros da filantropia e fortalecendo a semente da solidariedade no ambiente corporativo. Várias consultorias especializadas foram contratadas para o correto mapeamento de cenários.

Neste tempo, quase 100% das pessoas que usavam os produtos Consul eram mulheres. A lavadora de roupas sempre foi sinônimo de libertação para elas. Provou-se, com fatos e dados, que amparando as mulheres a empresa estaria investindo também nas crianças, pois são elas - as mulheres - que asseguram que os filhos não deixem de ir à escola, são elas que criam nas gerações futuras os alicerces.

Dando ao imponderável a chance de se fazer presente, no Planejamento Estratégico Inês incluiu na sua apresentação um poema de Elisa Lucinda:

Dei um gelo nela (o poema da geladeira)

“Estava há uma semana vazia...
Fazia dias que ela não gelava senão água.
Até que choveu na minha conta outro dia:
Saí, comprei aves, peixes, lagostas, camarões...
Olhei pra ela, estava cheia.
Chuchus sorriam pra mim: há quanto tempo... diziam.
Uvas e beterrabas batiam palminhas do reencontro
Até a galinha morta era feliz por mim. Dormi pensando em receitas boas.
Acredita que de manhã um carrasco havia sido pago pra levá-la?
Ela que nunca foi totalmente minha.
Liguei pra dona, me humilhei sozinha dentro do discurso justo de que sou artista
e por isso inconstante na economia. E a dona nada. Não cedia.
O carrasco ia levar minha deusa, minha neve possível, minha geada de estimação.
À hora marcada, chorei agarrada àquela Consul mimada demais por mim;
Tão adotiva, tão afetiva... eu atracada a ela, pedia, gemia...
E ela, nada; ela fria, desligada, já não me dava nem gelos.
Fiquei sem patrimônio. Sem preservação de alimentos.
Fiquei sem centro, a zombar de mim.
Até que me lembrei dos meus bens: a coragem, a beleza, a força, a poesia, a esperteza.
coisas que não se encontram em pontos-frios,
coisas que não são substituíveis por um isopor.
Então já amanheci pondo coentros nas jarras como flores!
Curei minhas dores sem congelamento.
Me virei por dentro onde tudo é mantido quente vivo.
Tirei tudo de letra e de ouvido
como quem tira uma música!”

Elisa Lucinda

Declamar um poema que citava a Consul como parte da vida das mulheres ia contra os padrões corporativos da época. Entretanto, as letras em cadência ritmada, acompanhadas de números precisos, revelaram o que toda mulher já nasce sabendo. “A sociedade brasileira ainda é machista. Deveres e direitos são iguais no papel, mas muito desiguais na prática. O machismo estrutural, tão mais forte 20 anos atrás, era e segue sendo uma das piores *normoses* do mundo. O corpo diretivo da companhia compreendeu rapidamente o contexto e aprovou a proposta na íntegra: focaríamos nossa atenção nas mulheres”, relata Inês.

Armando Ennes do Valle Júnior, então vice-presidente de Relações Internacionais e Sustentabilidade da empresa, acompanhou o nascimento do Instituto com a chancela de uma organização que trazia um compromisso social em sua razão de existir. “A Whirlpool sempre teve uma preocupação com o social e a sustentabilidade. Já era ESG muito antes dessa sigla existir como referência às boas práticas ambientais, sociais e de governança. Foi uma das primeiras no Brasil a ter 100% do resíduo de fábrica controlado e destinado de forma ambientalmente correta. Desde sempre havia uma preocupação com ética, com valores. Quando o Consulado nasceu e nos mostrou que havia uma grande quantidade de mulheres que chefiavam famílias unicelulares entre a população de baixa renda, entendemos que era preciso estar ao lado delas. O fato de fazer crescer a mulher é importante para o todo o país”.

Até então, menos de 5% de todo o investimento social empresarial no Brasil era direcionado à causa da mulher. Da admiração, da convivência com universo feminino e da preocupação com a realidade das brasileiras nasceu o Consulado da Mulher, uma instituição dedicada a promover a cidadania e melhorar a qualidade de vida das mulheres por meio do acesso à informação e à capacitação prática continuada. Uma instituição com raízes fortes nos valores cultivados pela Consul, e com asas para estar onde as mulheres precisassem. “As mulheres são seres gregários, que tem um olhar para o coletivo, para o grupo. Quando você investe na mulher você está automaticamente investindo nas futuras gerações. Quando uma mulher tem condições, tem acesso à renda, ela investe primeiramente na educação dos filhos, na casa dela e, por último, nela mesma. Investir na mulher é melhorar a sociedade como um todo”, conclui Leda Böger, diretora-executiva do Consulado da Mulher.

O Consulado passou a fazer parte das histórias de muitas mulheres. E algumas delas compartilham aqui, com sensibilidade e generosidade, parte de seu viver.



**O doce
encanto
de realizar
sonhos**

Ser mulher era um eterno não ser. Era a crença que meu pai conclamava. Cresci acreditando que eu não poderia ser empresária, secretária, professora, médica, vendedora, escritora, nem nada. Não iria estudar, porque só precisaria das letras para ler caixa de sabão em pó. Para o meu pai, a mulher só podia trabalhar em casa, cuidar dos filhos, do marido. Já na infância eu assumi a cozinha. Na beirada do fogão desde os nove anos, juntava o prazer de preparar as refeições da família com a fuga da realidade. Era como se, ao vestir o avental, a vida passasse a acontecer na tela da tv. Fosse o arroz mais trivial, a verdura refogada, a banana frita, eu sempre me imaginava em um programa de culinária, dando receitas exclusivas para telespectadores famintos e distantes. Cada prato tinha um toque gourmet, uma apresentação impecável. Quando não estava na cozinha, dentro de mim morava a indignação. Nunca entendi o motivo de as mulheres serem privadas de direitos, sobrecarregadas com deveres. Para escapar daquela realidade eu lia um livro atrás do outro, cozinhava e ... engravidei de propósito, aos 17 anos. Meu pai me obrigou a casar e me mudei de São Paulo para Londrina, no Paraná, onde era praticamente empregada da família do meu marido.

Ficamos no Paraná por seis meses e regressamos a São Paulo para tentar uma vida melhor. Com o bebê nos braços e o marido à tiracolo pedi abrigo ao meu pai e ele respondeu que enquanto eu estivesse casada seria bem-vinda embaixo de seu teto. Nos instalamos na casa dos fundos, mas a felicidade não veio conosco. Meu marido reafirmava o tempo todo que eu não tinha capacidade de fazer nada. Ouvindo injúrias e ofensas fui devagarinho realizando pequenas

A história de Antônia Lopes



conquistas, mas nada me fazia livre. O dinheiro suado do meu salário era entregue para ele, religiosamente, todo começo de mês.

Quando engravidei pela segunda vez, ele deixou claro que nunca quis um outro filho. Não foi a nenhuma consulta. Quando minha linda menina nasceu, quem me levou ao hospital, me amparou e trouxe de volta foi a minha mãe. Ele agora tinha uma filha a quem nunca destinou um sorriso, um afago sequer. Me mandava calá-la quando ela chorava. Eu permitia que toda a hostilidade do mundo recaísse sobre mim, mas quando isso começou a atingir meus filhos, ficou mais difícil suportar. Até que em 2002 meu pai faleceu. Amparei minha mãe e irmãs no velório, chorei junto a nossa perda. No enterro, me despedi de meu pai dizendo a ele: ‘pai, estou aqui enterrando o senhor e o meu casamento, porque agora acabou’.

Assim que eu cheguei em casa falei para meu marido que queria me separar. Ele levou muito do que eu tinha conquistado e deixou o que mais importava: meus filhos e minha liberdade. Na época, eu trabalhava em um escritório na Avenida Paulista. Depois, me tornei secretária-executiva no Cursilho, um movimento eclesial de evangelização cristã. Viajei o Brasil inteiro coordenando eventos e a parte que eu mais gostava era acompanhar o corre-corre na cozinha para a preparação dos quitutes servidos em cada encontro. A vida ganha um tempero diferente quando se alimenta o próximo.

Dona de mim, com um bom emprego, um ótimo salário, um novo marido, uma terceira filha e muito amor, porém, ainda faltava alguma coisa e não sabia o que era. Estava sempre em busca desse algo mais. Comecei a faculdade de administração, fui promovida a gerente administrativa, vivia numa rotina frenética de muito trabalho e pouco tempo para a família até descobrir um câncer de tireoide muito agressivo. Quanto medo inundou meus dias, quanta tristeza, quanta insegurança.

Apesar do choque, encontrei naquelas três crianças a força necessária para encarar um árduo tratamento. Aos 33 anos passei por cirurgia e iodoterapia. Tive crises horrorosas de falta de cálcio, muitas dores e sofrimento. Vi de perto a fragilidade da vida e soube que viver só valeria a pena se fosse com liberdade para fazer o que eu amava. Ali, comecei a repensar o que queria. Relembrei o sonho de cozinhar, que morava em mim desde a infância.

Ao sair do hospital, entre um tratamento e outro, o improvável aconteceu: engravidei. De antemão a médica já avisou: “Não faça planos para esse bebê. Ele não vai sobreviver. Você está enfraquecida e a medicação do tratamento é muito forte”. Fui levando os dias,

sem perder a esperança. Ela veio ao mundo prematura, pequenininha e com uma força imensa.

Voltar ao trabalho depois da licença maternidade era um sacrifício quase intransponível. A bebê não aceitava a mamadeira, chorava de fome enquanto eu fazia o percurso de cerca de duas horas entre os extremos da capital paulista. Pedi demissão, peguei a rescisão e me dediquei à caçula como eu não havia feito pelos mais velhos. Todavia, apesar de nosso amor pelos filhos não ter fim, o dinheiro tem. E acabou. Se eu necessitava de renda que ela viesse agora de um trabalho que realmente me dava prazer: cozinhar!

Preparei um cardápio caprichado. Comprei uma caixa de isopor para os refrigerantes e garrafas de água, uma térmica para as tortas. Instalei o bebê-conforto no banco traseiro do carro e lá fui eu, com fé, vender quitutes em frente ao campus de uma universidade. Ao final do primeiro mês já se formavam filas à espera dos meus produtos. Dos alunos também vinham encomendas de tortas inteiras. Assim que eu chegava em casa com o dinheiro das vendas e a louça por lavar, a segunda jornada começava. Enquanto minha filha do meio cuidava da bebê, a mais velha, minha sogra Josefa e eu preparávamos o que seria vendido no dia seguinte. Era incessante e exaustivo. Conforme cresciam as vendas, eu ia ao mercado, comprava mais ingredientes e assadeiras. Passava o dia, a noite, madrugadas a fio cozinhando, com a ajuda de meu marido, de meus filhos e principalmente de minha sogra, a pessoa que mais acreditou em mim. Sempre soube que nessa vida ninguém faz nada sozinho. Ali, tive certeza.

Continuei a ser a ‘tia da torta’ em frente ao campus até que uma greve muito longa se instalou. Mas as contas não entraram em greve. Para saldá-las, anunciava kits com bolos e salgados para festas. Vendi muito, ganhei muito e gastei na mesma proporção. O dinheiro chegava e saía sem que eu visse por qual ralo ele havia escorrido. Eu não sabia como cobrar, não calculava gastos para a produção de cada item. Trabalhava muito e ainda não tinha lucro.

Em 2018, vi na subprefeitura um cartaz do Consulado da Mulher. As inscrições estavam abertas. Eu nunca tinha ouvido falar daquela instituição que se propunha a fortalecer mulheres empreendedoras. Mas eu confiava na Consul. Era a marca dos produtos que eu tinha em casa, que há anos eram testemunhas e parceiros silenciosos de minha luta. Me inscrevi, fui selecionada e já na primeira aula fechei meus olhos e agradei: ‘meu Deus, achei o meu caminho’.

Os encontros aconteciam uma vez por semana, duravam cinco horas de muito aprendizado, de virada de chave, de redescoberta. Aprendi a separar os gastos da minha empresa, a Doce Encanto, das compras da casa. Aprendi a pesar, medir, custear, precificar. Aprendi a poupar e produzir seguindo regras da Vigilância Sanitária, fotografar, divulgar, embalar. Hoje tenho duas certezas na vida: a morte chega para todos e o Consulado transformou a Doce Encanto.

Ao final de 2019 nossa equipe já tinha oito pessoas, mulheres precisando de um apoio como eu um dia precisei. Eu estava tão feliz, tão realizada, e via o tamanho das minhas conquistas no orgulho que minha sogra sentia de mim. Tantas vezes, enquanto todos dormiam, era ela que me fazia companhia entre o preparo de um brigadeiro, um bolo e outro. Quando veio 2020 a Doce Encanto festejava uma agenda de eventos fechada até setembro, mas em março instalou-se também a pandemia. Tudo foi cancelado. O mundo se fechou em casa. Eu, como tanta gente, perdi minha fonte de renda, e perdi muito mais.

Dona Josefa, que me estendeu os braços tantas vezes, testemunhou o flagelo da covid-19. Foi internada com insuficiência respiratória, passou 30 dias entubada e não resistiu. Nós perdemos o ar ao nos despedirmos de nossa Josefa. Muita gente me criticou quando desisti do meu emprego para cozinhar. Só dona Josefa não duvidou de mim nenhuma vez. Só ela repetia à exaustão: “Antônia, vai dar certo. Um dia sua história estará na televisão”. Ao perdê-la achei que não teria forças para colocar meu empreendimento de pé.

Porém, o Consulado realmente estava ao meu lado. A equipe me ouviu, acolheu e ofereceu a mentoria de um voluntário, o Douglas Reis, executivo da Whirlpool. Foram as palavras dele que me colocaram de pé. Se não havia evento presencial, criamos a possibilidade de mini eventos familiares. Minhas filhas assumiram as colheres e as redes sociais. A mais nova, autointitulada gerente de marketing da Doce Encanto, começou com postagens no Instagram, divulgando os brigadeiros e propondo o dinheiro de volta a quem não gostasse do que provou. Nunca precisei ressarcir ninguém.

Novos clientes nos descobriram, outros mercados foram abertos. E aquele ano de tanta tristeza foi ganhando nergas de luz e alegria. Como as palavras proféticas de dona Josefa sempre alardearam, minha história foi mesmo parar na TV e no cinema! Fui convidada a participar do Documentário “Todo dia é dia”, com amostras da transformação promovidas pelo Consulado da Mulher.

Já tenho dois filhos na universidade. E numa dessas madrugadas, enquanto enrolava brigadeiros com a ajuda dos três mais velhos, comentei que só um dos meus sonhos não se realizou ainda. Como boa leitora que sou, um dia quero ter a minha história registrada em um livro, para que meus netos reconheçam a receita da vida de sua avó eternizada nas páginas impressas. No dia seguinte, a equipe do Consulado me ligou com um convite emocionante: fazer parte do livro que registra os 20 anos desta instituição transformadora. O que você lê agora é meu sonho se tornando real. Mais um. E só foi possível porque o Consulado esteve ao lado desta mulher.





O batismo



mulher como prioridade, como objetivo e destino. Promover o desenvolvimento de uma mulher e, através dela, de uma família, de uma comunidade, de uma nação era a jornada que o Consulado queria percorrer. Investir naquela que é o esteio e o arrimo de cada lar. E quem dera a necessidade não fosse tão imensa.

Em 1998, segundo o IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, mais de 11 milhões de famílias eram chefiadas por mulheres no Brasil. Em 2002, quando a instituição nasceu, 14.838 milhões. Os números saltavam aos olhos, sobrava gente desamparada à espera de atenção. Faltavam formas de abordagem, protocolos de trabalho. Faltava um nome. E foi quando ninguém mais esperava que ele surgiu, como se fosse sussurrado por milhares de mulheres que ansiavam pela chegada do Consulado.

Uma importante reunião aguardava Inês e uma consultora. O trânsito na capital paulista, como de costume, não andava. As ruas se tornaram um enorme estacionamento perto do consulado americano, à época no elegante bairro dos Jardins. Tudo parado. Sem ter o que fazer, vendo o acelerar dos ponteiros do relógio, elas sucumbiram ao nervosismo. O atraso era culpa do consulado americano! E se deram conta que não estavam ali por acaso. Consulado era “Consul Ao Lado da Mulher”.

Representava ainda mais. Aquele seria um consulado que recebia pessoas que precisavam de abrigo contra a falta de oportunidade, contra as injustiças e desigualdades. Dito e feito. Consulado da Mulher virou nome de uma iniciativa de inclusão. A ideia era abrir as portas nas cidades onde estavam as fábricas da Whirlpool e começar plantando a semente da solidariedade. Os colaboradores de todas as plantas foram convidados a oferecerem ao projeto seu apoio voluntário, a compartilhar seus saberes e talentos com mulheres de norte a sul do Brasil.

De cada cidade foram surgindo engenheiros que poderiam ensinar elétrica, administradores com vocação artística, advogados com experiência em pintura, montadores craques em matemática. A vontade de ajudar estava em muita gente, encapsulada pela pressa, pela rotina, pelo comodismo.

Guilherme Nehring é designer industrial por formação. Descobriu-se voluntário quando a notícia do nascimento do Consulado da Mulher passou a circular pelos corredores da empresa. Abraçar a causa, para ele, era pouco. Ele queria colaborar para o parto, ver aquele projeto chegar ao mundo desde sua concepção e fazer dele um gigante transformador. “Quando tudo começou fizemos uma instalação, quase uma obra de arte coletiva, para

apresentar a iniciativa aos colaboradores. Usamos materiais reaproveitados de dentro da empresa: monitores, compensados de madeira, plástico. Elaboramos um túnel decorado. Era o caminho por onde as pessoas saíam da fábrica e entravam na realidade alheia. Viam fotos de violência doméstica para entender o que enfrentam as mulheres em situação de vulnerabilidade, caminhavam no exercício de praticar a empatia. Cruzavam também um varal com fraldas penduradas e em cada uma delas havia um rosto de mulher impresso. Por fim, o corredor se estreitava, todo concebido em lycra. Sair daquele ambiente apertado permitia que as pessoas renascessem, como se vivenciassem um novo parto, uma nova vida de solidariedade, de generosidade, partilhando suas experiências e conhecimentos com o Consulado da Mulher”, conta ele.

Desde as primeiras reuniões compareceram muitos profissionais engajados, gente imbuída em boas intenções. E à medida que a notícia se espalhava surgiam de todos os cantos mulheres à procura de acolhimento. Os investimentos eram feitos pela Whirlpool para semear o Consulado, aproveitando a estrutura das unidades fabris da empresa de cada cidade. Por estratégia, Rio Claro, no interior de São Paulo, foi escolhida para receber a primeira unidade. Era uma cidade menor, mais acolhedora, e oferecia maior facilidade de acesso ao poder público. Prefeito, vereadores e a equipe de ação social do município se tornaram parceiros naquela fábrica de generosidade. “O Consulado da Mulher foi a iniciativa pioneira na criação de uma consciência coletiva sobre a importância de um mundo mais igual, sustentável e justo”, reflete Renato Cerri, Diretor de Consumer Care.





**Com a
força da
ancestralidade**

Era de vestido engomado, fita nos cabelos, meias e sapatos de boneca que minhas irmãs e eu rompíamos as ruas de Rio Claro. Obra de dona Aparecida, minha mãe que, proibida pelo meu pai de se enfeitar, investia com esmero na arrumação das três filhas. Não havia quem não comentasse a beleza das suas meninas. Eu mesma parecia uma boneca. Mas em nada me parecia com o modelo de boneca que conhecia: sempre branca de cabelos coloridos.

Minha mãe, que não pode estudar, sempre exaltou a importância do conhecimento, fosse ele qual fosse. Ela ensinava aos filhos tudo o que sabia, pois sabia que, um dia, as lições seriam úteis: lavar roupa, pregar botões, cozinhar. Já meu pai não achava que meninas deveriam ter diploma, nem amigos, nem viagens para sonhar. Entendendo que a vida passa rápido demais e que tudo o que temos é o agora, dona Aparecida preparou os filhos para a própria independência. Nos ensinou que poderíamos contar uns com os outros, e desde muito cedo essa literal fraternidade foi colocada à prova.

Minha mãe descobriu um problema cardíaco, mas não perdeu a vontade de viver. Em uma segunda-feira, quando ela tinha 47 anos, me disse: “Isabel, você fez tanta coisa nessa vida que acho melhor você estudar. Mulher precisa estudar. Vá cuidar de você”. No dia seguinte ela encerrou sua biografia. Era cedo demais, para ela e para nós. Entretanto, já estava claro que eu precisava buscar o meu espaço, ser a mulher com estudos que ela esperava que eu fosse.

A contragosto de meu pai, fiz as malas, assumi a alcunha de Bell Rezende, adquirida no teatro, e parti para Campinas, cidade grande, referência, endereço da prosperidade. Lá eu sabia que dependeria de mim mesma. Para estudar serviço

A história de Bell Rezende



social em uma universidade particular de ponta, de elite, eu tinha que trabalhar. Minha capacidade de comunicação me rendeu uma vaga como vendedora em um shopping igualmente de classe A. Fiz sucesso me desdobrando por cinco anos entre as vendas e as aulas no curso matutino. Até Fernando Collor assumir a presidência do Brasil, mudar a política econômica e tirar o rumo de milhões de brasileiros com o confisco da poupança. Eu perdi o emprego no shopping e precisei de muito jogo de cintura para me manter entre um evento e outro. Nas horas vagas, fazia e vendia lanches, licores, tapetes de crochê, artesanatos com o talento ancestral herdado de minha mãe. Me mudei para uma casa mais barata e ainda mais longe, contava os centavos para o transporte e a comida, quando havia centavos... Já no final do curso não havia nem o que comer. Eu chegava pela manhã à universidade e lá permanecia até o fim do turno da noite. Ganhava um lanche das amigas, a carona de uma professora, e assim me formei assistente social. Formar mesmo foi só um tempo depois, quando pude colar grau na secretaria da faculdade.

Eu havia avançado muito após sair de Rio Claro. Entretanto, precisava visitar minhas origens, os laços estabelecidos com meus irmãos a pedido de minha mãe falavam mais alto. Minha irmã adoeceu. Passei a me revezar entre os cuidados com ela e trabalhos de ajudante de laboratório e cuidadora. Vendi colares nas ruas em frente à Unesp, até prestar um concurso público. A angústia de ver sua saúde se esvaindo só não era maior do que a ânsia da espera pelo diagnóstico. Em tempos de epidemia de HIV, quando a ciência ainda engatinhava no conhecimento sobre a doença, me despedi dela. E justamente naquele momento de partida, de morte, tantas outras irmãs chegaram a minha vida.

Em 2002 eu soube que o Consulado da Mulher abrisse as portas em minha cidade. Eu atuava com políticas públicas para mulheres, conhecia o drama das vítimas de violência doméstica, das ex-presidiárias, das mulheres LGBTQIA +. Passei a doar meu tempo para fazer o tempo delas melhor, para apresentar esperança, inclusão, acolhimento. Era o que o Consulado promovia. Então, decidi juntar forças com aquela instituição em 2007. Pensei: ‘o que posso ensinar para essas mulheres?’ Entre as tantas técnicas de artesanato que eu dominava estava a arte de fazer bijuterias com folhas de revistas. As portas do Consulado se abriram para mim e a arte permitiu que tantas mulheres abrissem também seus corações. As tiras de papel puxavam o fio da meada, as histórias de uma se bordavam aos dramas da outra, e a conversa fortalecia a todas. Era tanta beleza que nascia ali...As materiais e as impalpáveis.

Logo depois, o Consulado, ferrenho defensor da economia solidária e do comércio justo, me ofereceu a oportunidade de vender meus produtos no Ponto Solidário, a loja com produtos feitos pelas mulheres ligadas ao Instituto. Fazia feiras expondo o que eu produzia com cor e afeto. Ampliei meu alcance e minhas conquistas. Aprendi nas aulas o que nem a vida, nem a faculdade, me ensinaram: precificação, marketing, como agregar valor aos produtos, dar a eles uma identidade, embalagens corretas. Entendi a importância de trabalhar a imagem do que eu vendia.

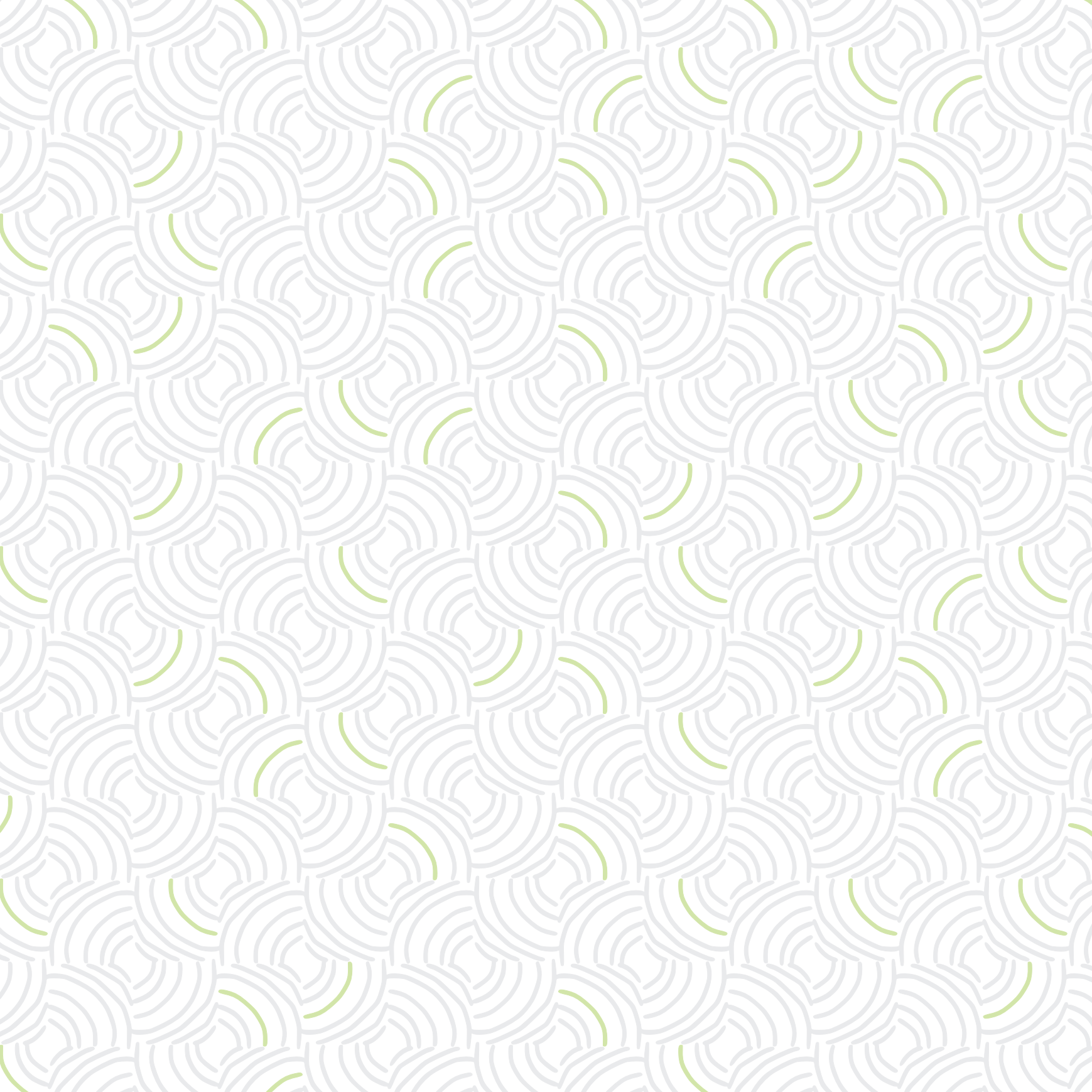
Tornei-me conhecida na região, porque com arte eu acessava a alma de outras pessoas. A arte me levou ao movimento de mulheres, ao combate à violência. E reconheço que o Consulado foi um divisor de águas para mim. Hoje sei que sou indicada para assumir posições porque a equipe do Consulado acreditou em mim, me empoderou. Hoje uno o conhecimento empírico e o aprendizado oferecido naquelas aulas. Tranço linhas enquanto costuro abordagens sobre raça, gênero e etnia. Hoje sou uma referência no artesanato e nas questões do feminino.

Aos poucos, recebi convites para dar oficinas pagas em empresas. Quantas vezes ao adentrar a sala de aula percebi no semblante das pessoas a resistência ao ver que a professora era uma mulher negra. Com o tempo a gente acaba aprendendo a ler o idioma do racismo. Mas mesmo distinguindo o preconceito nos olhos alheios, mesmo sentindo na pele a dor da discriminação, não esmoreço. Nessas horas me apego às minhas ancestrais, dou as mãos à todas aquelas que vieram antes de mim para quebrar barreiras. As mulheres arrancadas do solo africano durante a era da escravidão estão comigo, estão em mim, me fortalecendo para enfrentar minhas próprias batalhas.

Amparada por elas, trabalhei. Inspirada por elas, criei e acolhi. Com a luz que brilha nelas e em mim ganhei o Prêmio Ruth de Souza, que homenageia as mulheres que se destacaram no enfrentamento ao racismo e na promoção da igualdade social. Esse prêmio não é só meu. É de dona Sebastiana, minha avó que ficou viúva após o suicídio de meu avô, e sustentou os três filhos lavando roupas e fazendo marmitas. Esse prêmio é também de minha mãe, que foi empregada doméstica e parou de estudar aos 8 anos. Venho de uma escola de mulheres que nunca pensaram que seria impossível ir além. Movimento o coletivo Feira das Pretas e o artesanato nascido de minhas próprias mãos. Exponho em cidades de toda a região as bonecas Abayomi, lindas desde seu nascimento. A história aponta que para acalantar seus filhos durante as apavorantes viagens a bordo dos tumbeiros, os navios que faziam o transporte de pessoas escravizadas entre África e Brasil, as mães africanas rasgavam

retalhos de suas roupas e teciam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós. Surgiam ali, do medo e do amor, amuletos de proteção. À minha imagem e semelhança, com roupas coloridas e enfeites nos cabelos, teço as minhas Abayomis, símbolos de resistência.

Com essa resistência não reclamo, não murmuro, não me deixo abater. A minha receita para resistir é entender que estou aqui porque minhas ancestrais deixaram um legado e uma responsabilidade. Tenho que reverenciar aquelas que lutaram, morreram, sofreram para eu estar aqui, tenho que valer o seu esforço. A menina que mora em mim, representada por tantas bonecas que já saíram das minhas para tantas mãos, quer a sua boneca levando amor e esperança para outras meninas.





Rio Claro

Num Brasil que ensaiava seus primeiros passos, ainda era verde por natureza, a peregrinação em busca de minérios virou palavra de ordem. Para encontrar a prosperidade debaixo da terra, no século XVIII, paulistas começaram a migrar para o Mato Grosso, atraídos pelo ouro reluzente. Há relatos de que desde 1719, mulheres e homens já cruzavam as florestas e sertões de Araraquara, que compreendiam os atuais territórios dos municípios de Rio Claro, Araraquara, São Carlos e Descalvado.

Logo a região virou um ferredouro. A partir das concessões de sesmarias, fazendeiros abastados faziam morada, trazendo escravos, agregados, força e dinheiro. O município ganhou o direito de ser reconhecido como cidade em 1845. Na época o nome do santo ainda vinha na frente, como para proteger os que ali residiam. São João do Rio Claro só teve seu nome simplificado para Rio Claro em 1905. Foi lá, em 2002, que o Consulado instalou sua primeira casa, no melhor sentido da palavra.

A ideia era fomentar o empreendedorismo popular para mulheres de baixa renda e pouca escolaridade. Alicerces para os saberes compartilhados eram os voluntários da Whirlpool, que ensinavam de tudo: computação, pintura, marcenaria, manutenção elétrica, criação de bijuterias, música... Em pouco tempo, quem era aluna da casa e havia chegado sem renda, sem alimento, sem esperança, começava a fazer dinheiro com o que aprendeu. Os resultados apareceram tão depressa que uma usina de trabalho foi criada com cooperativas entrelaçadas. Na lavanderia que foi instalada, as mulheres lavavam com perfeição todo tipo de roupas, preservando os fios, removendo com segurança manchas de caneta, molho, batom, de vinho. Sabiam

Em março de 2002 chegamos em Rio Claro



OPORTUNIDADE
Consulado inicia em RC trabalho de auxílio e geração de renda à mulher

A Multibrás inaugura hoje na Avenida 3 o Consulado da Mulher. Através de cursos e oficinas, as mulheres podem ter uma profissão e encontrar alternativas para sustentar seus filhos. O local abriga cozinha completa, sala de informática, brinquedoteca, áreas para psicólogos. As atividades do projeto também envolvem iniciativas culturais e artísticas.
Página 8

Muitas mulheres vivem em condições precárias por falta de oportunidade

DIA-A-DIA
Rio Claro (SP) - Instituto, 27 de março de 2002
Jornal Diário de Rio Claro - Página 8

Multibrás inaugura Consulado da Mulher

Muitas mulheres vivem em condições precárias por falta de oportunidade no mercado de trabalho. Os problemas se agravam quando os filhos precisam sair de casa para vender produtos nas esquinas e começar a trabalhar sem ter qualificação adequada para o mercado de trabalho.

Da Redação: O Consulado da Mulher em Rio Claro, que oferece cursos e oficinas para as mulheres, oferece um espaço para que elas possam aprender a trabalhar e gerar renda para sustentar seus filhos. O local abriga cozinha completa, sala de informática, brinquedoteca, áreas para psicólogos. As atividades do projeto também envolvem iniciativas culturais e artísticas.

DADOS DA MULHER EM RIO CLARO

- 85% da população é feminina
- 30% da população de 16V possui alto nível de escolaridade
- 40% de mão-de-obra empregada é formada por mulheres
- 90% de mão-de-obra em parceria de mulheres de 15 a 18 anos
- São registradas 2 casos de violência contra a mulher por dia

NO BRASIL

- 40% das mulheres são economicamente ativos
- 7% das mulheres recebem mais de 20 salários mínimos
- 30% são chefes de família
- 70% sofrem violência nos relacionamentos

Fonte: IBGE e 2002 Inova Mulher de Educação

costurar e customizar peças e aprenderam a atender, a vender, a embalar. A renda era dividida entre as cooperadas.

Porém, não adiantava fazer sabonete de ótima qualidade, produzir colares diferenciados, aprender a comercializar e no final entregar todo o dinheiro conseguido com o suor do próprio rosto nas mãos do marido. “Como a gente poderia fazer essa desconstrução de forma tranquila e respeitosa? Começamos, então, com estudos de gênero, com inclusão. Ajudamos a estabelecer um modelo de microcrédito para pequenas empreendedoras com o apoio de um banco parceiro. Nós formamos a Banca da Mulher Empreendedora. Ensinávamos a produzir e também fazíamos a capacitação para a gestão e qualificação do negócio”, conta Inês Acosta.

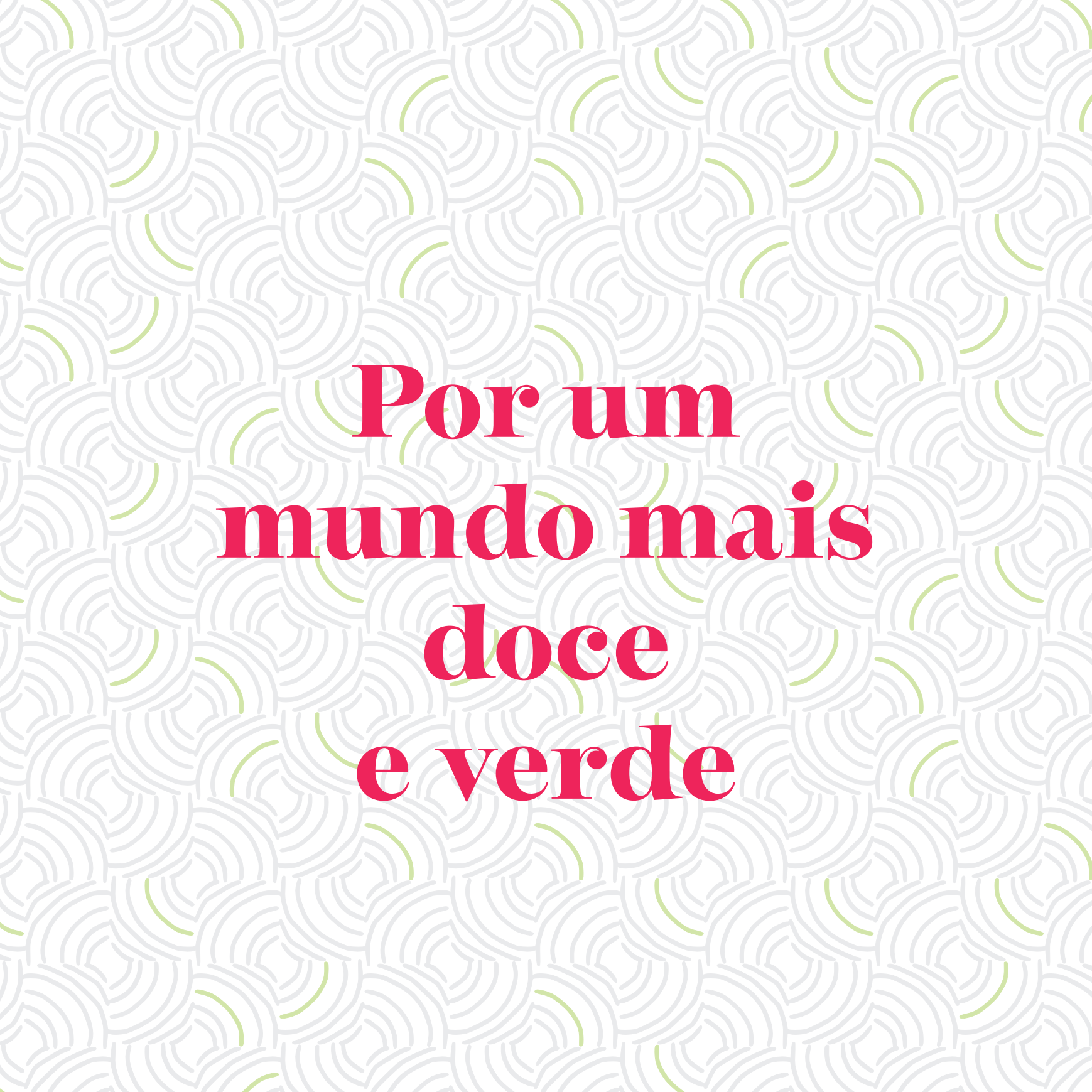
Aos poucos, os impactos do Consulado da Mulher se estendiam por toda a sociedade rio-clarense. Tudo o que envolvia o universo feminino envolvia o casarão. Reuniões da prefeitura, do Senac, dos conselhos municipal e estadual da mulher, do Ministério Público incluíam o Consulado. A equipe foi treinada por promotoras de justiça para lidar com casos de violência doméstica e sabia o encaminhamento eficaz para cada vítima. O conhecimento compartilhado ali viajava longe... “Eu tenho certeza que cada uma das mulheres emancipadas impactou pelo menos outras cinco pessoas, no mínimo. Na verdade, se pensarmos no quanto essas mulheres cresceram, nos ganhos que elas levaram às suas famílias e comunidades, podemos pensar em mais de 10 pessoas que melhoraram de vida graças à cada mulher atendida pelo Consulado. É um impacto social muito grande. Elas não só aprendem a produzir, embalar e vender um produto. Elas se emancipam política e socialmente, elas descobrem que são capazes e que não precisam depender dos maridos, dos pais, dos companheiros, dos homens que estão à sua volta. Elas aprendem a cuidar de si mesmas e dos seus”, relata Célia Regina Lara, ex-coordenadora do Consulado na cidade. “A experiência de conviver tanto com as pessoas que trabalhavam no Consulado, quanto com as mulheres que chegavam à procura de oportunidade e ajuda, era indescritível. Era um trabalho que eu ganhava para fazer, mas fazia de graça, pois era muito aprendizado”, diz ela.

Aquela casa bonita, que estava sempre de portas abertas, foi atraindo a população. Vinham aquelas que precisavam de afeto e alimento, aquelas a quem faltava tudo, e aquelas que tudo tinham mas precisavam alimentar a alma. Eram mulheres inseridas na sociedade, mas que não tinham renda. Tinham formação e, ao mesmo tempo, dependiam do dinheiro do marido para comprar um café, uma blusa, um remédio e até para fazer caridade. A equipe

da instituição entendeu a necessidade, compreendeu que elas não eram o foco da atuação. Todavia, não poderiam ser deixadas de lado.

Aos poucos, oficinas que trabalhavam autoestima, valorização, empoderamento, fortaleceram todas elas, criaram laços antes inimagináveis, e o milagre da multiplicação se fez presente. Cientes de si, de suas qualificações, conscientes dos problemas das colegas de classe que dividiam suas histórias em cada encontro, pintoras se tornaram professoras de pintura, artesãs expunham os segredos da arte de tecer tapetes. Os pontos do crochê ficaram acessíveis a quem quisesse aprender. Algumas mudaram a própria vida ensinando. Outras, aprendendo. E todas ganharam, vendendo juntas obras de arte nascidas da ternura.

Da criatividade das mulheres empoderadas pelo Consulado surgiram quitutes deliciosos, novos negócios, novas artistas reconhecidas na cidade e na região. A geração de renda acontecia em feiras especializadas, em eventos particulares e até dentro da Whirlpool. Um ponto de comércio solidário foi fundado. A escala de atendimento possibilitava que as mulheres cuidassem dos filhos, da casa e ainda assegurassem renda. De mãos dadas, teciam colchas, telas, flores, roupas e futuros. “Todo mundo tem algo para contribuir com a vida de alguém, para transformar uma realidade. Não é complicado, só exige um olhar atento, um ouvido atento. Exige estar presente de verdade no que você está fazendo. Quando eu saía do meu escritório e entrava nas oficinas estava ligada em cada pessoa. Esse olhar cuidadoso que hoje eu tenho com o próximo não é um talento especial. Foi uma habilidade que o Consulado me deu. Sem que nós percebêssemos, éramos treinadas a olhar o outro, as necessidades do outro, a ler o que as palavras não diziam. Por essa experiência sei que nossa capacidade de ajudar a transformar a vida das pessoas é muito grande. Não dá para passar por lá e sair igual. Você se transforma transformando o outro. É um bônus”, explica Célia.



**Por um
mundo mais
doce
e verde**

Nasci em Rio Claro, uma cidade batizada por suas águas, mas sempre foi na terra que me encontrei. Meu sonho era estudar agronomia, plantar vida, acompanhar o germinar da semente, o brotar das folhas, o florescer e o frutificar. Havia um pouco de minha mãe no encanto que eu tinha pelo que a terra dava. Ela foi uma mulher à frente do seu tempo. Em 1954 se formou nutricionista pela Universidade de São Paulo. Na turma só estudavam seis mulheres. Casou-se com meu pai e foi abandonada por ele, com as filhas para criar. Uma mulher que construiu sua identidade se impondo frente aos preconceitos. Sempre tive como exemplo a força que ela reuniu para enfrentar preconceitos e dificuldades, e que precisou para assumir sozinha a casa e as filhas pequenas.

Ser agrônoma era meu objetivo, porém não consegui passar no vestibular da ESALQ, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da USP, referência no estudo das ciências da agronomia. Então, aceitei a segunda opção. As artes sempre falaram mais ao alto ao meu coração, sempre me fizeram viajar para longe e para dentro, sem sair do lugar. Os olhos treinados pela perspectiva artística para admirar traços precisos, pinceladas repletas de emoção, também admiravam o desabrochar das orquídeas, as jabuticabas a tingir de preto os troncos, a exuberância da flor do maracujá. E nada do que me enchia os olhos estava no trabalho bancário. A carreira entre números e notas pagava as contas, só não pagava minha paz. Foi como alternativa a uma vida rígida, entre paredes, que não cabia nos meus sonhos, que nasceu a Chácara Alternativa.

É mais que um trabalho. É mais que o teto que recobre nossas cabeças nas noites chuvosas. É nosso propósito de

A história de Luísa Pinto



vida, um espaço pensado por meu marido Sérgio e por mim para tornar real o turismo pedagógico. Queremos não apenas criar um local para visitação. Almejamos plantar uma semente de responsabilidade ecológica em quem a visita.

Levamos as questões ecológicas, o consumo consciente, o reaproveitamento dos recursos ao p  da letra. A casa foi feita com 80% de material reciclado. Aqui, a água da chuva é captada e reutilizada. Damos uma segunda chance a tudo e a todos. Toda semana, retiramos dezenas de vasos de uma floricultura da cidade. São plantas saudáveis, belas, que perderam as flores e, com elas, seu valor de mercado. Para nós, o valor está na vida. Elas vão para a terra, espalhar suas raízes e sementes, quando   possível. V o para os troncos das árvores quando seu destino for criar raízes aéreas e perfumar as alturas. Conhecemos a fundo as espécies que muitos chamam de mato, as nutritivas PANCS - Plantas Alimentícias Não Convencionais. E reconhecemos as abelhas que tornam o milagre da poliniza o algo real.

Vamos além. Recebemos restos de alimentos de um projeto social que distribui cestas verdes para popula o de baixa renda. Frutas, verduras e legumes danificados alimentam os animais da chácara. E o que é descartado por eles vira fermento da compostagem, feita aqui também.

A natureza em equilíbrio, com espaço para ser pujante e forte, nos d  li es de generosidade. O que uma espécie descarta nutre a outra. Aquela que cresce mais protege as que estão embaixo,   lar, sombra e sustento. Não demorou para os insetos se sentirem em casa, para pássaros fazerem aqui seus ninhos, num refúgio verde ainda dentro da cidade cinza.

Adentrar a porteira da Chácara Alternativa   atravessar um portal para um mundo possível em comunhão com outras espécies, um mundo onde todo material é aproveitado ao máximo, onde gente, bichos e plantas são respeitados como iguais. Talvez por isso começamos a atrair tantos visitantes. São alunos das escolas da região são milhares, todos os anos. Prefeitos, deputados, ambientalistas, universitários já passaram por nossos corredores verdejantes. Alimentar a alma de quem chega   fácil. Basta ver as bromélias coloridas, as mangas que perfumam o ar, as tilápias nadando serelepes nos lagos construídos por nós. Para alimentar o corpo daqueles que passam por aqui criamos um resgate gastron mico, revisitando receitas antigas das panelas de minha mãe, de minha avó, com ingredientes e temperos da terra.

Como valorizamos a gente da terra, passei a contemplar a mudança de personalidade de minha vizinha, uma mulher humilde que conseguiu renda para a família com a instru o adquirida nas reuniões do Consulado da Mulher. Mais do que a própria situa o financeira

ela transformou a si mesma. Abriu-se para o mundo, para os dias. Abriu sorrisos. Eu queria isso para mim também. Me inscrevi no processo seletivo e fui chamada. Entendi imediatamente que aqueles encontros falavam à natureza de todas as mulheres. Após cada aula minha cabeça fervilhava de ideias.

Da estética da chácara ao foco empresarial, da precificação às noções de fotografia e marketing. Tudo foi ensinado pela equipe de Consulado, e mais: tudo foi transformado pela equipe de Consulado. Tínhamos eventos agendados, cursos organizados para acontecer e fomos surpreendidos pela pandemia, como o mundo todo. Os reflexos do nosso avanço predatório sobre a natureza faziam vítimas, aos milhares, de todas as nacionalidades.

Fechados na chácara estávamos protegidos da covid-19, mas não das dificuldades financeiras. Nos vimos sem renda alguma. Para a salvação imediata, conseguimos uma parcela que o Consulado repassou emergencialmente às empreendedoras. Depois, de mãos dadas com o time da instituição, fomos desenvolvendo alternativas. Desengavetei uma receita de bolo de nozes. Como temos na natureza nossa grande parceira, aproveitamos uma safra primorosa de noz pecã e adaptei, elaborando um produto diferenciado e delicioso. Meu marido fez uma caixa especial para embalar o quitute, que chegava ainda quentinho na casa dos clientes. Foi um sucesso!

Depois que a temporada de noz pecã acabou, afinal a mãe natureza tem seus ciclos, passei a assar bolos de maçã, de ora-pro-nobis. Na época da Páscoa, fizemos da cenoura decoração. No Dia das Crianças, bolachas coloridas viravam peças de um jogo de tabuleiro. Inovação que aprendemos no Consulado, misturada à reutilização de materiais que adotamos na rotina.

Da fase mais dura de nossas vidas ao retomar da esperança. Do acolhimento pedagógico adotado com as crianças, à divulgação de nossas atividades. Tudo só foi possível porque o Consulado da Mulher esteve conosco. O Consulado foi sobrevivência, foi amparo e combustível quando precisamos. E me emociona pensar que nunca fui apenas eu. São mais de 38 mil mulheres abraçadas, reerguidas, empoderadas em todo o Brasil. E mesmo nessa multidão de gente, mesmo nesse mar de empreendedoras, eu não sou só mais uma. Para o Consulado da Mulher, eu sou Luísa, da Chácara Alternativa. Sou chamada pelo nome, reconhecida por minhas características únicas, por meus talentos, por minha capacidade. Se o Consulado da Mulher confia em mim, como eu mesma não iria confiar?

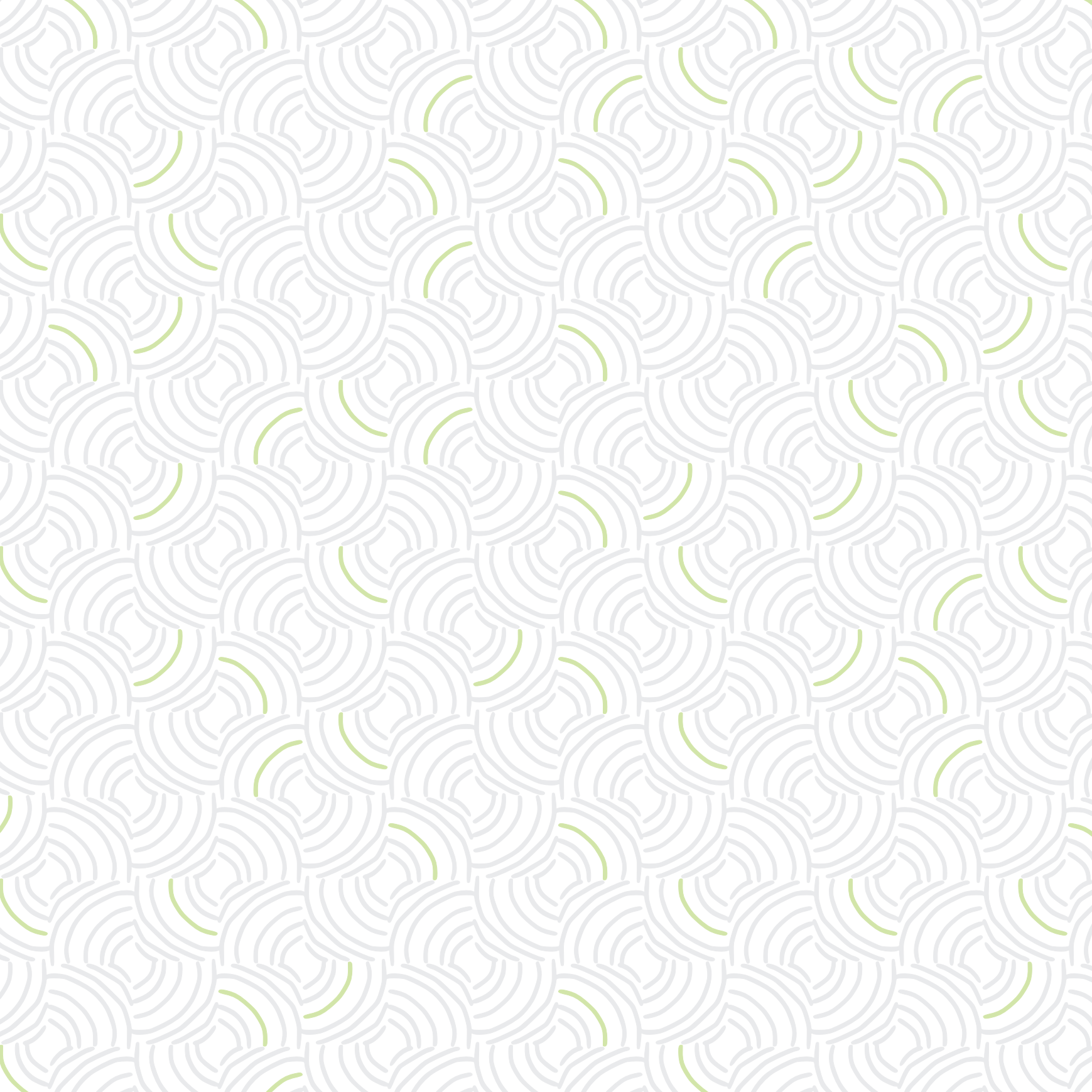
Devagar as visitas vão voltando. Em 2022 começamos com almoços especiais em que o resgate gastronômico se faz presente. Os pratos salgados são preparados por mim. Os doces, por uma colega. Recebemos mais de mil crianças da cidade buscando conexão com

o campo. Em nossa chácara elas entenderam que a natureza não precisa da humanidade para sobreviver. Mas a humanidade não sobrevive sem a natureza.

Quem aparece assina nosso livro de visitantes, com capa de madeira e dobradiça reaproveitadas de um antigo guarda-roupas. Na contracapa se lê a frase de José Henrique de Souza:

“A esperança da colheita reside na semente”

Quero ser semente de um mundo melhor. Mais verde, como a natureza promove, mais justo, como o Consulado da Mulher constrói. Por isso, meu marido e eu transformamos o espaço onde vivemos, transformamos a nós mesmos para, assim, transformar aqueles que nos visitam.





**Os
rodopios
que a
vida dá**

Não calçamos sapatilhas. Mas nos unimos graças aos sonhos e ao talento de nossas filhas bailarinas na ponta dos pés. Sentadas hoje em torno da mesa, juntas, três cabeças diferentes, três mulheres diferentes, vindas de cantos e realidades diferentes do Brasil, sabemos que cada *plié* valeu a pena. Rodopiamos muito para chegar a esse ponto, suamos a camisa para assegurar um lucro condizente com nosso esforço. Seis anos atrás nós sequer nos conhecíamos e hoje compartilhamos uma história. Temos a consciência (e a sorte!) de poder afirmar que o lucro não é o que conquistamos de mais importante.

Meu nome é Nelci Cesco. nasci em Presidente Prudente, no interior de São Paulo. Agora sei que sou uma mulher de força incalculável, mas nem sempre tive essa certeza. Comecei a trabalhar aos 12 anos como babá na casa de uma família e permaneci lá por décadas, fazendo tarefas de faxineira, cozinheira, lavadeira. Descobri na cozinha alheia que nada me deixava tão feliz quanto misturar açúcar, farinha, ovos e afeto em exatas proporções. Tenho orgulho de ser mãe de um rapaz e uma menina, e de conseguir manter um sorriso no rosto seja qual for o desafio que tenha pela frente. Em 2013 minha filha foi um dos destaques nas concorridas seletivas para o Ballet Bolshoi. Eu via nela aquela vocação enorme para a dança, mas a idade não era suficiente para assumir as rédeas do próprio destino. Então, peguei minha filha pela mão e mudei minha própria vida. Fomos nós duas para Joinville, enquanto meu marido e filho continuaram em São Paulo, trabalhando para sustentar aquela empreitada.

Já eu, Soraya Maio, sou de Bauru, no centro-oeste paulista. Dizem que sempre inspiro confiança desde o primeiro olhar. Compenetrada, fiz carreira na administração de clínicas e

A história de amizade e superação de Karina Gondim, Nelci Cesco e Soraya Maio



consultórios e soube com clareza quando era o momento de renunciar ao meu futuro profissional para garantir o da minha filha mais nova. Parti junto com ela para abraçar a vaga em uma das escolas de balé mais prestigiadas do mundo, o Bolshoi. Deixei para trás o marido e minha filha mais velha, na certeza de que estávamos todos unidos por um sonho comum.

Sou Karina Gondim, agrônoma de Recife. Sempre entendi a linguagem da terra. E por compreendê-la, passei anos atuando como analista e, depois, como desenvolvedora de produtos em campo. Já sabia o que sente uma mãe que tem que ficar longe da filha cedo demais para que ela cresça, na vida e nos palcos. Minha mais velha atravessou o Brasil para estudar no Bolshoi em 2010. Tinha 16 anos e a formação quase concluída quando a irmã caçula também foi aprovada na seletiva. Minha primeira bailarina morava em uma casa com mãe social, mas não tinha idade para assumir os cuidados com a irmã. Deixei a capital pernambucana disposta a chegar em Joinville, alugar um apartamento para as duas, mobiliar, reforçar os estoques de comida e de carinho, e voltar ao trabalho na minha cidade. Porém, quando me vi ali, em outra região, outro clima, com minhas duas filhas, soube que não poderia voltar sem elas.

Nos cafés com outras mães do Bolshoi ficava claro que os dilemas não eram só meus: a saudade de casa, a necessidade de dinheiro, as inseguranças... Para somar forças e dividir percalços, tivemos a ideia de formar uma cooperativa de mães para produção de alguma atividade lucrativa. A diversidade estava expressa no cadastro. Tínhamos ali psicólogas, professoras, donas de casa, artistas plásticas de todos os cantos do país. Em comum, todas aquelas 14 mulheres sabiam cozinhar.

A equipe administrativa do balé nos deu todo apoio para colocar em prática aquele sonho coletivo. E ainda nos presenteou com a inteligência e o amparo de uma outra mãe de bailarina, a Darcilene, que era educadora social do Consulado da Mulher. Num ritmo nada coreografado, aceleramos os passos rumo a criação de bolos de pote. Uma mãe nos cedeu espaço na cozinha; outra levou batedeira; outra, as panelas; as colheres vieram também. Seguíamos à risca a receita impressa em uma apostila comprada por mim. Nas horas vagas, entre os bolos, ensaios, as filhas, as casas, quem podia esticava o turno nas aulas maravilhosas do Consulado da Mulher. Mas a rotina, a dureza do tempo, o serviço, as relações, acabaram rompendo laços. A turma de 14 mulheres foi minguando, até sermos cada vez menos “mães de sapatilhas”. Foi nessa época que Nelci chegou, trazendo o remédio que precisávamos quando era ela que buscava a cura.

Enquanto nós, reles iniciantes na arte da confeitaria, produzíamos em uma bateadeira pequena uma receita por vez, que às vezes não crescia, às vezes não tinha sabor, às vezes abatunava, ela batia à mão quatro, cinco receitas a cada fornada. Não tinha desperdício, não tinha exagero e era sempre delicioso. O que ainda não sabíamos é que Nelci sofre de TAG, Transtorno de Ansiedade Generalizada. Para ela era rotina sentir síndrome do pânico, ansiedade, depressão, preocupação constante, agitação e dificuldade de concentração. Sair de casa era um terror e uma necessidade. Foi na cozinha, perfilando saborosos bolos no pote, cheios de amor, que ela apaziguou seu coração e redescobriu o que trazia tempero aos seus dias. Ela precisava de nós e nós precisávamos dela.

Nelci trouxe Soraya, já empregada em um laboratório de análises clínicas durante meio período, mas motivada a se encontrar em outros caminhos. Tantas mães partiram. Coube a nós três calçarmos as sapatilhas do trabalho duro. E nessa dança, tínhamos o suporte do Consulado da Mulher. Veio de lá a nossa logomarca, as lições de gestão e precificação, plano de negócios, cálculos, aulas de fotografia e redes sociais. Foi através do Consulado que conquistamos uma vaga na Feira da Sapatilha, grande evento que reúne artigos variados durante o Festival de Dança de Joinville. Naqueles corredores lotados de bailarinos e coreógrafos famintos vendemos mais de 2 mil bolos de pote. Foi nosso primeiro lucro. Como esquecer?

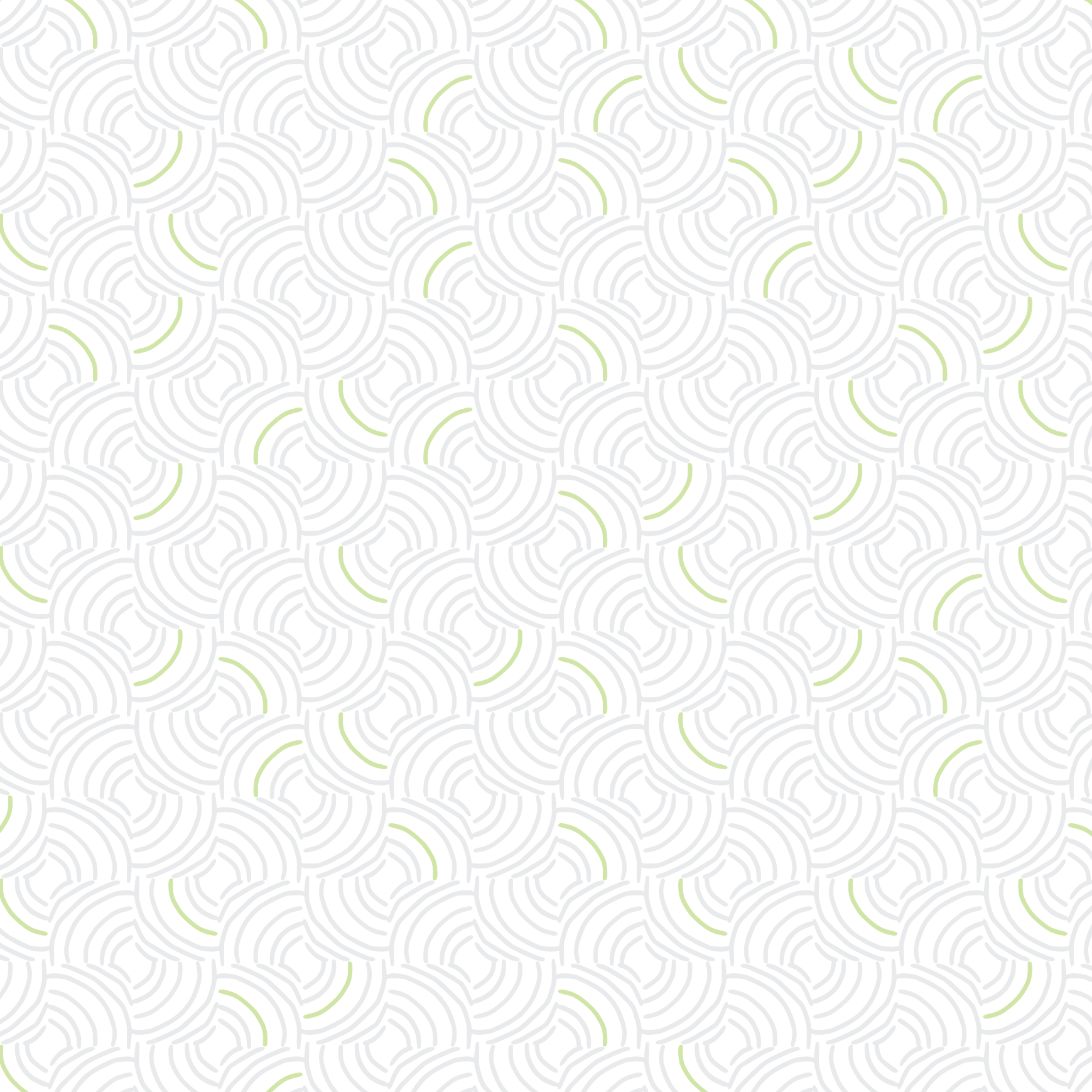
Alugamos uma quitinete para aumentar a produção. O aluguel precisava se pagar e não era raro que saíssemos pelas ruas da cidade debaixo de guarda-chuvas, batendo de porta em porta para vender os bolos e quitar a fatura. Com muito sacrifício, entre quedas e aplausos, fechamos o elo, construimos um negócio, uma relação de confiança e uma meta conjunta: abrir um café. Ganhamos do Consulado um fogão, compramos outros equipamentos, entregamos a quitinete e ocupamos parte da casa de Nelci. O fogão ficava na sala, junto à mesa de manipulação. O pouco dinheiro que sobrava todo mês parecia abençoado para ser a justa quantia para as despesas emergenciais.

Precisamos agora reconhecer que só os bolos não davam renda, não alcançavam lucro, mas vinha deles a fama do “De Sapatilhas”. Uma faculdade nos convidou para servir cafés nos cursos de pós-graduação aos fins de semana. Levávamos a toalha da mesa de casa, a garrafa de café da outra, toda a estrutura necessária e fazíamos misto-quente, salgado, amendoim e bolo de pote. Durante as audições do Bolshoi, que traziam gente aflita na torcida pelos filhos, servíamos os lanches na rua, acompanhados por café quente e um ombro amigo.

Tempos depois, uma amiga de Nelci nos convidou para vender bolos na escola, com autorização do diretor. Quem diria que ali perto ficava um prédio abandonado onde o Festival de Joinville almejava criar uma incubadora de profissionais da arte. Ousamos procurar a direção porque lá tinha um espaço perfeito para abertura de um café. Contamos toda a nossa história, a mistura do amor pela dança com açúcar e amor de mãe. Para nossa alegria, o dono do prédio nos contatou. Queria nos vender o café. Não tínhamos nem o dinheiro da entrada, mas nossa sintonia era tão grande que o convencemos a aceitar nossas condições. Pegamos um empréstimo com o filho de Nelci, parcelamos em 10 vezes a diferença e saltamos em direção ao nosso ponto. Nos esprememos naqueles poucos metros quadrados para nos alargarmos em nossa existência.

Na ponta dos pés, nos equilibramos para produzir, vender, divulgar nas redes sociais as delícias feitas à seis mãos. O bolo de pote hoje é acompanhado por cuscuz, tapioca, crepioca, massas, pratos vegetarianos, saladas, doces, carne de panela, banoffee, tortas, cookies. Tudo preparado com pitadas de carinho. Já não conseguimos mais produzir, comercializar, atender sozinhas. “De Sapatilhas” ajuda também outras mães de bailarinas. Compramos os bolos de pote preparados exatamente como Nelci fazia, para alimentar dançarinos entre um salto *grand jetté* e um arabesque.

Sabemos que não teríamos dado passos tão largos sem ter o Consulado da Mulher a nos amparar. Para Soraya, o Consulado é uma mãe que ensina o filho a andar, que traz experiência para não desistirmos. Para Nelci, é um sopro de vida, que nos disse que podíamos, que tínhamos valor e que transformou uma pessoa que estava dentro de uma concha em uma empreendedora. Para mim é esperança, é uma vida com propósito, capaz de gerar lucros, sim. Mas temos todas a certeza de que mais valiosa ainda é nossa amizade.





Joinville

Uma origem nobre tem Joinville. Brotou como Colônia Dona Francisca, no nordeste de Santa Catarina, após o contrato assinado em 1849 entre a Sociedade Colonizadora de Hamburgo e o príncipe e a princesa de Joinville (ele, filho do rei da França, e ela, irmã do imperador D. Pedro II). Por aquele documento os membros da realeza cediam oito léguas quadradas para que fossem colonizadas. A vila teve o primeiro capítulo de sua história oficial escrito com a chegada da leva inaugural de imigrantes europeus a bordo da barca Colon em 9 de março de 1851. Entretanto, é de muito antes a presença humana em meio às aquelas árvores altas da Floresta Atlântica. Registros revelam que, há cerca de oito mil anos, grupos de caçadores coletores frequentaram a região. Índícios da presença de diversas etnias indígenas também já foram encontrados, gente que perdeu a vida em conflito com os europeus. De acordo com a prefeitura da cidade, antes mesmo da chegada da Companhia Colonizadora, estabeleceram-se na região famílias de origem portuguesa e pessoas negras escravizadas.

Aos poucos a mata nativa, exuberante, biodiversa, foi sendo substituída por culturas de mandioca, cana-de-açúcar, arroz, milho, alimentos que mataram a fome de quem morava ali e dos que aportaram. Por volta da década de 1840, uma grave crise econômica e social assolou a Europa. Fugindo da miséria, do desemprego, de perseguições políticas, milhares de imigrantes fizeram da tal Colônia Dona Francisca seu destino e refúgio. Segundo dados oficiais do município, 17 mil pessoas se instalaram entre 1850 e 1888. Eram, em sua maioria, agricultores sem recursos, atraídos pelo vigor propagandeado de uma terra em que tudo o que se planta dá. Aos brasileiros, africanos e portugueses residentes misturaram-se, ao longo de décadas, alemães, suíços, noruegueses, austríacos, suecos, dinamarqueses, belgas e holandeses, franceses e italianos. Em 1877, Dona Francisca já contava com cerca de 12 mil habitantes e foi reconhecida como cidade.

Santa Catarina viu Joinville se transformar em um dos principais polos industriais do país, recebendo, por isso, a denominação de “Manchester Catarinense”, como referência à cidade inglesa de mesmo nome. Buscando emprego naquele paraíso das oportunidades, migrantes vindos de várias partes do país fizeram de Joinville seu pouso e destino. Não foi à toa que a cidade alçou o posto de maior município catarinense, responsável por cerca de 20% das exportações do estado, com 604.708 habitantes em 2021, segundo o IBGE. É também polo industrial da região Sul, com volume de receitas geradas aos cofres públicos inferior apenas às capitais Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR).

Quando o Consulado da Mulher chegou a Joinville, em novembro de 2002, o endereço da esperança ficava em uma casa no centro, acessível para gente de todos os bairros. Era um refúgio para receber quem precisava de abrigo, um lugar bonito, acolhedor, com jardim florido e salas espaçosas. Corredores, copa, cozinha, quartos, cada vão da casa foi transformado em oficina para a transformação de gente.

Desde a reforma e adaptação da casa Paulo Dalfovo estava lá. Voluntariou-se logo na concepção do Grupo de Ação Local, formado para preparar os primeiros passos do Consulado na cidade. Ele estava acostumado a trabalhar para tornar um pouco mais leve a dureza da vida de outras pessoas, e assumiu novas funções. “Eu estava me formando em elétrica e aproveitei os conhecimentos para dar aulas para as mulheres acolhidas pelo Consulado. Ensinava a trocar lâmpadas, consertar chuveiros, tomadas. Noções simples que davam autonomia a cada uma delas. Peguei gosto. Fui estudar economia solidária e percebi que aquele era um caminho sem volta. Eu estava graduado, tinha tudo para construir uma carreira brilhante dentro da indústria, mas encontrei um novo propósito. Assumi a vaga de Coordenador de Geração de Trabalho e Renda”, conta Dalfovo.

Nas últimas duas décadas o Brasil teve diferentes governos, políticas e situações econômicas. E neste cenário de tantas mudanças o Consulado da Mulher foi se adaptando, ajustando seus processos e abordagens, sempre ao lado das mulheres mais vulneráveis. Ao longo dos anos, milhares de pessoas receberam o respaldo, o abraço e o amparo do Instituto. Mães, esposas, filhas, irmãs tiveram suas histórias reescritas ali.

Durante mais de cinco anos, debaixo daquele teto eram oferecidas oficinas de tudo um pouco: de massagem para bebês a pintura, de reciclagem a autoestima. “Depois de um tempo, a gente percebeu que a casa numa área central atraía algumas mulheres que moravam na vizinhança, que tinham um bom poder aquisitivo, estavam viúvas ou não trabalhavam fora. Elas tinham tempo disponível e iam lá para fazer oficinas, para conversar e socializar. Era importante, mas não era esse o nosso propósito. As mulheres mais vulneráveis estavam nos bairros distantes. Muitas vezes não vinham por não ter dinheiro para o ônibus, por não se sentirem pertencentes, ou porque a roupa delas não estava boa. Para atender às mais vulneráveis e de baixa renda, a sede do Consulado migrou para dentro das instalações da Whirlpool e as equipes passaram a realizar as oficinas em campo, nas periferias”, conta Leda Böger, diretora executiva do Instituto Consulado da Mulher.

Ficou escancarada a diferença. Com a equipe do Consulado nos bairros, quem mais precisava de ajuda tinha o socorro ao alcance das mãos. As atividades e capacitações passaram a

ser feitas nas associações de bairros, salas de reunião e em outras instalações das próprias comunidades. Em Joinville, o Consulado deu todo o respaldo para a produção e venda de artesanatos criados pelas próprias empreendedoras. Como não havia um lugar definido para venda, virou costume expor aquelas peças lindas na praça, no coração da cidade, ponto de passagem de todo mundo. “Virou referência. Aos poucos o número de bancas foi crescendo até ganhar uma enorme proporção. Agora, a Feira do Príncipe fecha várias quadras com produtos de qualidade e beleza que nasceram das mãos dos artistas locais, que muitas vezes começaram a desenvolver suas habilidades nas oficinas do Consulado da Mulher”, relata Dalfovo .

A instituição também apoiou a formação e atuação de duas cooperativas: uma de horta orgânica, que permitiu o acesso à alimentação de qualidade, sem agrotóxicos, para famílias carentes; e outra de produção de vassouras com garrafas pet. “ As cooperadas faziam um trabalho incrível de transformação de um material que iria para aterros sanitários, ou seria descartado de maneira irregular, em um produto útil e durável. Tenho uma vassoura da cooperativa em casa há anos e ela continua em perfeito estado”, conta Guilherme Nehring, que acompanhou de perto o trabalho, impressionado com a competência de cada artesã. O resultado era visível na transformação dos materiais e das pessoas.

“Percebemos que o poder público na cidade também mudou com a presença e a eficácia dos trabalhos do Consulado. Atualmente a Secretaria de Assistência Social também faz um recorte de gênero para a geração de renda e empreendedorismo, e isso foi reflexo dos nossos resultados e da participação ativa nos Conselhos Municipais”, ressalta Paulo Dalfovo. Mulheres de todas as idades, sozinhas ou em família, que chegaram expondo aos poucos ou escancarando sua fragilidade, verteram lágrimas, juntaram os cacos, encontraram refúgio e recomeço, para depois serem catapultadas ao destino grandioso que sempre foi direito delas.



**Doutora
em
felicidade**

Uma casa recheada de açúcar, de afeto, de tradições e de música. Assim era, para mim, a casa de meu avô. Ele saiu da Alemanha para tentar a vida no Brasil, mas a Alemanha nunca saiu dele. No imóvel de dois andares, assoalhados com longas tábuas corridas em Joinville, Santa Catarina, a família toda falava alemão fluentemente e dançava embalada pelas canções tradicionais de lá. Era ali que a gente se reunia para preparar biscoitos natalinos, amassados pelos adultos, pintados pelas crianças com glacê, criatividade e bolinhas coloridas. Quando fui estudar administração e comércio exterior em Curitiba fazia questão de visitar meu avô em férias e feriados. Voltei após estar formada atraída pelo carinho e pelo perfume do bolo fumegando todos os fins de semana. Trabalhava no setor de câmbio de um banco, enquanto sonhava com dias mais adocicados. Meu noivo e eu pretendíamos abrir uma casa de chá no antigo endereço onde meu avô cresceu. Juntamos dinheiro com esforço e perseverança. Levamos três anos para reformar a casa e deixá-la exatamente como planejamos receber a clientela. Foi um sucesso na cidade.

Após alguns meses a confeitaria nos abandonou. Primeiro bateu o desespero. Depois, me vali do talento de minha mãe e minha tia na cozinha para manter a doceria a pleno vapor. Eu até tentava colocar a mão na massa, mas ouvia que não tinha dom para a coisa. O balcão com tortas e salgados variados, os chás sempre quentinhos atraíam turistas de todo o Brasil. Moviada pela necessidade, venci as minhas dificuldades e me tornei também responsável pelo preparo dos alimentos. Medí doses generosas de vontade de aprender, misturei com pitadas das receitas que já eram famosas e toquei o negócio. Durante o dia eu trabalhava no banco, à

A história de Cláudia Merkle



noite, aprontava as tortas. Todos os minutos do meu dia eram consumidos pelo trabalho. Até que nossos lucros começaram a ser roídos pelos shopping centers. Nossos clientes trocaram a casa antiga com arquitetura alemã pelo ar-condicionado. O que eu ganhava no banco era suficiente apenas para o capital de giro que mantinha a confeitaria aberta. Cinco anos depois decidimos fechar. Prometi para mim que nunca mais trabalharia com alimentos. Traçamos novos planos, temperamos nossos sonhos e nos casamos. Fomos morar na casa de chá.

O correr do tempo me mostrou que precisava deixar o banco, passando a atuar em uma empresa de tubos e conexões. Aproveitei para estudar mais, olhar para novos horizontes. Ingressei na faculdade de direito, tive minha filha, almejei uma outra carreira, uma outra vida. Porém, naqueles tropeços que vem pelo caminho, me divorciei, fui demitida. Me vi perdida, sem rumo e sozinha. Parei para refletir sobre o que fazer, como nos sustentar e só me vinha à cabeça que eu sabia preparar bolos. Todos me traziam ideias do que fazer com meus dois diplomas e tanta experiência. Minhas irmãs me aconselhavam a prestar concurso público, mas nada parecia se encaixar.

Foi então que o Consulado da Mulher me apresentou um jeito novo de viver. Eu aprendi muito, conheci pessoas e ainda tive a oportunidade de vender meus produtos em um espaço solidário. Aquele poderia ser, sim, um trabalho que saciaria meus desejos e ainda pagaria as contas. A rotina e as amizades conquistadas ali me permitiram fazer um curso de confeitaria no Senac. Faminta por saber, me especializei cada vez mais.

Passei dois anos no Consulado transformando a minha vida e a mim mesma. De casa, atendendo por encomenda, comecei a colocar em prática o que era uma realidade na instituição: desenvolvi produtos, trabalhei minha marca, desenvolvi o marketing. Como sempre, investi em outros cursos e agora me especializo em uma linha *Bake box*. Dentro de uma caixa, macarons, biscoitos, cookies, brownies, bolos, produtos de altíssimo nível e cheios de sabor. Assim, consigo administrar melhor meus estoques e horários, e só descobri isso porque o Consulado da Mulher um dia acreditou em mim, pegou na minha mão e me fez crer que eu poderia tornar possível o que parecia impossível.

O Consulado me ajudou a quebrar meus próprios preconceitos. Quando coloquei um avental e uma touca para atender pessoas que eu conhecia do banco, de roupa elegante e salto alto, percebi que algumas delas fingiam não me conhecer. Isso me revirava o estômago, eu me sentia diminuída e só venci essas barreiras tendo o esteio da equipe.

Compreendo agora que ser empreendedora é como acordar todas as manhãs desempregada. Você depende da propaganda, da fidelização, da multiplicação das indicações e dos pedidos, da pessoa comer o bolo e querer um igual no ano que vem. Sinto-me honrada em reconhecer que tenho clientes que há 8 anos encomendam bolos comigo. Estou presente nas celebrações e na vida dessas famílias.

Recebi anos depois uma oportunidade de voltar para a indústria, com um bom cargo. Enquanto eu me debruçava entre dúvidas, minha filha perguntou: “Mãe, você é mais feliz trabalhando com exportação ou fazendo bolos?” Sem pestanejar dei a resposta: fazendo bolos! “Então não me incomode de termos menos dinheiro”, disse ela, selando a certeza de minha decisão.

Hoje, quando necessário, durmo poucas horas por noite para dar conta das encomendas de quiches, tortas alemãs, empadões, bolo de chocolate, bolo de morango, *naked cake*. Mas também me permito pegar um cinema com minha filha em plena semana, me permito ser eu mesma, tomar minhas próprias decisões. Aliás, essa foi a lição mais valiosa que o Consulado da Mulher me ensinou. Quando resolvi abandonar o emprego para empreender ouvi de amigos e familiares a recriminação: “Você estudou tanto e agora vai fazer bolo?” Como se houvesse demérito em ser boleira. Graças ao Consulado levanto minha cabeça, encho meu peito de orgulho para externar que, com dois cursos superiores, língua estrangeira, muitas especializações, sou boleira e muito feliz.



**A arte de
redesenhar
a própria
vida**

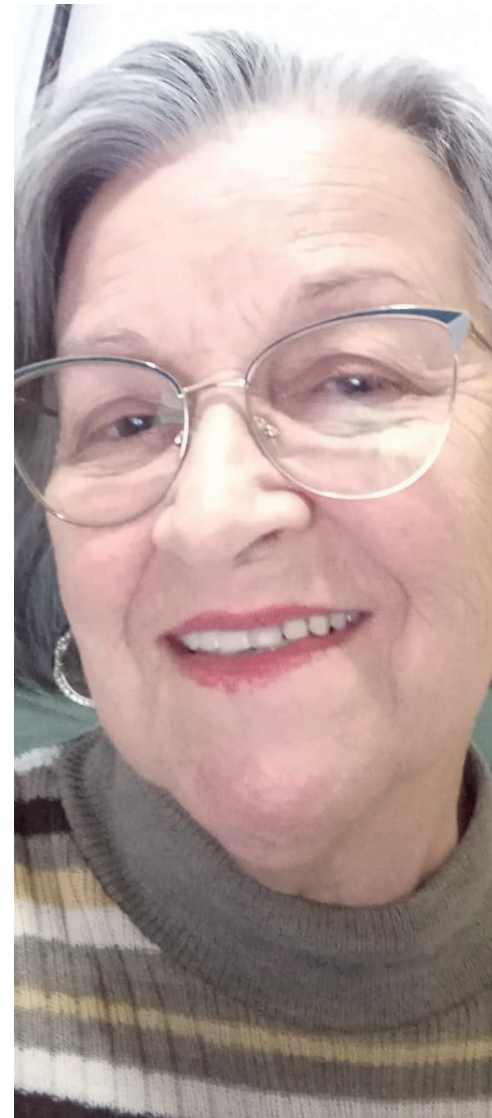
Viver sem mãe é ver-se amputada de amor. Aprendi o que era isso muito cedo. Nasci em Balneário Piçarras, no litoral catarinense. Meus pais eram agricultores em um pequeno sítio, gente habituada à dureza da lida do campo. A tristeza nos abateu quando minha mãe partiu, deixando meus seis irmãos e eu imersos em dor e ausência. Porém, busquei acolhimento na mãe natureza, naquele cenário repleto de beleza, do verde das plantas, das ondas do mar, do céu azul, do sol a iluminar cada florada.

Talvez por ter exercitado desde a infância a habilidade de admirar a paisagem que me cercava, minha vocação para as artes se fez presente. Meu coração era ocupado pelas cores e texturas, pelas formas e traços. Era nas artes que eu me sentia completa, fortalecida, protegida entre pincéis e frascos de tintas. Desde cedo compreendi que estava ali meu destino.

Os anos passaram, o curso da vida mudou. Me casei, mudei de cidade, tive dois filhos. E aprendi a conciliar as pinceladas de óleo sobre tela com os cuidados da casa e a educação das crianças. Em uma cidade maior, em um cotidiano agitado, passei a ver beleza na simplicidade da rotina, me deixando levar pelo amor arrebatador pelos filhos, admirando a vida em outros contornos.

E a vida passa rápido demais. Parece que, em um piscar de olhos, as crianças que antes dependiam de nós para comer, para dormir, para respirar, ganham asas e saem em busca de novos ninhos. Quando os meus filhos cresceram, trataram de procurar o que lhes enchia os olhos. Minha filha se tornou jornalista, meu filho, gestor administrativo. E eu, tornei-me dona do meu tempo. As minhas telas e os meus

A história de Maria Lúcia Santana Correa



dias pareciam ter ficado em branco. Até que em 2002 eu soube que uma casa se abria às mulheres em Joinville.

Procurei o Consulado da Mulher para aprender alguma coisa, qualquer coisa. Estava disposta a participar do que estivesse disponível. A oficina que estava sendo oferecida era de inclusão digital e eu sequer sabia o que era isso. Nunca tinha lido um e-mail nem usado a internet na minha vida. Meu filho tinha um computador em casa e eu não sabia ligar. Lá comecei a aprender, tecla por tecla. No meu ritmo, criei meu e-mail. E tão rápido quanto o correr da vida ganhei autonomia. Vi que aquele computador do meu filho não era um monstro indominável a residir em minha casa. Era uma janela para inúmeras oportunidades.

Entre uma aula e outra, desenvolvi minha habilidade em outras formas de arte. Ganhei fluidez no domínio da pintura em porcelana. Descobri o dom para ser ceramista. Com a ajuda do Consulado e das portas que ele abriu para mim com designers, com o Sebrae, universidades, eu defini meus produtos, foquei no que queria e investi em transformar meus sonhos em realidade.

Mais importante que tudo, eu aprendi no Consulado da Mulher a não ter medo, não temer a vida e as chances que ela me descortinava. O Instituto me ensinou a dar passos mais largos, porém, um de cada vez. Passei a me permitir aprender mais, me capacitar. Criei coragem para ser uma empreendedora, ciente do que esta palavra significava. Tomando contato com os desejos que afloravam em mim, também me conectei mais com as necessidades do outro. Soube que estavam precisando de voluntárias, gente interessada em usar seu tempo para tornar melhor e mais leve o fardo de outras pessoas. Me ofereci para ensinar pintura em tela, algo que eu dominava, que eu teria prazer em ensinar. E foi um divisor de águas.

Gostei tanto da experiência de partilhar informação sobre arte que me aventurei a ministrar outros cursos. Durante seis anos, dei aulas de outras técnicas de artesanato com madeira e plástico. Uma das oficinas mais concorridas era a de puff. Transformávamos 32 garrafas pet de 2 litros em assentos recobertos com tecidos coloridos. Pegávamos matéria-prima que ia para o lixo e dávamos àquele material uma segunda chance, uma nova vida, com a certeza de que o conhecimento possibilitaria uma vida nova também para quem o detinha.

A aluna se tornou professora! E mais: minhas alunas romperam as fronteiras da sala de aula e tornaram-se minhas amigas, dessas que testemunham e compartilham a história. Acompanhei a transformação na vida de cada uma delas. E hoje reconheço o quanto engrandeceram minha vida com seu carinho e afeto. Foram elas que me indicaram para uma galeria de arte da cidade, onde passei a dar cursos de arte e, pela primeira vez, a receber

por meu trabalho primoroso. Até então, eu nunca tinha gerado renda. Dependia completamente do meu marido.

E o dinheiro nem era o mais relevante. Eu viajei, conheci gente nova e novas formas de arte. Prosperei. A palavra empoderamento só passou a fazer parte do meu vocabulário quando as páginas do Consulado a revelaram. Eu era acanhada, insegura, achava que não era boa suficiente para vender uma peça. Eu vi que meu trabalho era bom e que eu tinha valor.

O Consulado alterou meu destino. A partir dali, me senti dona de mim, ciente de minha capacidade, segura para ir além da minha própria casa, criar asas e voar. Me sinto realizada, tenho metas e objetivos, transformo as coisas e os dias. Aprendi a ressignificar a dor, a colocar cores e sorrisos em tudo o que faço. Dou forma a sentimentos que tocam os corações de outras pessoas.

O Consulado me encorajou a desenvolver linhas de produtos, a expor meus trabalhos inspirados pela natureza: bandejas em formato de folhas, xícaras decoradas com flores, telas que eternizam o pôr do sol refletido no oceano. Porque aqueles profissionais confiaram em mim eu enxerguei que poderia confiar também. Entrei em uma incubadora para novas empreendedoras, ingressei em associações de artistas, abri meu próprio ateliê, o Lucinha Artesanias.

Hoje produzo porcelanas como canecas, pratos, porta-chaves com referências culturais, com mensagens de esperança e carinho. Tenho renda adquirida com meu trabalho como ceramista e clientela conquistada em Joinville e Florianópolis. Sou autossuficiente. Aprendi a ser mulher de um jeito que não sabia ser possível. Vi que eu deveria e conseguiria fazer o que eu quisesse. Deslanchei e alcancei lugares onde eu nunca imaginei que poderia estar, com a consciência de que fui impulsionada de forma decisiva pelo Consulado da Mulher.



Os sorrisos de Francisca

Sou uma Francisca, entre tantas. Na minha cidade, Joinville, há a rua Dona Francisca, o bairro Dona Francisca, a Estrada Dona Francisca, a Serra Dona Francisca. Eu sou neta de Francisca, uma mulher doce que morreu após o nascimento do filho, meu pai. Herdei dela esse nome.

A garra para enfrentar as batalhas do dia a dia também foi herança de família. Meu avô era um empreendedor nato, construía casas. Meu pai é eletricitista, autônomo que, de sol a sol, dedicava-se a iluminar vidas alheias. Minha mãe teve um pequeno comércio, um mercado referência no nosso bairro, que só foi fechado quando ela começou a apresentar um grave problema genético de visão. Restam a ela apenas 10% da capacidade de enxergar. Seus olhos veem apenas vultos. Nesses mistérios da vida, meu pai fazia a luz e minha mãe se via na escuridão. E juntos eles eram mais fortes.

Quando era criança eu ajudava na limpeza da casa enquanto minha mãe trabalhava fora. Num vai e vem de vassoura, quebrei o vaso que minha avó havia dado de presente. Levei uma bronca daquelas inesquecíveis...Fui para escola com a consciência pesada. Em minha cabecinha fervilhavam ideias sobre como eu poderia ressarcir minha mãe pelo objeto perdido, tão repleto de significado. Depois da aula, fui parando de casa em casa, perguntando se as pessoas me dariam um emprego, porque eu precisava comprar outro vaso.

Com o correr do tempo, esqueci o vaso, mas não a vontade de fazer meu próprio dinheiro. Na adolescência comecei a vender lingerie. Sempre me virei, sempre acreditei no poder do conhecimento. Me formei designer de interiores e colocava meus conhecimentos em prática no escritório de

A história de Francisca Dias



arquitetura do meu marido. Trabalhávamos juntos em cada projeto. Compartilhávamos a casa, os planos, os sonhos. Às sextas-feiras, compartilhávamos os pesos e as alegrias da semana tomando uma cervejinha no fim do expediente. Até que em uma dessas noites, após 15 anos de casados, ele tirou a aliança e disse que queria se divorciar.

Senti o chão desaparecer debaixo de meus pés. Era como se meu corpo estivesse em queda livre. Vivemos tempos muito duros. Perdi o marido, a casa, o trabalho no escritório, a renda e a sanidade mental. Fui morar com meus pais e vi minha filha assumir o papel de mãe para cuidar de mim. Era 2017. Fui diagnosticada com depressão e mesmo reconhecendo a doença, mesmo sabendo que precisava respeitar o meu corpo, eu senti que não poderia ficar parada, que não poderia ser um peso maior para meus pais, já envelhecidos.

Eu não queria ver ninguém, queria ficar sozinha. Não queria reencontrar as pessoas com quem me relacionava antes. Queria desbravar um mundo novo, e me apoiei em mim mesma, resgatando os sabores mais antigos que conhecia. Tirei da gaveta a receita de pão de mel de minha avó. A mistura centenária de ingredientes foi adoçando meus dias, me enchendo de energia para perseverar. A minha alegria foi voltando conforme eu acrescentava chocolate à massa.

Criei páginas nas redes sociais para expor meu trabalho e conquistar a freguesia. Uma concorrente comentou que eu tinha talento e que deveria fazer parte do Consulado da Mulher. Eu a vi com ressalvas, no começo. Uma concorrente sugerindo ideias novas parecia uma ameaça ao meu negócio recém-inaugurado. Entretanto, ela insistiu, me encaminhou o link do site, reforçou que eu deveria me inscrever e conhecer o Consulado. Eu andava tão machucada, tão fechada para o mundo, mas sabia que precisava me desarmar. Me cadastrei e fui selecionada. Até hoje sou grata a ela por compartilhar as coisas boas da vida e me mostrar que viver não é estar em incessante competição.

Entrei nas oficinas do Consulado da Mulher e não é errado dizer que o Consulado entrou também em minha vida. No período mais duro da depressão a gente não tem força, mas precisa buscar força para enfrentar os percalços da vida. E eu reencontrei a luz fazendo pão de mel, com a energia do Instituto.

Aprendi muito nos dois anos de imersão, de oportunidade, de aprendizado que tive ali. Fiz inúmeras amigas, revi minha forma de fazer negócio, recuperei minha leveza e autoestima. Expandi a Santu Pane, minha marca, passando também a vender chocolates. A matéria-prima eu comprava de um fornecedor da Bahia, chocolate feito com cacau de qualidade excelente. Progredi como nunca! A Fran do pão de mel virou a Fran do chocolate.

O retorno dos clientes satisfeitos foi me dando ânimo, e animada eu pegava ainda mais encomendas, dando adeus às minhas inseguranças. Passei a fornecer doces para um colégio grande de Joinville, depois para lanchonetes e redes de lojas.

Quando as portas da Whirlpool abriram, levei meus produtos para a lanchonete interna da empresa, e minhas vendas cresceram 50%. Junto com as vendas crescia minha sede por inovação. Criei o cone trufado, brigadeiro, bombom de morango para agradar a freguesia. Com assessoria do Consulado aprendi a fazer fechamento de caixa, a cuidar dos estoques, separar meu salário do rendimento do negócio. Sabia exatamente o que era da Fran e o que era da Santu Pane. Na pandemia, continuei vendendo, sustentando a mim e ajudando meus pais. Porém, de tanto trabalhar o chocolate, desenvolvi uma doença no braço.

Fui proibida pelo médico de continuar a fazer força para mexer a massa. Comprei uma máquina que mistura o chocolate, mantendo-o no ponto certo para ser enformado. Achava que teria nela o remédio para as dores que meu trabalho causava. Mas ainda era preciso fazer força, virar o chocolate derretido nas formas. Meus braços eram necessários. Tive que dar um tempo da cozinha, parar de pegar encomendas. Me vi de novo sem renda, mas não desesperada. Sei agora que o conhecimento adquirido no Consulado da Mulher vai comigo onde eu for.

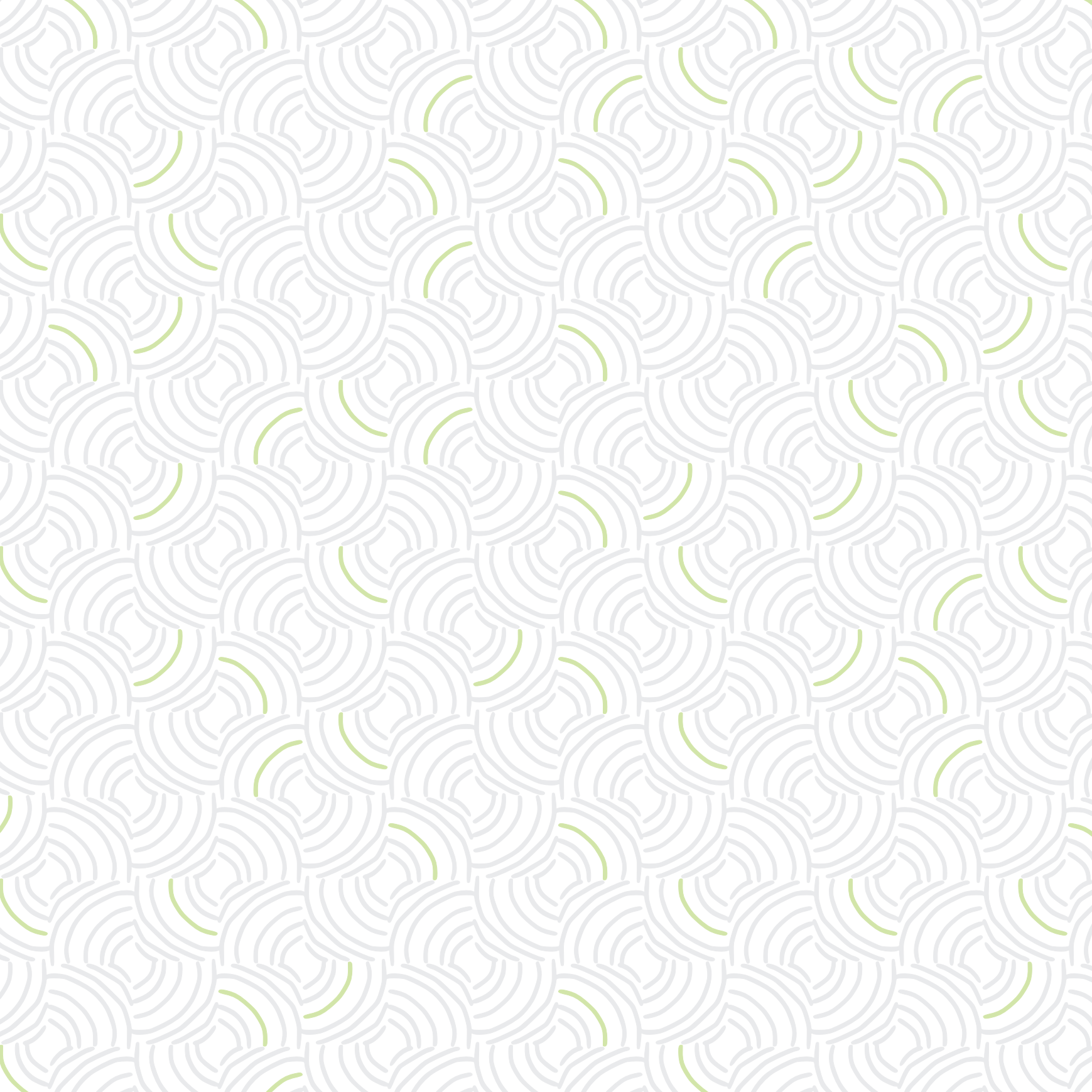
Foi então que minha filha decidiu exercitar o desapego. Os tempos de pandemia nos ensinaram muito, inclusive que não precisamos acumular tanto. Ela abriu um brechó que começou com peças dela e depois movimentou a economia da rua, do bairro... Fomos recebendo clientes de longe. As peças eram divulgadas nas redes sociais e chamavam atenção. Assim, o espaço que eu tinha em casa para a construção da fábrica da Santu Pane virou o endereço do Secreto Brechó. Foi dando certo.

Minha filha não tinha condições de conciliar a loja com seu trabalho como professora universitária, então eu assumi o balcão. Tornei-me vendedora, modelo, fotógrafa, administradora com a experiência trazida do Consulado da Mulher e a força de vontade que sempre morou em mim. Passo um batom vermelho, ponho um salto alto, faço fotos e vídeos capazes de incentivar a economia circular, mostrando às pessoas que não precisam guardar no armário peças que não fazem mais sentido e que no brechó também podem encontrar roupas bonitas, bem cuidadas, gastando bem menos.

Hoje percebo que a semente do empreendedorismo germina dentro de mim. O Consulado soube como regá-la, adubá-la e ela floresceu. Eu floresci. Aprendi a não ver o outro como

inimigo ou concorrente. Aprendi a me colocar no lugar no próximo, e isso serve para o comércio e para a vida.

O Consulado da Mulher foi uma mola propulsora para eu voltar a sorrir, para o brilho voltar aos meus olhos, para me valorizar e, de novo, colocar amor em tudo o que faço. Sei que sou uma Francisca única e que espalho luz, a minha luz, por onde eu passo.





São Paulo

Dizer que São Paulo é a maior cidade do Brasil e uma das mais populosas do mundo, com mais de 12 milhões de habitantes, não basta para explicar o significado deste município onde cabe um mundo inteiro. Tem gente falando libanês, japonês, coreano, chinês, inglês, holandês, italiano, alemão, espanhol, guarani e tantos outros idiomas nas esquinas apressadas da metrópole global que faz fronteira com outros 23 municípios, formando ainda a Região Metropolitana de São Paulo, composta por 39 cidades. Só que nem sempre foi assim.

À procura de novas pessoas para evangelizar, um grupo de jesuítas desbravou as ladeiras da Serra do Mar e chegou até o Planalto de Piratininga em 1554. Ali, fundaram um colégio, ao redor do qual se iniciou a construção das primeiras casas. Localização e geografia privilegiadas foram os ingredientes perfeitos para um crescimento quase sem limites. Os recursos desta cidade se mostraram essenciais para que o império se sustentasse. Passados séculos, foi nesse cenário que, em 22 de setembro de 1822, proclamou-se a Independência do Brasil, num grito que ecoa até hoje, de gente batalhando pela própria independência, pelos direitos de todos, lutando pelo fim dos preconceitos e das injustiças.

Há quem enxergue nessa terra o solo das oportunidades, o lugar para transformar sonhos em realidade, um poderoso mosaico unido pela ideia de uma vida melhor e mais digna. Faz todo sentido que o Consulado da Mulher tenha também em São Paulo seu endereço de possibilidades.

Em 2008 o Instituto já colecionava vitórias erguidas com trabalho, dedicação, sensibilidade e acolhimento em Rio Claro e em Joinville. São Paulo, com o empreendedorismo circulando pelas artérias da cidade, com a desigualdade espreitando em cada esquina, era um terreno fértil de necessidades. No município responsável por 10% do Produto Interno Bruto brasileiro, a soma de toda a riqueza que se produz em um país, havia muita gente sem riqueza nenhuma. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os dados censitários de 2000 indicaram que o rendimento da população masculina branca era quase três vezes mais do que o dos negros. Quando comparados com as mulheres, os homens brancos possuíam rendimento médio duas vezes maior do que o das mulheres brancas, e essas, quase duas vezes e meia o rendimento das mulheres negras. A pobreza tinha cara, gênero e cor.

Aquelas paulistanas com menor taxa de escolaridade, muitas vezes sem qualificação profissional e sem renda alguma, eram o público-foco do Consulado. Kelly Baptista ajudou

a instituição a estar bem perto delas. Nascida em Ferraz de Vasconcelos, na região metropolitana de São Paulo, ela veio de uma família que reconhecia o valor da educação. Por isso, a mãe celebrou tanto a ida da menina para escola do Sesi, o Serviço Social da Indústria, onde ela estudou por anos a fio. Em 2002, com o ensino médio concluído, passou a frequentar um cursinho popular. Faltava dinheiro para a faculdade, mas não a vontade de ampliar seus horizontes. Só aos 17 anos ela conheceu uma mulher negra universitária e, inspirada por tamanha referência, decidiu que aquela seria também a sua realidade. Conseguiu isenção da taxa do Vestibular para a FATEC, Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Ao acaso, escolheu Logística com ênfase em Transportes como sua opção e foi aprovada.

Formada, Kelly descobriu que o diploma sozinho não assegurava o sucesso. Ela não conseguiu estágio nem emprego em sua área. “Eu dava aula com uma pessoa que foi chamada para lançar o Consulado da Mulher em São Paulo. O ano era 2008. Eu já tinha experiência com trabalhos sociais, enfrentei um processo seletivo e fui aprovada. No início de março começou minha história com o Consulado, antes mesmo da unidade de São Paulo ser lançada. Prospectamos as regiões de atuação e me encarreguei da zona leste, o “meu quintal”. Eu conhecia bem a área mais populosa da cidade, mas não sabia o que era gênero, empoderamento feminino, metodologia. O que sabia é que precisava continuar trabalhando”, diz Kelly.

Com a prospecção e os estudos feitos pela capital paulista ficou clara a urgência de começar a atuar junto às empreendedoras necessitadas. A unidade paulistana do Consulado da Mulher virou realidade em 30 de março de 2008, em um evento lindo que reuniu muitas mulheres da comunidade e muitas pessoas de outras unidades da instituição.

Para empoderar quem mais precisava, quem menos recebia, o Consulado espalhou suas oficinas pelas comunidades. Nos bairros mais distantes do centro, associações comerciais e prédios públicos se tornaram embaixadas do saber. A equipe acabava integrando as comunidades, fazendo parte da vida das mulheres assessoradas. Cada integrante da equipe via sonhos serem construídos, chegadas e partidas, nascimentos de filhos de assessoradas, e até a morte de empreendedoras. O correr da vida deixava marcas, estreitava laços. Foi assim com Kelly. “Trabalhei com pessoas incríveis, inesquecíveis. Em 2012, Christiano Basile (*in memoriam*), meu chefe e amigo, a quem sou grata por tanto ensinamento, me ligou no meio do dia e pediu que eu fosse ao escritório. Cheguei lá e ele me informou que, a partir daquele momento, eu seria a nova coordenadora da equipe em São Paulo. Eu somava quase cinco anos de casa, sabia de A a Z o trabalho, conhecia locais e empreendedoras.

O Consulado participou do meu noivado, casamento, nascimento do meu primeiro filho, da partida da minha avó, do nascimento do meu segundo filho. Não é exagero dizer que a equipe do Consulado é minha casa. Tive o Instituto como propósito durante 10 anos e 11 meses, com amor e felicidade”, relembra Kelly.

Gente que mais do que trabalho busca um propósito. Assim é o time do Consulado da Mulher. Pessoas que não temem distâncias nem dificuldades, que trabalham por muitas horas, que aprendem a ouvir porque sabem que o pagamento é muito maior do que aquele que consta no holerite no fim do mês. Viram mães que sempre estiveram no limite da fome alimentando seus filhos; donas de casa ganharem liberdade financeira; vítimas de violência doméstica se tornarem livres do sofrimento; maridos alçarem o posto de parceiros de negócios de suas esposas.

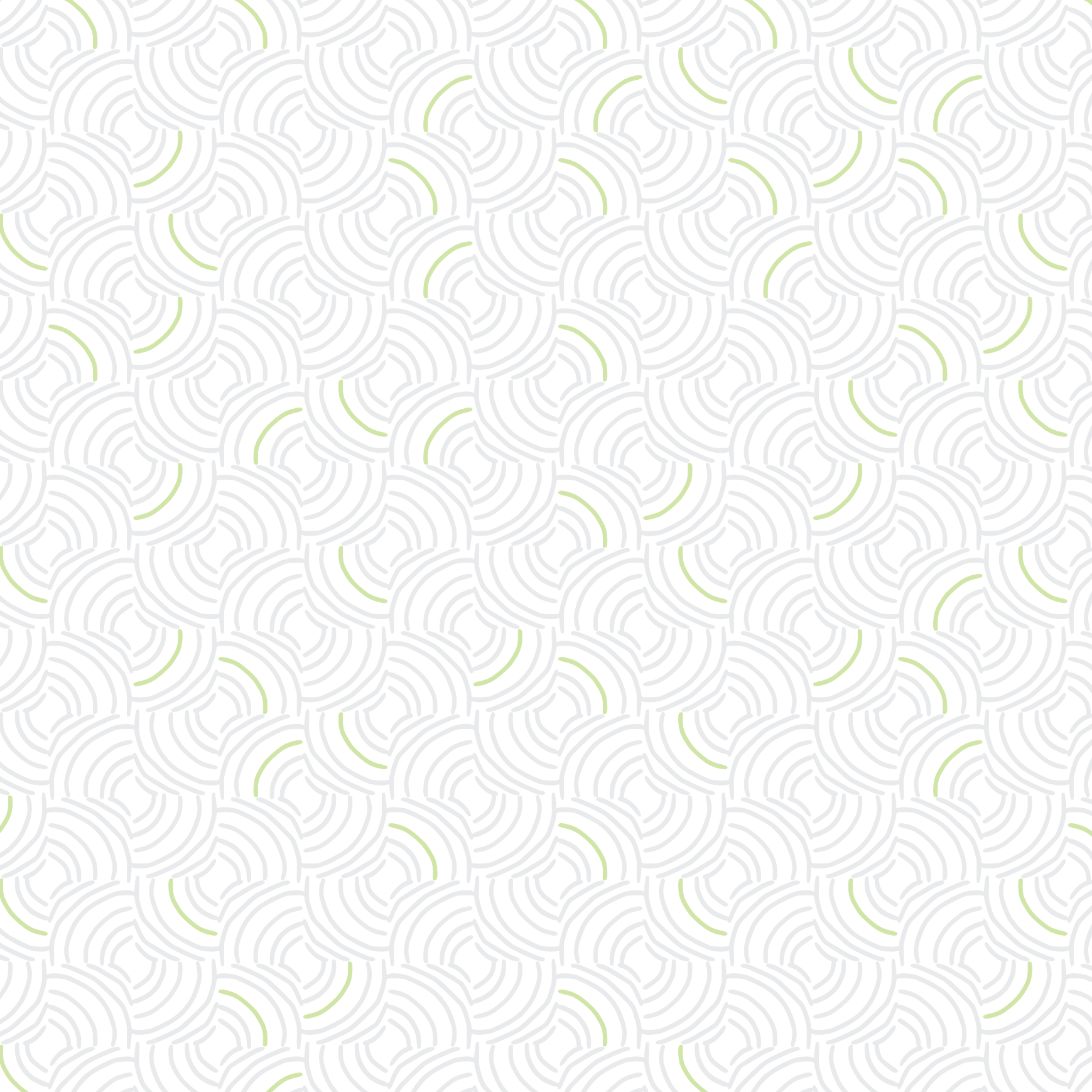
E o time do Consulado, longe de ser formado apenas pela equipe de educadoras e educadores, tem seu alcance ampliado e multiplicado pela adesão de voluntários, pessoas com sinergia de propósito que doam seu tempo e seus saberes em favor do próximo. Criado em uma família bastante humilde, na zona rural de São José dos Campos, no interior paulista, Douglas Reis, Diretor de Assuntos Regulatórios & ESG da Whirlpool Corporation, identificou-se de imediato com a população atendida pelo Instituto. Ele mesmo acompanhou a luta de seus pais para instruir os filhos. E mesmo em meio a tantas dificuldades, a família sempre tinha o que dividir. “Cresci com o exemplo de meus pais se voluntariando para ajudar o próximo. Então, acho que nossa missão aqui na Terra, enquanto a gente está por aqui, é fazer o bem. Essa ideia sempre esteve muito enraizada em mim”, afirma ele.

Sua sintonia com o Consulado da Mulher começou ao apoiar a divulgação das ações promovidas pelo Instituto, no engajamento digital. Depois, inscreveu-se para dar palestras, participou de oficinas. Durante a pandemia, milhares de pequenos negócios faliram. As taxas de desemprego subiram e a fome se instalou com mais força nas periferias das grandes cidades. De acordo com dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, 33,1 milhões de pessoas não tinham o que comer em 2022, 14 milhões de brasileiros a mais em insegurança alimentar grave na comparação com 2020. Seis em cada dez domicílios não conseguiam manter acesso pleno à comida.

O Consulado deixava claro, com metodologia, estatísticas e dados, que o conhecimento de uns gerava renda para outros. Douglas aceitou o desafio e se tornou mentor de Antônia Lopes. A vocação para amparar a quem precisa fez dele o arrimo que ela carecia para se reconstruir. “Aprendi com meus pais, mas principalmente com minha mãe e com minhas

irmãs com quem passava a maior parte dos meus dias, que se a gente quer um mundo menos desigual precisa agir. Antônia me contou tudo sobre a história e a realidade do seu trabalho, e começamos a pensar juntos em um plano de negócios. Não demorou para que as ideias surgissem. Ela foi capaz de ter grandes resultados com mudanças simples na gestão. Passou a produzir mais, a lucrar mais, assegurando a mesma qualidade. Tudo o que ela produz é muito saboroso”, reflete ele.

Assim como Douglas, muitos são os voluntários do Consulado da Mulher que mais aprendem do que ensinam, mais ganham do que doam ao colocar seu tempo e seus conhecimentos à disposição das assessoradas. Assim como Antônia, muitas são as mulheres que geram mais renda e oferecem melhores condições para suas famílias com as lições aprendidas nas oficinas desta instituição com jeito de lar. O Consulado investe em pessoas e, como consequência, constrói um legado para as atuais e as futuras gerações, abre portas para mulheres assessoradas e para tantas outras, novas contratadas, novas sócias, filhas e netas que virão depois. O que a metodologia do Consulado da Mulher faz é eternizar conquistas.





**O sabor
da
generosidade**

O

transtorno de ansiedade tomou conta de mim na pandemia. Hoje estou melhor, e tenho certeza que não venci as dificuldades sozinha. Grande parte do tratamento passou por mergulhar em mim mesma, naqueles corredores es-

treitos da memória que muitas vezes evitamos visitar. Nasci e cresci na zona leste de São Paulo, em Guaianases. Estudava de manhã e ajudava com os afazeres domésticos à tarde, enquanto meus pais trabalhavam fora. Sozinha em casa, minha companhia era a TV ligada, onde Ana Maria Braga apresentava o programa “Note & Anote”. As receitas produzidas na tela enchiam meus olhos, povoavam minhas fantasias.

Como a falta de grana era uma constante, meu pai tinha uma conta aberta na mercearia do bairro pra gente poder comprar fiado e pagar no final do mês. Eu pegava os ingredientes e reproduzia na cozinha as delícias que via na televisão. Minha terapia era me deixar levar pelos rodopios da batedeira, pelos movimentos ágeis das mãos a sovar a massa, no passo a passo das receitas. Aprendi tanto que assumi o fogão de casa fazendo lasanhas, pães e bolos elogiados por quem provasse.

Entretanto, como tantos sonhos que a gente deixa para depois, guardei o prazer de cozinhar em um lugar escondido dentro de mim e fui cuidar da vida. Trabalhei como ajudante de transporte escolar. Fui atendente de telemarketing por 17 anos. A rotina pesada de segunda a sábado era intercalada pelo domingo na cozinha. A felicidade estava em achar o ponto certo do cozimento da carne, o toque agridoce do molho, a textura perfeita para a sobremesa. Comecei a entender que não tinha jeito, não restava dúvida, era na comida que estava meu futuro e o sonho de alimentar e alegrar outras vidas com o meu talento.

A história de Fabiana Generoso



Sempre fui tomada por uma energia contagiante. Sempre tive amigos em profusão. E namorando meu melhor amigo engravidei aos 26 anos. Nos casamos e fomos morar no centro de São Paulo. Ali, na nova casa, na nova realidade, eu descobri que não sabia cozinhar o trivial, a comida do dia a dia. Arroz, feijão, carne de panela eu nunca tinha feito. Ligava para minha mãe pedindo socorro para que tivesse comida na mesa. Aos poucos fui investindo em revistas de culinária, aprendendo truques, refinando o paladar. Aí, já tinha dois bebês para cuidar e o sonho só ficando em segundo plano... Até que, em 2012, decidi que a hora seria aquela! Entrei pra faculdade de gastronomia.

Formada, abri uma lanchonete transada, com pratos ousados e ambiente inspirado na década de 80. A clientela chegou, se multiplicou. A música começou a soar atraindo mais gente, mais público. As bandas queriam aquele espaço para tocar. O público queria minha comida para provar. Mas a direção da galeria não viu graça no sucesso que eu festejava e pediu de volta o espaço que era alugado. Fechei a lanchonete. Acumulei dívidas e recusas de empréstimos em bancos pela cidade.

Porém, mesmo em meio às dificuldades, a gastronomia me chamava. Arrumei emprego como subchefe em um café requintado de São Paulo. Ajudei a montar cozinhas, elaborei cardápios, criei novos pratos. O salário assegurava a renda da minha família, mas não a minha plena satisfação. Eu ainda queria trabalhar para mim mesma, por conta própria. Não sabia se ia dar certo, mas tinha certeza que a coisa mais inteligente a fazer era vestir o avental e me jogar.

Comecei meu próprio negócio de marmitas, a Cozinha da Fabi. Atendia clientes com restrições alimentares, cumpria dietas de nutricionistas, com pouca gordura, carboidratos equilibrados, criava pratos saborosos e saudáveis ao mesmo tempo. Os clientes? A maioria estava nas empresas de tecnologia da região da Vila Olímpia, na zona sul de São Paulo, gente com muito dinheiro e pouco tempo para pensar no que comer. Me encontrei! Me sentia realizada, temperando meus dias com a alegria de preparar alimentos que nutririam outros corpos, outras almas. Em cada marmita colocava em prática o saber intuitivo que havia em mim e tudo o que aprendi na faculdade e na pós-graduação em História e Cultura da Gastronomia.

Aí... veio a pandemia. Medo, ansiedade, nervosismo, insônia...Perdi clientes, é verdade. Mas perdi antes a minha estabilidade emocional. Até que meu engajamento com os movimentos sociais falou mais alto e me envolvi em uma *live* sobre mulheres negras na cozinha

profissional. Nas conversas sobre ancestralidade, aromas, sabores, preconceito e inclusão, uma amiga me contou maravilhas sobre o Consulado da Mulher.

Sem nem saber direito do que se tratava, me inscrevi e fui aprovada. E ainda sem saber do que se tratava, me fechei no quarto para a primeira imersão online, já que vigorava o isolamento social. Bastaram alguns minutos para eu entender que não estava sozinha.

Meu mundo se abriu de um jeito que eu não imaginava ser possível. Aprendi ali o que a faculdade e a pós-graduação nunca haviam me ensinado. Vivi uma imersão dentro da minha empresa, dentro do meu sonho. Aprendi a me enxergar como empreendedora, não como uma cozinheira. O Consulado me ensinou a ver a qualidade do meu trabalho, o meu potencial. Melhorou meu foco e meu alcance, me fez ultrapassar barreiras antes intransponíveis para mim.

O principal mérito daqueles profissionais não foi ampliar minha renda. Foi aumentar minha autoestima, a base que vem antes de todas as outras conquistas. Nunca foi “só” sobre marketing, precificação, normas sanitárias, gestão. Era um debate sobre gênero, prevenção de violência doméstica, controle da ansiedade e da solidão, justiça social. É sobre admitirmos, sem vergonha, sem culpa, que não damos conta de tudo, e que podemos mais do que imaginamos.

Agora acredito tanto na minha capacidade que me tornei voluntária do Consulado para alavancar negócios de outras mulheres. Assim como fui acolhida, quero acolher.

Preparo mais de 250 marmitas por mês. Na perspectiva de multiplicar aprendizado e oportunidades, sou professora de uma escola de gastronomia, formando cozinheiros profissionais nas culinárias brasileira, asiática, italiana, na panificação.

Tento viver em paz. Gosto de sorrir, de temperar os dias com momentos alegres, para mim e para os que me cercam. Gosto de resolver. Crio meus filhos para o mundo, mas com doses generosas de proteção. Esse equilíbrio consegui no Consulado da Mulher, ao perceber que eu tinha ali uma enorme rede de apoio. A mesma transformação que torna possível água e farinha serem pão; os tomates amassados se fazerem molho, é a transformação que o Consulado promove com as pessoas.



Manaus

A large, stylized, pink letter 'A' that serves as a decorative element for the start of the first paragraph.

natureza foi generosa ao esculpir o cenário que emolduraria Manaus. Tudo ali é superlativo: a imensidão dos rios, a exuberância da maior floresta tropical do mundo, as culturas dos povos tradicionais, diversas, íntegras.

No meio de tamanha beleza, Manaus foi criada no século XVII. Nasceu sobre um alicerce estratégico: demonstrar a presença lusitana e fixar domínio português na região amazônica. À margem esquerda do Rio Negro, que corre celebrando a vida com suas águas escuras e fartas, um núcleo urbano se formou, a partir da construção do Forte da Barra de São José, em 1669, data convencionalmente considerada como o nascimento da cidade.

A partir de 1870, Manaus viveu o ciclo da borracha, que atraiu novos moradores de outros cantos do país. Em 1913, a economia se enfraqueceu com a perda do mercado mundial para a borracha asiática, fazendo com que a cidade retornasse a um novo período de isolamento, encapsulada junto à floresta, até o advento da Zona Franca de Manaus, em 1970.

Em 2021, a capital do Amazonas contava com 2.219.580 habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e as mulheres representavam mais de 51% da população. São filhas da floresta, moradoras da cidade, que herdaram a imponência das sumaúmas, a resiliência das castanheiras, a exuberância dos ipês. Para estar ao lado delas, mulheres urbanas ou ribeirinhas, indígenas ou quilombolas, o Consulado da Mulher fincou raízes naquele solo em 2007. Foi um alvoroço! Associações de bairros, estabelecimentos da prefeitura e assistentes sociais já começaram a alardear a chegada de um projeto para emancipação de mulheres. Aquilo sim era uma novidade!

De acordo com o Anuário Estatístico do Amazonas/2008, baseado em informações do IBGE, a população feminina da cidade de Manaus, com idade entre 10 e 60 anos, era superior à população masculina. Porém, as mulheres não possuíam a mesma renda que os homens, eram dependentes financeiramente de familiares, maridos, companheiros. 62,93% dos manauaras ganhavam por mês no máximo $\frac{1}{2}$ salário-mínimo. Em todos os níveis de rendimento mensal, o número de mulheres empregadas era inferior aos homens empregados, evidenciando que as condições socioeconômicas das mulheres eram mais precárias que as dos homens.

Dayla Cerqueira conhecia bem esta realidade. Ela mesma escapara desse cenário ao ser contratada pela então Brastemp da Amazônia S.A. A satisfação de conseguir aquele emprego foi grande. Ela sempre retribuiu com bom trabalho e solidariedade, voluntariamente

coordenou ações e campanhas natalinas dentro da empresa, junto aos outros colaboradores. Uma das primeiras ações promovidas foi voltada ao atendimento de uma comunidade carente na zona leste de Manaus. Cadastraram com atenção e cuidado os filhos menores de 14 anos de mulheres que frequentavam oficinas de artesanato para geração de renda. Graças à boa vontade da equipe, 50 brinquedos foram doados.

Foi um sucesso! Ao ver os olhos encantados daquelas 50 crianças não restaram dúvidas: a recompensa era tão grande para quem doava quanto para quem recebia! Virou tradição. Quando o mês de dezembro chegava, começavam as ações do Natal Solidário, assegurando os presentes para os filhos das mulheres da comunidade. Nos anos seguintes a campanha cresceu exponencialmente, e os voluntários da companhia puderam atender mais de 500 mulheres. Foram arrecadados 2500 brinquedos e mais de 12 toneladas de alimentos. Uma gincana entre os setores da empresa premiava aqueles que conseguissem a maior parcela de doações. O prêmio? O privilégio de ver esperança estampada no rosto de quem mais precisava nos eventos de entrega dos presentes. “Era uma emoção tão imensa que jamais seria esquecida por cada um que ali estava”, relembra Dayla.

O trabalho voluntário dela estimulando a generosidade que havia em cada funcionário trouxe uma recompensa inesperada após quatro anos de campanhas do Natal Solidário.” Em 2007, fui convidada para assumir a Coordenação do Consulado da Mulher em Manaus, com a responsabilidade de inaugurar a sede do Instituto na cidade. Trabalhar em tempo integral pela melhoria da vida de outras pessoas era um sonho”, conta ela.

A definição do local, a reforma de um espaço dentro da área da empresa, a formação do time e a sensibilização de voluntários, tudo foi acompanhado de perto por Dayla. Foram inúmeras reuniões com entidades e parceiros locais para criar um programa completo e eficaz de para fomentar o empreendedorismo e a geração de renda. Era preciso rodar pelas comunidades mais carentes da cidade, estabelecer vínculos e, assim, convidar mulheres para as formações promovidas pela instituição.

Dia 8 de outubro de 2007 as manauaras encontraram um novo endereço de esperança. Um refúgio para suas dificuldades, um local de acolhimento e empoderamento. A nova sede do Instituto Consulado da Mulher em Manaus já nascia repleta de amor e de muitos desafios. As atividades aconteciam nas periferias da cidade, promovendo orientação para umas, aconchego para outras, troca de experiências entre todas as mulheres que ali buscaram apoio. Não era raro que alguma delas denunciasse a situação de miséria extrema em que

vivia e fosse amparada. As mulheres que confidenciavam ser vítimas de violência doméstica eram acolhidas, orientadas e encaminhadas às autoridades do município.

Contadas aos milhares são as histórias de felicidade que tiveram suas primeiras páginas narradas ali. “Pude conhecer uma mãe de 10 filhos que, aos 35 anos, não conhecia o que era preservativo. Seu marido perdera a visão numa troca de lâmpada. Já estava aposentado por invalidez e a renda única e exclusiva de todas aquelas pessoas era sua aposentadoria. A esposa sofria violência física e psicológica. Uma vida difícil, com privação de alimentos e, sobretudo, de informação. Empoderá-la era desafiador, pois quem sempre foi subjugada não se enxergava merecedora de protagonismo e liberdade. Após repetidas visitas, notei que havia nela uma aptidão nata: ser manicure! Sim, ali estava a porta de entrada para o mundo do empreendedorismo! Numa parceria incrível com o SENAC abrimos turmas de Manicure e Pedicure. E no primeiro dia de aula, quem estava ali sentada, toda encolhidinha? Aquela mulher, que era mais forte do que acreditava ser, que deu a si mesma a primeira oportunidade da vida, e que logo depois se tornaria uma exímia manicure. Do trabalho dela, reconhecido e competente, passou a surgir a renda que incrementava o sustento de sua família”, recorda Dayla.

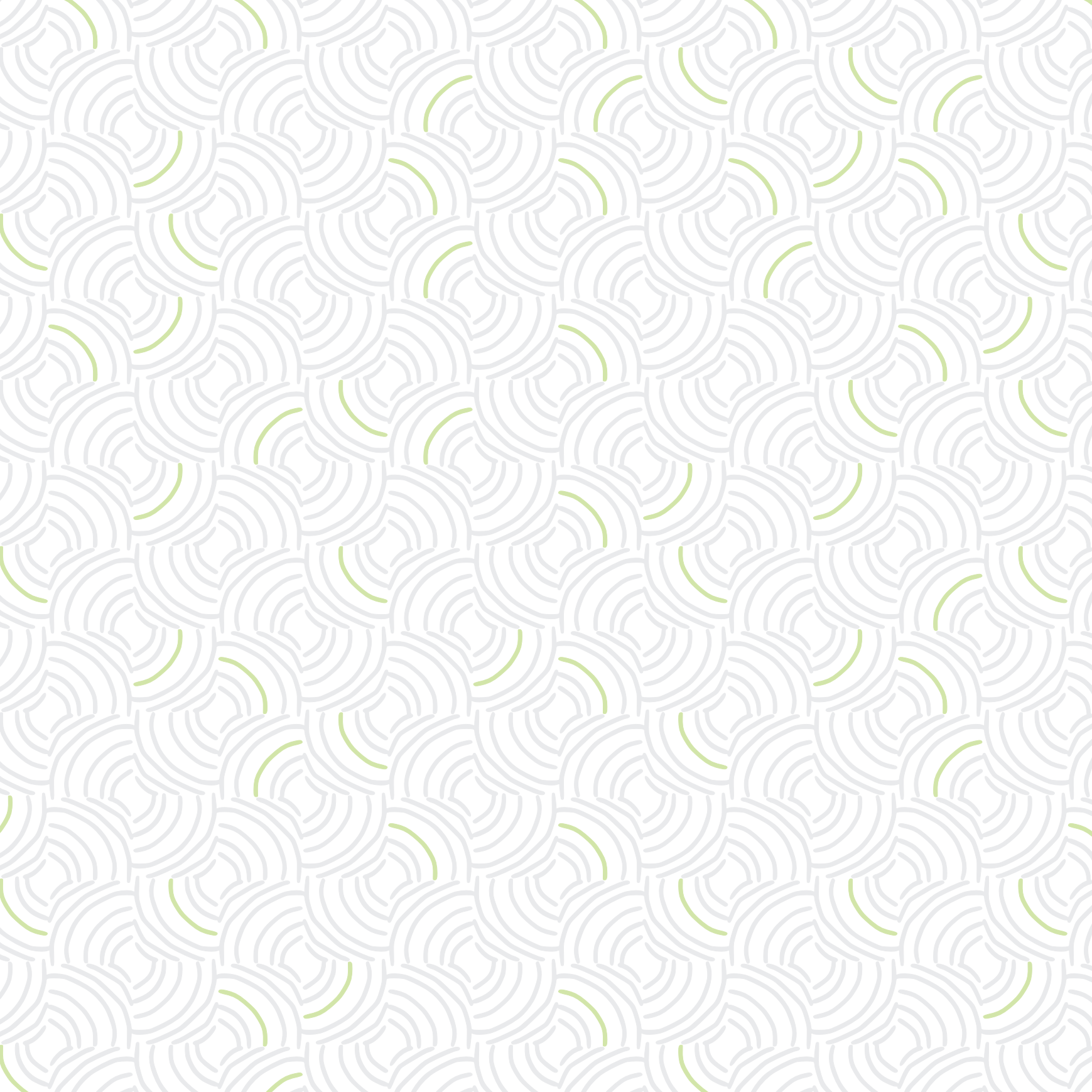
Semana após semana, as assessoradas alteraram a rota de suas vidas e de seus negócios, a partir de um planejamento estratégico, dos treinamentos em gestão administrativa, finanças, vendas, marketing, Sustentabilidade e Gênero, seguindo a metodologia do Consulado, certificada pela UNESCO, KMPG e Fundação Banco do Brasil por sua eficácia e replicabilidade.

Nesta época, Armando Ennes Valle assumiu a presidência do Consulado da Mulher, testemunhando a transformação daquelas empreendedoras cheias de sonhos e coragem. De Manaus, coordenava a atuação do Instituto se ampliando pelo país. “Sou economista de formação e vi o Consulado nascer. Das primeiras coisas que eu percebi quando assumi a função de diretor foi que a instituição gastava boa parte de seus recursos para manter a estrutura, as casas onde eram feitas as atividades, despesas com água, luz, manutenção, etc. Então, a partir daquele momento, nós começamos a nos transformar para que o recurso antes aplicado na estrutura fosse direcionado para a atividade fim, na razão de existir do Consulado. Ao lado da Leda Böger, alteramos o andamento do Instituto para que a atuação se voltasse para as comunidades, com acompanhamento direto nos locais. Mudamos esse perfil e liberamos dinheiro para espalhar essa metodologia”, relata Armando. Aos poucos, as ações do Consulado se expandiram em Manaus, assim como nas outras cidades onde a

instituição atuava. O foco se intensificou no apoio a empreendedoras do setor de alimentos. Todas sabiam cozinhar, todos precisam se alimentar e a culinária amazônica era uma fonte inesgotável de vastos e apreciados sabores. As receitas típicas das terras amazônicas ganham tempero especial nas mãos das mulheres assessoradas pela instituição. Tapioca com queijo coalho, castanha do Brasil e tucumã, fruta nativa da Amazônia; o famoso x-caboquinho, um sanduíche bem servido com queijo coalho, ovo, banana pacovã e tucumã; o tacacá, um caldo delicioso feito com tucupi, camarão e jambu são as estrelas de cafés, almoços e jantares preparados por elas em todos os cantos da capital.

Como resultado do incremento da renda, houve independência financeira, empoderamento e qualificação, não apenas delas. Muitas manauaras empreendedoras contrataram outras mulheres em situação de vulnerabilidade, asseguraram os estudos de seus filhos e netos, conquistaram moradias melhores.

Até 2022 mais de 2000 mulheres foram atendidas pelo Consulado na capital amazonense. “Nada disso seria possível sem considerar a atuação do voluntariado, que se fez presente em cada uma de nossas ações ao longo de tantos anos. Pudemos testemunhar o desabrochar de muitas mulheres a partir das formações de gênero, empreendedorismo e geração de renda. A transformação deixou de ser um sonho e virou realidade para as mulheres amazonenses, uma realidade que o Consulado da mulher tornou possível e acessível para elas”, celebra Dayla.





**Raízes no chão
e galhos
para alcançar
os céus**

Tive a honra de nascer na Amazônia, sabendo que quem nasce aqui não apenas “nasce” na floresta. É parte dela. E com a força dela vi meus pais se desdobrarem para colocar comida em nossa mesa. O meu primeiro exemplo de empreendedorismo veio de dentro de casa: meu pai tinha um bar e minha mãe, movida pela necessidade, produzia dindim, delícias ensacadas também conhecidas como sacolé, laranjinha, chup-chup, geladinho, refrescos para o calorção que nos faz derreter.

Aos 16 anos, fazendo planos para uma faculdade, me vi grávida e sozinha, imersa em medo e insegurança. Meu namorado abandonou a mim e ao filho que estava por vir. Quando meu bebê nasceu, amadureci à força. Nascia ali também uma mãe carregando junto com seu filho toda a responsabilidade do mundo. Para que eu não abandonasse a escola, meu pai cuidou do pequeno, enquanto eu me dedicava a finalizar o ensino médio. Eu sempre acreditei que dias melhores viriam, mas as dificuldades não davam muita brecha à esperança.

Em 2013 meu pai faleceu. A morte dele deixou sequelas em muitas outras vidas. Meu filho sentia falta do avô. Eu perdi meu amigo e alicerce, minha mãe entrou em depressão. Todos perdemos o sustento. Entre desespero e devaneios, pensava o que poderia fazer para nos manter vivos e sãos. Foi então que germinou em mim a semente do empreendedorismo encapsulada há tempos. Olhando para um cupuaçu esquecido em meu congelador lembrei os dias em que via minha mãe preparando os dindins para vender nas ruas de Manaus. Estava ali a forma de fazer dinheiro. O cupuaçu e a inspiração eu tinha, faltava só o dinheiro para comprar os outros ingredientes...

Meu novo companheiro, parceiro na rotina, na alegria, na tristeza e na criação do meu filho, fez algumas corridas como moto-táxi. Trouxe para casa R\$70,00 reais para comprar

A história de Samila Pinheiro



leite e comida para a família. Decidi arriscar e com esse dinheiro comprei açúcar e leite em pó para fazer os dindins.

Refletindo hoje, reconheço que o que eu vendia de porta em porta não era um produto gostoso, nem com acabamento impecável, como me esmero em entregar agora. Era só a forma honesta de conseguir comprar comida e cuidar do meu menino. Aos poucos, a junção de necessidades com aspirações ficou clara. Misturar ingredientes, inventar novos sabores virou prazer e paixão, mesmo com a falta de estrutura. Sem um freezer em casa, cada dindin levava três dias para congelar na geladeira velha.

Empreendendo a passos lentos, engravidei novamente e com o bebê no útero, continuei a produzir e vender até a chegada de minha filha. Era o amor que se multiplicava e o tempo que precisava ser dividido agora entre dois filhos e o trabalho por conta própria. O jeito para a coisa eu tinha. A criatividade também. Faltavam noções de precificação, embalagem, marketing, gestão de negócio...

Em 2016, com minha filha nos braços, soube da existência do Consulado da Mulher. Minha prima, assistente social, conhecia e acreditava no projeto, que já havia transformado a vida de tantas famílias, e parecia perfeito para mim. Me inscrevi e não demorou para eu ser selecionada. Fiz tantos planos para estar lá no primeiro encontro, de cabeça e coração abertos para o saber. Ficou mesmo só nos planos, porque no dia da aula minha bebê teve uma convulsão, o que nos obrigou a passar um tempo no hospital. Exame de sangue, eletroencefalograma, olhares atentos da equipe médica e enfermeiros. Os medos, as dúvidas e angústias só foram aliviados quando o neurologista disse que era um episódio isolado e que talvez ela nunca mais tenha outra convulsão.

Redobrei os cuidados com ela e junto com a alegria de ter minha bebê saudável, tive direito a outra conquista: a equipe do Consulado me ligou para saber porque eu não estava presente na aula, e se eu havia perdido interesse no projeto.

Na semana seguinte, com a bebê no colo, deixei meu filho na escola e tomei o ônibus com destino ao conhecimento que eu tanto procurava. Um mundo de esperança se descortinava diante de meus olhos. Era tudo novo, pra começar eu nunca imaginei que precisasse separar os meus gastos dos gastos do empreendimento. Eu achava que o dinheiro era todo meu. Todo real que entrava era usado para a compra do pão, do leite, das roupas das crianças. Para dificultar um pouco mais as coisas, neste período eu adoeci. Comecei a sentir dores fortes e precisei fazer uma cirurgia para retirada da vesícula. A produção de dindins parou, os cuidados com as crianças ficaram a cargo do pai, que deixou de fazer corridas de moto porque também buscava o leite que eu ordenhava no hospital para amamentar a pequena. Ou seja, junto com a vesícula perdemos toda a renda da família. Naquela situação, no leito hospitalar, entre soro e medicamentos, me sobrava desespero e tempo para pensar.

Foi lá, na enfermaria, que criei o Dindin da Mila Gourmet. Assim que a alta médica saiu, fui a um hipermercado e fiz um cartão de crédito. Comprei ingredientes caros para colocar em prática o plano que eu desenhara: produzir dindins cremosos, com qualidade inigualável. Leite condensado, creme de avelã, chocolates, embalagens especiais. Na internet pesquisei receitas, na cozinha testei tudo. Uns saiam muito doces, outros, consistentes demais.

Como se houvesse um projeto concebido para tornar aquele sonho realidade, passei a ter aulas para profissionalização de receitas. Aprendi a padronizá-las, com a gramatura correta, sabendo a ordem dos passos, a porcentagem ideal para que o sabor fosse inesquecível. Ao acertar o ponto seguindo um processo definido percebi que havia perdido tempo demais fazendo tudo errado... Abandonei o “olhômetro” e abracei de vez a balança e a calculadora.

Ao estabelecer padrão para meu produto passei a vender muito mais. E junto com as vendas veio o reconhecimento. Fui convidada para entrevistas, para gravar programas na televisão, para ensinar as receitas que eram sucesso. E com essa visibilidade veio também a atenção de outras mulheres que se identificaram com a minha história. Todos os dias recebo mensagens de mães-solo, de mulheres sem renda nenhuma e com muita vontade de empreender.

O que me diferencia delas é que em algum momento eu tive alguém que acreditou em mim, que ao primeiro sinal de desânimo, me amparou e se postou ao meu lado. Era o Consulado da Mulher. Até o velho congelador da minha mãe eu pude aposentar quando ganhei um freezer novinho, reluzente, maravilhoso. Não era só um eletrodoméstico, era a oportunidade de aumentar minha produção. Acordava às 4 horas da madrugada, preparava os dindins até o almoço. Colocava minha filha no carrinho e saía pela rua a vender, com o isopor a tiracolo, a cara e a coragem. No começo, meus vizinhos achavam meu produto muito caro. Hoje, vendo 600 unidades por dia, pelos aplicativos, para eventos e festas, sem ninguém questionar o preço. Hoje, posso inclusive manter uma funcionária trabalhando comigo.

Reconheço que estou vivendo o extraordinário. Aparecer na TV, ganhar seguidores, lucrar além do esperado não foi a maior vitória. Eu queria me multiplicar. Quero que outras mulheres, vulneráveis, mães sozinhas, mães adolescentes, tenham, como eu tive, a ousadia de ir mais longe.

Quinze revendedoras já se espalham pela cidade e o Dindin da Mila já gera renda para essas famílias. Os sabores se proliferam: geleia de morango, chocolate branco, banoffeee. A Amazônia se faz presente nos doces de cupuaçu, graviola, cacau trufado, tapioca. O faturamento dobrou, mas o mais importante é que hoje eu posso segurar a mão de outras empreendedoras e caminhar ao lado delas, assim como o Consulado da Mulher fez comigo.



**Foco no
empreendedorismo**

No princípio, quando iniciou suas atividades, os programas do Consulado da Mulher incluíam Geração de trabalho e renda, Inclusão digital, Arte, Cultura, Corpo e Mente, Comunicação e relacionamento, oficinas informativas de assuntos diversos. Do molho de tomate à massa de pizza, do recheio do bolo à manicure, do sabonete aos acordes do violão, tudo era ensinado. Quase a totalidade das oficinas era oferecida por voluntários, que mais do que repassar conhecimentos atuavam como agentes facilitadores no processo de conscientização, no despertar do desejo de aprender, no entender que as mulheres tinham diante delas o direito e o desafio da escolha.

Após o primeiro contato, com profissionalismo e acolhimento, as pessoas atendidas eram encaminhadas para atividades de capacitação e recebiam orientação para traçar seu próprio plano de negócios. As mulheres desenvolviam suas ideias de pequenos empreendimentos e os voluntários as orientavam por onde ir, como caminhar, como ultrapassar cada obstáculo. Se precisassem de técnicas, seguiam para os treinamentos. Se necessitassem de recursos, eram encaminhadas à Banca da Mulher Empreendedora, num ciclo completo de prosperidade e emancipação que durou alguns anos. A informação estava disponível, de graça, com linguagem acessível a quem buscasse por ela. O amparo, também.

Com o tempo, a formação foi elevada a um outro patamar. Para quantificar a transformação social que o Consulado da Mulher promovia, fez-se necessário traduzir em números o impacto provocado em tantas vidas. Em 2008, com a ajuda de uma consultoria especializada, o Instituto ajustou a rota e se reinventou. “A partir dali, focamos nossa metodologia na geração de renda e deixamos de oferecer oficinas que não estivessem integradas à necessidade de cada empreendimento. Nosso objetivo é oferecer ferramentas para fortalecer a mulher e fazer prosperar o seu negócio”, explica Leda Böger.

A metodologia de trabalho desenvolvida e aplicada pelo Consulado é reconhecida desde 2009 pela Fundação Banco do Brasil e UNESCO como uma tecnologia social replicável, eficaz e que entrega os resultados aos quais se propõe, seja a geração de renda, seja o estímulo ao empreendedorismo feminino, especialmente para grupos em vulnerabilidade. Também é certificada por incontáveis mulheres que assumiram para si ferramentas de educação empreendedora, que promovem desenvolvimento sustentável de seu trabalho e de sua história. Hoje, o Consulado da Mulher atua lado a lado com as empreendedoras no aprimoramento da gestão dos negócios, na transferência de conhecimento, no enfrentamento dos desafios diários. A premissa é capacitar as mulheres para que absorvam todo

conhecimento compartilhado e possam aplicar diretamente no dia a dia do seu negócio, para obter prosperidade e autonomia. “O programa de assessoria do Consulado é flexível e customizado de acordo com as necessidades de cada empreendedora. Além dos conteúdos gerais, há também um olhar individualizado para cada empreendimento, para cada grupo familiar”, explica Leda.

Nenhuma mulher é empoderada pelo Consulado. Elas se empoderam por si mesmas, a partir do acesso ao conhecimento, às trocas, a partir da força que redescobrem em si mesmas para fazer escolhas reeditadas diariamente, renovadas a cada amanhecer. Elas são mulheres, empreendedoras e mães, na maioria das vezes, porque a própria maternidade é a mãe do empreendedorismo feminino. Sabe-se que 75% das mulheres criam o próprio negócio, por vontade ou por necessidade, depois de terem filhos. É que mesmo nos dias de hoje, mesmo com a legislação avançada e as políticas de inclusão, 48% das novas mães perdem seus empregos nos primeiros 12 meses de vida do bebê.

Elas, capazes de dar origem à vida, criam para si também oportunidades de trabalho, onde sejam livres para ser o que quiserem, para fazer os próprios horários e para construir a trajetória da melhor forma possível. Gerando renda e confiando em si mesmas, elas tecem uma nova vida, sem ter que se estreitar para caber nas expectativas de ninguém. Sendo do tamanho que elas sonharem ser.

Às portas de seus 20 anos, o Consulado da Mulher realizou pesquisas com empreendedoras que passaram pelos programas entre 2016 e 2019, para poder mensurar o impacto de suas atividades na vida das mulheres com o passar do tempo. A resposta foi muito animadora e, por si só, combustível para seguir em frente. 80% das entrevistadas continuam empreendendo até cinco anos depois de emancipadas. 20% delas conseguiram contratar entre 1 e 4 funcionários, prova de que elas multiplicam seus lucros e dividem oportunidades com outras mulheres. 73% das empreendedoras fizeram algum tipo de melhoria em suas casas com a renda conquistada em seu trabalho. 89% das mulheres continuaram aumentando o faturamento depois de passar pelo programa do Consulado da Mulher.

A emancipação vem e não é só financeira. De posse do próprio dinheiro, donas das próprias decisões, as mulheres entendem que a relação entre os seus corpos, o poder econômico e a política se dá no cotidiano. “Certa vez, fizemos formações em uma comunidade e percebemos traços de depressão em várias mulheres do grupo. Elas tinham os olhares baixos, não conversavam, não interagem. Trouxemos psicólogas para conduzir dinâmicas e atividades, e aos poucos elas foram se soltando. Passados uns poucos meses, ao final do processo de

formação, perguntamos ‘o que mudou na vida de vocês depois que começaram as formações no Consulado da Mulher?’ Sentindo-se em ambiente seguro, muitas se abriram. Uma delas contou que nunca antes havia podido cantar dentro de casa. O pai não deixava quando era jovem e, depois que casou-se, seu marido mandava-a calar a boca, alegando que a voz dela era muito feia. Essa mulher, assim como milhares de outras que passaram pelo Consulado, desabrochou. Passou a ter o próprio dinheiro. Sustenta a casa, tanto quanto ele. Então, ela canta, a hora que quiser, a música que quiser”, emociona-se Leda.

O direito de expor opiniões, de fazer escolhas, de cantar, nasce do empoderamento, da informação, da autoconfiança. Assim, mulheres deixam de se submeter à situações de violência e violação de direitos, deixam de abrir mão de seus sonhos e de si mesmas para se encaixar em moldes prontos. A partir do conhecimento, elas entendem que podem romper limites, valendo-se das próprias asas e da própria voz. “Isto é empoderamento legítimo. Não vem só do dinheiro. Vem dela se sentir capaz, pertencente, expressar sua voz e sua vontade. A satisfação e alegria de ver essa transformação na vida de uma mulher é tão grande que nem sei explicar. Mexe na alma saber que a história da pessoa mudou e que o futuro dela será melhor”, diz Leda Böger.



Metamorfoses

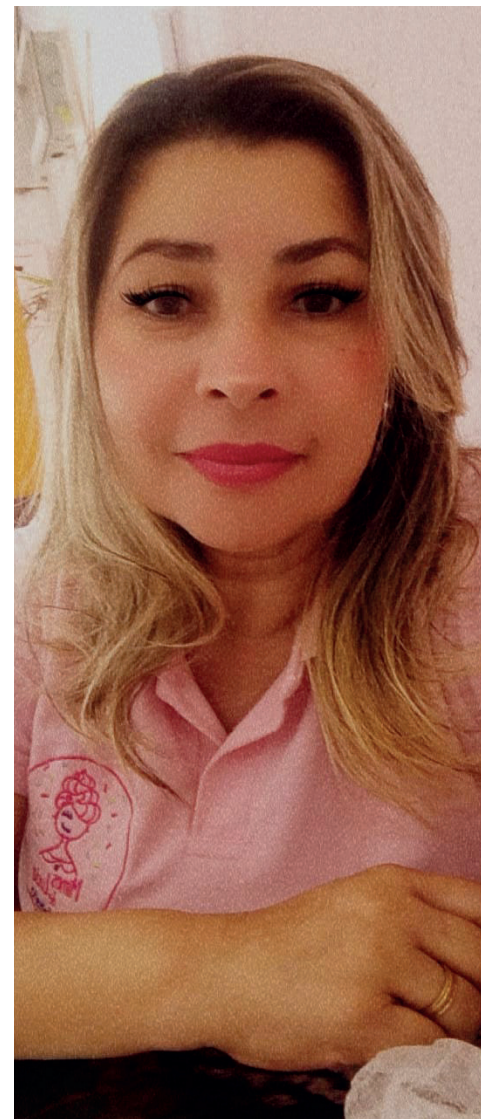
Na terra onde brotei não pude criar raízes. Sou de Iguatu, no centro-sul do Ceará, um lugar onde ter a terra só não é mais difícil do que fazer algo germinar. A chuva que não vinha tornava o serviço duro demais e a sobrevivência, um desafio que beirava o impossível. Meus pais desistiram daquela luta para iniciar uma outra. Entraram com os quatro filhos em um ônibus com destino a São Paulo, em busca de uma nova vida.

Da viagem nunca me esqueci: duas noites e três dias de estrada, num ônibus lotado de gente desconhecida com os mesmos sonhos na bagagem. Uma jornada que começou com farrá e esperança e demorou muito, muito para terminar. Quando chegamos nos instalamos no Jardim Primavera, bairro da zona sul da capital paulista. Árvores imensas esverdeavam a paisagem, resquícios das antigas fazendas que um dia cercaram a cidade. Naquele pedaço de minha infância, São Paulo não era cinza.

Era frequente termos lagartas perambulando pela casa, pela vizinhança. Era comum que alguém gritasse com medo de um bichinho tão inofensivo. A feiura assusta, alardeavam alguns. Para mim, ver as lagartas se arrastando, se enclausurando no casulo, no seu tempo, na sua hora, era mágico. Passava os dias a observar, em silêncio, o silêncio sábio dos insetos. Semanas depois, um movimento surgia para revelar as belas asas de uma borboleta. As amarelas eram as minhas preferidas.

Não pude estudar por muito tempo o ciclo natural da lagarta a se fazer borboleta. Concluí apenas o ensino fundamental e abandonei a escola para receber lições da vida adulta. Pelas portas que os sertanejos conseguem abrir na cidade grande, meu pai trabalhava como segurança,

A história de Lúcia Batista da Silva Santos



minha mãe, como ajudante geral. Davam um duro danado para assegurar que o pouco que tínhamos não faltasse nunca. Tendo o exemplo deles como guia, me casei aos 16 anos e me mudei para o bairro ao lado, a Vila Missionária.

Até trabalhei como costureira por uns meses, sem fazer carreira. Aos 17 anos já estava grávida e, sem creche para deixar o bebê, tive mesmo que me fechar em casa. Logo já vieram os outros dois filhos da barriga e um do coração para incrementar a família.

A rotina era criar os filhos, cozinhar e limpar a casa; cozinhar, cuidar do marido e lavar a roupa; cozinhar, lavar a louça e dormir para começar tudo de novo no dia seguinte. Angustiava-me não ter minha própria renda para comprar o que quer que fosse. Sem ter meu próprio dinheiro eu nem tinha querer. Angustiava-me nunca ter visto a cidade que me recebeu e me viu crescer. Para remediar a falta de recursos, assumi nova tarefa: unir bolinhas de madeira com linha e paciência. Além das infundáveis tarefas domésticas, eu arrumava tempo e tecia assentos para bancos de ônibus. As peças que eu fazia corriam por ruas pelas quais eu nunca havia transitado.

Minhas saídas se limitavam a visitar parentes ali perto mesmo. As compras eram feitas pelo marido. As crianças iam e vinham da escola. Os dias corriam iguais. Ofereci ajuda à minha irmã na organização do aniversário de um ano de minha sobrinha. Era a primeira filha e o primeiro aniversário, não podia passar em branco. Aceitei o desafio de fazer o bolo, só com a receita num pedaço de papel. Nunca havia ousado misturar ovos, manteiga e farinha com confeitos coloridos. A festa tinha 20 convidados. O tal bolo, pioneiro, era suficiente para alimentar mais de 100. Mas o que seria um desperdício acabou se tornando um ótimo negócio. Quem comeu, gostou, levou para casa, compartilhou. E assim, sem querer, descobri um talento.

Meu marido trabalhava com manutenção de catracas de ônibus. Desenvolveu um problema de saúde que o afastou do serviço. E uma família inteira, dependente daquele trabalho precarizado, se viu da noite para o dia sem renda nenhuma. As dores dele se tornaram as nossas dores. Os boletos se acumularam, os problemas também. Eu já tinha corrido nas casas dos vizinhos pedindo uma ajuda, um socorro, mas a grana era curta para todos. Era difícil não se desesperar.

Para desanuviar a cabeça fiz o que era a minha terapia: varrer a casa. Na televisão, ao longe, ouvi a apresentadora ensinar uma receita de esfiha. Ela avisou que era necessário ter:

- 2 tomates;
- 1 cebola;
- 500g de carne moída;
- sal a gosto;
- farinha de trigo;
- óleo;
- fermento.

Passo a passo, na TV os ingredientes foram misturados, temperados. Deu-se tempo para a massa crescer. Deu-se tempo para eu abrir a geladeira. Como não acredito em coincidências, sei que aquela receita foi um sinal para mim. Tudo o que eu tinha em casa eram:

- 2 tomates;
- 1 cebola;
- 500g de carne moída;
- sal a gosto;
- farinha de trigo;
- óleo.

Mas cadê o fermento? Foi então que meu filho anunciou: ‘mãe, tenho moedas no cofrinho’. Abrimos a caixinha, cheios de ansiedade, e achamos R\$ 0,30. Com as moedas na mão corremos ao mercado e compramos o derradeiro ingrediente, salvador. A receita rendeu 11 esfihas, encheu meu coração de esperança e a casa com o perfume do salgado que fiz bem temperadinho. Não demorou para que os vizinhos batessem à porta perguntando o que cheirava tão gostoso. Respondi que a partir daquele dia eu vendia esfihas. Em minutos vendi tudo, consegui faturar R\$11,00.

Entreguei o dinheiro nas mãos do meu marido e pedi o dobro de ingredientes. Fiz 22 esfihas naquele mesmo dia, 40 na manhã seguinte. Nunca mais faltou dinheiro na minha casa. Quem vinha procurar salgados levava junto um bolo, docinhos, tortas. Eu trabalhava muito, mas sem estudo nem qualificação, praticamente só trocava o dinheiro das compras pelo dinheiro das vendas. Era muito serviço para quase nenhum lucro.

Num dia daqueles em que dá vontade de se fechar num casulo e esquecer do mundo, eu resolvi desistir. Comuniquei ao meu marido que não pegaria mais nenhuma encomenda. Nunca mais. E então, recebi outro sinal. Um telefonema do Consulado da Mulher avisava

que eu tinha sido selecionada para participar dos treinamentos e precisava passar por uma entrevista. Eu nem sabia que estava inscrita!

Minha sobrinha, aquela a quem dediquei o primeiro bolo que fiz na vida, era agora adulta e trabalhava em um escritório. Soube da seleção para o projeto do Consulado e me inscrevi. Bem no momento em que eu estava sem rumo, o rumo me foi apresentado assim, num solavanco. Eu vi nesse telefonema uma tábua de salvação.

Era 2015. Aceitei o desafio de enfrentar o processo. Mas o desafio começava muito antes. Era preciso descobrir onde aconteciam as reuniões, sair de casa, pegar ônibus, caminhar pela cidade imensa em que eu morava sem conhecer. Tal qual numa receita de bolo, respeitando o passo a passo, descobri como percorrer o trajeto para chegar até lá. Me organizei para ser pontual apesar da insegurança, apesar da falta de um celular, do dinheirinho contado para a passagem. Só bastou chegar. Imediatamente me senti acolhida. Não estava tudo perdido.

Para começar, o Consulado me ensinou a palavra empreendedorismo. Eu nem sabia que tinha uma profissão. De posse dessa informação, ciente de minha condição, evolui a passos largos. Estudei marketing, atendimento ao cliente, valorização pessoal. Aprendi a fazer produtos padronizados, pois antes eu não sabia. Não media, não pesava nada. Vendia um bolo de 6 kg pelo mesmo preço de um de 2 kg. E a precificação correta fez uma diferença enorme. Aprimorei meus processos e tudo melhorou. Paguei a faculdade para um dos meus filhos, a casa para outro que morava de aluguel. Coloquei o mais novo na escola particular. Tudo com dinheiro dos bolos.

Porém, o Consulado promoveu mudanças que não se podia medir nem pesar. Era preciso sentir. Eu era uma mulher que fui educada para acreditar que cabia apenas aos homens a tomada de decisões e o homem da casa não era eu. Meu marido, que também se casou muito novo, que também recebeu a mesma educação, pensava igual. Com o que o Consulado me ensinou eu transformei o meu entorno.

Aos poucos, o meu marido também entendeu que as minhas decisões valiam, o meu direito valia. E meu dinheiro então, passou a valer tanto que ele veio trabalhar comigo, o dia todo, madrugada adentro, quando necessário. Cozinhávamos na cozinha de casa. Guardávamos os produtos em um freezer antigo, já com a porta solta. O truque para fechar era colocar no lugar, segurar 10 segundos, com pressão, para encaixar. Esse velho companheiro foi substituído por um novinho, um presente do Consulado para o meu negócio, o Mimos D'Lucia. Com novos eletrodomésticos a nossa produtividade cresceu. Mais encomendas vieram. Fazíamos as entregas a pé, de ônibus, metrô, bicicleta. Com o tempo, as lições do

Consulado da Mulher e muitos quilômetros rodados, conseguimos comprar um carro, fruto de muito suor e sacrifício.

Nem eu acreditava que pudesse chegar tão longe. Em janeiro de 2020 já tinha quase um ano de eventos marcados em grandes empresas, nos endereços mais cobiçados de São Paulo. Entretanto, veio a pandemia. O telefone tocava sem parar, não para trazer novos pedidos, mas para cancelar os já feitos. Meu marido ameaçou se desesperar. Eu acessei a inteligência emocional que desenvolvi com o Consulado da Mulher. Autoestima, criatividade, pensar em soluções diferenciadas fizeram parte de nosso treinamento. Dois dias depois de iniciado o isolamento social eu falei para minha família: ‘as pessoas estão em casa, vão trabalhar e estudar de casa, e vão precisar comer’.

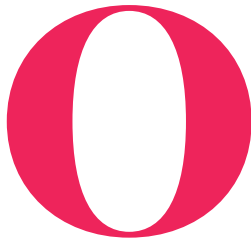
Começamos a oferecer bolos gostosos para o café, salgados congelados, caixas de doces com poucas unidades, para levar um carinho e uma dose de calma a quem estava fechado e triste. Meu filho, profissional da área de informática, se dedicou a criar planilhas, a digitalizar meu atendimento e acelerar processos. O volume de trabalho aumentou e vimos nosso negócio crescer em plena pandemia.

Quando todos tinham medo de sair de casa, assolados por um inimigo coletivo e invisível, meu marido cruzava as ruas desertas de gente e de abraços para entregar as Festas na Caixa: pacotes completos com bolo, salgado, docinhos, bexigas para celebrações familiares. Tantas foram as vezes em que o aniversariante recebeu a encomenda e chorou no portão. Chorávamos juntos.

Graças ao que aprendi com o Consulado, me preparei financeiramente para sair da cozinha de casa. Hoje temos um ponto comercial onde preparamos os pedidos, atendemos os clientes, servimos um cafezinho, um bolo, muito afeto. Aquela Lúcia fechada no próprio casulo não existe mais. Sofri uma metamorfose, me descobri uma outra mulher. Já não me faltam asas para voar.



Pelas mulheres do Brasil



Consulado da Mulher acredita no extraordinário que mora em cada mulher, e se dedica, dia após dia, ano após ano, a fazer com que cada uma das assessoradas tenha a certeza de ser extraordinária. As provas estão aí, pelas ruas do Brasil. Estudos realizados pelo Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas demonstram que as mulheres são de fato os grandes motores da economia, sejam elas consumidoras, empreendedoras, trabalhadoras ou líderes empresariais. Cada mulher é imensa.

Elas desempenham 66% de todo o trabalho no mundo, produzem 50% de toda a comida, mas recebem apenas 10% do rendimento. Em sociedades em que as mulheres têm boas capacidades empresariais, a probabilidade de melhorar a percepção empreendedora delas aumenta. Contudo, menos mulheres (47.7%) que homens (62.1%) acreditam ter a capacidade de iniciar e gerir negócios. Mudar esses cenários na realidade brasileira é a meta do Consulado, é a semente plantada em cada um dos projetos e oficinas.

O Instituto já realizou sete edições do Prêmio Consulado da Mulher, que tem como objetivo identificar e fortalecer práticas exitosas de empreendedorismo feminino e geração de renda em todos os estados brasileiros. “As cerimônias de entrega do Prêmio são sempre muito emocionantes. O auditório fica lotado para ouvir as histórias vencedoras. O que eu mais gostava era estar ali para enxergar o conjunto do legado deixado pelo Consulado para essas mulheres. Lembro bem de um projeto que capacitou catadoras de caranguejo no nordeste. Elas entravam no mangue, cobertas de lama até a o pescoço, para coletar os caranguejos, depois penduravam para vender. Com o Consulado elas se profissionalizaram, conquistaram renda, ganharam qualidade de vida. Ao apresentarem sua história não teve uma pessoa na plateia que não chorou...”, emociona-se Armando Ennes do Valle Júnior.

Entidades parceiras sem fins lucrativos são selecionadas e recebem treinamento para replicar a metodologia em novos empreendimentos inscritos. A assessoria acontece por um período aproximado de um ano e também prevê aporte de recursos financeiros e doação de eletrodomésticos Consul para impulsionar a produtividade e a geração de renda.

A premiação deu origem a um movimento chamado #Elas Investem, mostrando que investir em mulheres tem retorno garantido, muito além do aspecto financeiro. O movimento fala sobre mulheres fortes, que sempre investiram tempo, amor, dedicação, esforço, conhecimento e muito mais, em si mesmas, em seus negócios e em outras mulheres, provocando reações em cadeia que impactam e melhoram toda sociedade.

Para que o conhecimento viajasse longas distâncias, sem custos e sem limites, foi lançada uma plataforma com formação gratuita em gestão de negócios e empreendedorismo. Foram elaboradas mais de 70 aulas online com linguagem acessível, direta, dinâmica e motivacional para dar oportunidade de desenvolvimento ao maior número de empreendedoras, estejam elas onde estiverem.

Quando a pandemia avançou sobre o mundo, ceifando vidas, empobrecendo países, derrubando mercados, em um contexto de instabilidades e incertezas, o Consulado viu a necessidade de socorrer as mulheres como um desafio, como mola propulsora para se reinventar. A pandemia da covid-19 deixou cicatrizes difíceis de esquecer e gerou oportunidades também. A tecnologia levou a voz do Consulado da Mulher cada vez mais longe, impactando cada vez mais gente. Foi necessário repensar tudo: modelos, processos, indicadores, formas de interagir e de se aproximar das pessoas e comunidades.

Em 2021, segundo ano de pandemia, o Consulado continuou fazendo jus à sua razão de existir, assegurando apoio às mulheres. Foram realizadas duas edições do programa #Empreendenozap. A já reconhecida metodologia do Instituto foi transportada para vídeos e exercícios dinâmicos e eficazes que pudessem ser enviados pelo aplicativo Whatsapp, utilizado por mais de 50% dos brasileiros. Assim, mais mulheres puderam acessar o conhecimento, em tempos de distanciamento social e proximidade virtual.

Com as escolas fechadas e as crianças em casa, mais mães precisaram de apoio. Nada menos que 405 inscrições foram apresentadas para a capacitação de mães empreendedoras. 150 mulheres foram escolhidas para participar e tiveram acesso a uma plataforma online com dezenas de aulas, encontros ao vivo, um grupo de mensagens instantâneas com outras empreendedoras e uma pessoa da equipe do Consulado da Mulher com quem tiraram suas dúvidas. As 50 melhores receberam mentoria de executivos da Whirlpool e as 30 que cumpriram as metas estabelecidas com seu mentor receberam uma doação em dinheiro para investir em seus negócios. Mas os ganhos foram muito além. As empreendedoras que receberam mentoria tiveram em média 200% de aumento no faturamento. Em 2021 o Consulado apoiou 252 pequenos negócios que tiveram um aumento médio de 85% de receita.

Mesmo num cenário caótico de distanciamento social, falência de empresas, desemprego e mortes, 909 mulheres foram beneficiadas pela ação do Instituto. Mais de 2700 vidas, considerando as beneficiárias e seus dependentes, foram positivamente impactadas pela atividade do Consulado e seus parceiros sociais.

Para honrar a grandeza das mulheres do Brasil, foi elaborado o e-book “Uma História, Uma Receita” que reuniu 17 histórias inspiradoras das empreendedoras que passaram pelo Programa de Educação Empreendedora. Cada narrativa comovente mostra os desafios e descobertas do empreender sob a ótica das datas comemorativas. Para deixar as histórias ainda mais saborosas, cada empreendedora participante trouxe uma receita especial do seu empreendimento para dividir.

A Consul, sempre destaque na categoria lavanderia, por suas máquinas fáceis de usar, e que liberam mulheres de parte dos afazeres domésticos, lançou um projeto único, oferecendo o curso de empreendedorismo do Instituto Consulado da Mulher para 20 lavadeiras do nordeste do país. Com as aulas, elas aprenderam a gerir pequenos negócios de lavanderia e a lucrar com o serviço que fornecem. As participantes tiveram oportunidade de vivenciar mentorias com executivos da Whirlpool e também receberam de presente máquinas de lavar da Consul para otimizar seu trabalho.

Aos pés da floresta amazônica, o Consulado fincou raízes em Juruti, no Pará. A cidade tem 59 mil habitantes e a riqueza da biodiversidade ainda não se traduz na vida da população. Apenas 9,8% dos adultos têm empregos formais. Mais de 50% dos habitantes vivem com menos de meio salário-mínimo por mês. Além disso, apenas 2,9% da população tem acesso a água potável e saneamento. Nesse cenário, o Projeto Dona's, fruto da parceria entre o Consulado da Mulher e o Instituto Alcoa, beneficiou 50 mulheres empreendedoras.

As atividades foram realizadas pelo Instituto Juruti Sustentável (IJUS), organização parceira que foi selecionada e treinada com a metodologia de Consulado. 42 voluntárias da Alcoa se tornaram mentoras para auxiliar as mulheres beneficiadas. Todas as compras feitas para o projeto foram realizadas em comércios da região, fomentando a economia local. E os resultados não demoraram a aparecer. A instituição ficou conhecida pela comunidade. As voluntárias estenderam seus abraços e seus saberes para apoiar outras pessoas que não estavam no projeto com o conhecimento que adquiriram. As mulheres empreendedoras tiveram um aumento de 32,40% na renda e 45,67% no reinvestimento no próprio negócio.

Acreditando que ninguém faz nada sozinho, o Consulado lançou o Projeto de Desenvolvimento de Marcas em parceria com a Universidade de Joinville. Estudantes do curso de Design desenvolvem marcas, comunicação visual e embalagens exclusivas, beneficiando mulheres empreendedoras apoiadas pelo Instituto. Durante 6 meses, os alunos interagem com as empreendedoras para entender necessidades, detalhes dos negócios e, assim, criarem comunicação visual personalizada para cada empreendimento. Após o projeto, todas

as empreendedoras recebem suas logomarcas estampadas em camisetas, banners, caixas de entrega, folders para divulgar seus trabalhos.

Muitas vezes, as assessoradas relatam suas conquistas, agradecem o movimento que Consulado promoveu em suas vidas, dando origem a consequências e transformações muito profundas. “Certa vez recebemos o depoimento de uma empreendedora indígena. Ela não falava português, mas discursou, com muita emoção, em sua língua materna. O filho foi traduzindo o que a mãe dizia, tímida e envergonhada, mas a gratidão era nítida. Com aquele depoimento tive noção do tamanho do trabalho do Consulado. A equipe chegou até ela de canoa e, com o conhecimento recebido, ela criou um negócio próprio”, relata Evelyn Veronese, vice-presidente da Cadeia de Abastecimento Integrada da Whirlpool e conselheira do Consulado da Mulher.

Em cada ação, além do conhecimento, afeto e respeito também vão sendo transmitidos, e a proposta de um trabalho com propósito faz-se eficaz. Mas só tornou-se ato, só teve real efeito porque centenas de mulheres e homens, com seus saberes e sensibilidades, apoiaram a realização de oficinas, mentorias, cursos. Ao longo de toda a trajetória do Consulado voluntárias e voluntários incansáveis doaram milhares de horas de trabalho, tempo precioso, para a construção de um mundo melhor e mais justo. As vidas deles foram impactadas também. “A partir do momento em que me tornei voluntário do Consulado da Mulher eu reavaliei tudo em minha vida. Temos que sair da bolha. Quero que meus filhos saiam da bolha, que enxerguem a diversidade, que busquem justiça e igualdade para todos. Hoje percebo que a Whirlpool é uma empresa que investe nessa transformação: transforma os materiais e transforma realidades. Acredito que a Whirlpool aprendeu muito, ganhou muito com o Consulado”, conta Guilherme Nehring, Gerente de Design de Produto.

Andrea Clemente, vice-presidente de Recursos Humanos da Whirlpool para América Latina e presidente do Conselho de Consulado da Mulher, conta que o trabalho com voluntários da equipe Whirlpool reforça a sensação de pertencimento e motivação. “Ajuda muito quando as pessoas se associam a uma causa, exercitam o engajamento, assumem um propósito além do seu trabalho. Aprendemos efetivamente nas coisas difíceis que muitas vezes o Consulado ou as empreendedoras atravessam e trazemos esse aprendizado para o dia a dia. Entendemos que pensar simples é muito potente. Temos muitos executivos que se voluntariaram e, às vezes em uma conversa com a empreendedora, para ajudar no negócio dela, tiveram grandes ideias para incrementar também o trabalho deles. O voluntariado humaniza, redimensiona totalmente os problemas”, explica.

Os voluntários do Consulado da Mulher fazem de cada minuto doado um ato de amor magistral. Permitem que o sucesso de cada empreendedora assessorada seja o maior prêmio que a Instituição já recebeu. “Para qualquer morador de Rio Claro é um motivo de enorme orgulho estar na cidade onde tudo começou. Poder receber tantos aprendizados de cada interação com cada assessorada é algo único. O maior aprendizado é sempre nosso, aprendizado de vida e de cidadania! Poder também compartilhar um pouco do que aprendemos sobre fazer negócios, cuidar de pessoas e liderar projetos com elas é sempre incrível. Enfim, significa conectar os valores pessoais aos valores da companhia e isso não tem preço”, relata Vinicius Kouichi - Diretor de Manufatura da Unidade Rio Claro.





**Forte
como a
Amazônia**

Não há nada que eu tema mais do que o espelho. Não tenho nenhum e fujo daqueles que por azar cruzam o meu caminho. Tenho 1m e 48cm, não aprendi a me cuidar, nem a admirar a embalagem na qual minha alma veio empacotada. Filha de uma guerreira que não pode estudar, mas que foi forjada pela dureza da vida, comecei a trabalhar aos 14 anos.

Desde o momento em que finquei meus pés no distrito industrial de Manaus, assumi a responsabilidade de arcar com a educação dos meus irmãos. Lá eu atingi a maioridade, galgando posições. Fui contratada como montadora e cheguei a liderar uma equipe de 60 pessoas. Lá eu descobri que seria mãe.

Minha mãe ensacou cimento, trabalhou na roça para nos dar o que nunca teve: educação. Era o que eu queria para minha filha. Com ela no ventre, sonhava um dia ter um ponto de venda de café da manhã na capital amazonense e um fusca para transportar os quitutes. Entretanto, era a fábrica que garantia a comida na mesa, o sustento da pequena para quem eu sempre fui mãe e pai. Me separei do marido, toquei a rotina fatigante, com fé na vida e foco na filha.

Anos depois nos reencontramos. Em meio a juras de amor e de um futuro melhor, me vi grávida novamente. Na tentativa de dar ao bebê mais atenção do que a irmã mais velha teve, pedi demissão da fábrica, carregando agora um segundo filho e uma lista de promessas que nunca viraram realidade.

Para sobrevivermos, arrumei emprego em um restaurante. Medo de serviço eu não tinha. Só dos espelhos. No vai e vem frenético da cidade, no escaldante calor amazônico, uma manhã passei na porta de um ponto comercial com uma placa. Para o dono era o anúncio da venda. Para mim era a

A história de Arlene Quincó



sinalização da esperança. Entrei em contato e descobri que o proprietário da lanchonete de madeira queria R\$1.000,00 pelo espaço, dinheiro que eu não tinha. Me vali do fato de sempre ter estado ao lado dos irmãos que ajudei a criar. Um deles me depositou os R\$1.000,00 na mesma hora. Pela agilidade do negócio, o dono do ponto ainda me deu 20% de desconto.

No dia seguinte, meu outro irmão depositou mais R\$1.000,00. Fiz milagre com aquele dinheiro extra! Mesas, cadeiras, xícaras, pratos vieram da solidariedade fraterna. Hoje reflito e vejo como as palavras têm poder. O ponto de café da manhã, que era um enorme sonho, virou realidade em um espaço minúsculo, de 1,5 m². Para mim, era o bastante.

Eu saía de casa antes das quatro horas da manhã. Cruzava Manaus com meu filho no carrinho e uma infinidade de jarras de suco, garrafas de café, xícaras e pratos limpos, pois no meu empreendimento não havia água encanada. Era preciso levar toda a louça para lavar em casa e trazer limpa no dia seguinte. Enquanto preparava os salgados velava o sono do bebê logo embaixo de mim. Eu só trabalhava. Muito e bem. Fui fazendo a freguesia, aturando as ofensas dos moradores do bairro que não me viam com bons olhos. Mas meu propósito era maior do que a agressividade de quem quer que fosse.

Cansada da rotina puxada, de enfrentar distâncias imensas para ir e vir, vendi minha casa no bairro afastado. Comprei um trailer, aluguei um teto para morar com meus filhos bem ali pertinho do lanche. Ganhei tempo, horas de sono, qualidade de vida, só que o faturamento ainda não chegava à altura do meu esforço. Eu não sabia como crescer, como organizar as finanças. Não tinha coragem para dar passos mais largos. Faltava alguém que me desse a mão, que acreditasse em mim. Tudo isso veio junto em 2017.

Uma vizinha me avisou que o Consulado da Mulher estava com inscrições abertas. Fui à primeira reunião com a certeza de que não iria mais nas próximas aulas, pois não haveria tempo para encaixar mais um compromisso naquela rotina engolida pelas dificuldades. Porém, fui convencida pela gentileza. Quando entrei no Consulado, em instantes, me senti acolhida. Era um lugar agradável, cheio de afeto e cuidado. Eu não estava acostumada a pessoas gentis, a receber delicadezas, a ser ouvida e protegida. Ficou claro ali que mais do que lições, mais do que mentoria, o que eu precisava era de carinho.

As meninas da equipe apresentavam alternativas e solução para todas as minhas necessidades, até as que eu não sabia que existiam. Se eu não tinha com quem deixar meu bebê, elas davam colo, se me faltasse tempo para ir à aula, elas iam até o café. Queria me conhecer, saber detalhes do meu dia, do meu negócio. Abri meu coração. Conteí que desde sempre eu trabalhava movida pela urgência da necessidade. Abria o café antes do sol dar as caras, e

fechava noite adentro, fosse sábado, domingo, feriado ou dia santo. O café da manhã virava lanche da tarde, salgados e bombons matavam a fome da freguesia o tempo todo. E a montadora da fábrica que não sabia cozinhar, de repente, fazia comida para um batalhão.

Cheguei a trazer minha filha mais velha para ajudar no serviço, mas diante das adversidades não tive como arcar com o salário dela. Me vi de novo sozinha, porém agora com o Consulado da Mulher ao meu lado para me apoiar. Era tudo o que eu precisava.

Nas aulas semanais aprendi o que jamais me ensinaram, inclusive a ser amparada, a aceitar ajuda. Me fiz empreendedora. Após seis meses de aprendizado recebi a ligação de um vizinho informando que havia uma entrega pra mim. Eram uma geladeira e um fogão de seis bocas esperando por mim na porta do café. Respondi que não tinha comprado nada e fui averiguar. Quando vi a marca Consul nas caixas novinhas, entendi. Era um presente! O maior que eu já ganhei na vida. Aqueles dois objetos significavam muito mais do que eletrodomésticos. Asseguravam que eu pudesse produzir no próprio café e não mais na minha casa, que eu poderia armazenar ingredientes, que eu teria tempo.

O tempo que sobrou dediquei aos estudos e a transformar em realidade todas as metas estipuladas pelo Consulado da Mulher. Devagarzinho, fui alcançando cada uma delas, fui subindo os degraus do mundo dos negócios e do meu café, que agora já tem dois pisos. Depois de oito meses, chamei minha filha de volta ao trabalho, pagando a ela o mesmo salário que ela recebia no emprego anterior.

Em um ano compreendi que descansar garante produtividade. Passei a ter as terças-feiras livres para mim. O café minúsculo se tornou um ambiente amplo e acolhedor que emprega onze pessoas. Onze mulheres, porque quero dar a outras as oportunidades que foram oferecidas a mim.

Hoje, servimos café da manhã com tapioca, tucumã, x-caboquinho, todos os sabores da Amazônia. Cedendo aos pedidos da clientela fiel, abrimos também para o almoço. Fechamos por 20 dias em janeiro para as férias da equipe. Pela primeira vez na vida realizei uma festa de aniversário para meu filho, agora adolescente. Com o Consulado fui muito mais longe do que ousei sonhar. Minha história virou documentário. Embarquei em um avião para São Paulo e descobri ali, sobrevoando o Brasil, que nasci para voar alto.

Eu tenho 1m e 48 cm de altura e consegui tudo isso. Com as aulas de marketing do Consulado enxerguei a necessidade de me cuidar também, pois sou o reflexo do meu negócio, sou a imagem que o cliente espera ver ao entrar aqui. Passei a fazer as unhas, passar batom, a me arrumar. Tendo o Consulado ao meu lado, o espelho pode até estar na minha frente. Não há nada que eu não encare.



**Uma mão
lava a outra**



As margens do Canal Acaraú, no Guarujá, litoral sul de São Paulo, uma comunidade se formou. A favela cresceu alimentada pela necessidade e pela falta de perspectivas. Quem se instalou nas palafitas à beira do curso d'água sofria com as enchentes, com as inundações comuns a cada verão.

Tudo mudou a partir de 2010. Amparadas por Habitat para a Humanidade Brasil, em parceria com a Whirlpool Corporation e outras empresas da região, 32 famílias ganharam novas casas e sopros de esperança. “Quando as famílias foram retiradas da beira do córrego, nós levamos colaboradores da Whirlpool para ajudar na construção das casas. Todos ficamos muito felizes em participar, em trabalhar pela comunidade. Nunca esqueci aquele momento. Minha mulher também se voluntariou para rebocar salas e quartos. E como a metodologia do Consulado da Mulher já estava consolidada pudemos vê-la aplicada ali, com as mulheres que sustentavam aquela comunidade”, conta Armando Ennes do Valle Júnior, ex-diretor do Consulado.

Evelyn Veronese, vice-presidente da Cadeia de Abastecimento Integrada da Whirlpool e conselheira do Consulado da Mulher, também estava lá. “Tenho incontáveis lembranças ligadas ao Consulado da Mulher que me acompanham. A participação nas atividades dessa comunidade no Guarujá está entre as inesquecíveis. Eu estava grávida, coloquei uma máscara no rosto e lixei paredes e paredes das casas que abrigaram as famílias. Tudo o que aprendi ali tem um valor incalculável”.

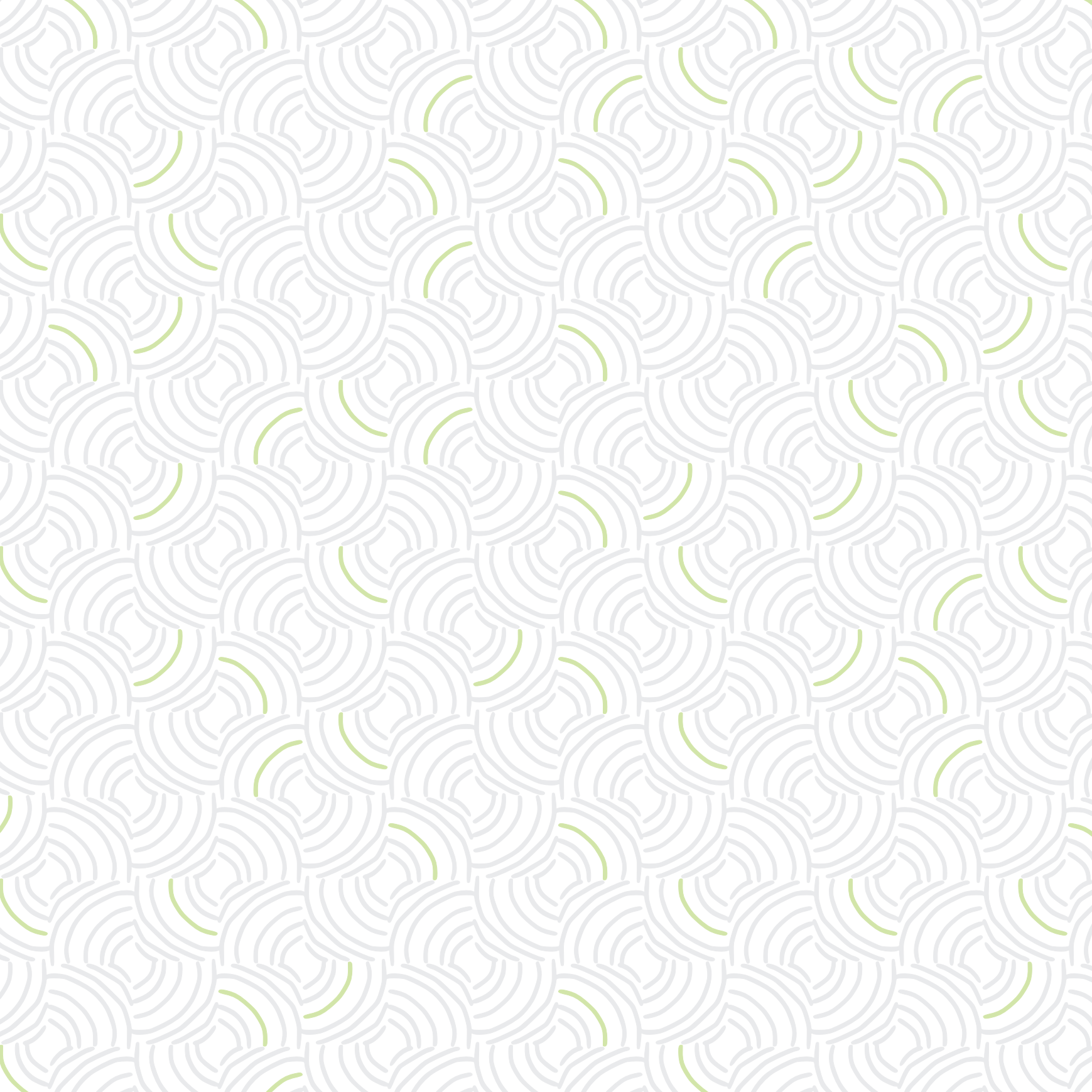
O Consulado da Mulher identificou naquelas mulheres do Conjunto Habitacional Vila Nova Esperança um grande potencial para um negócio no ramo de lavanderia. O trabalho delas atenderia os moradores do local, geraria renda e criaria condições para que suas famílias se fortalecessem. Nasceu assim o Projeto da Lavanderia Solidária LavPaty.


Vontade de aprender não faltou. Com atenção e interesse, o grupo que integrou a LavPaty recebeu capacitação para gerenciar o empreendimento e para executar os serviços de lavagem de roupas, com carinho, afeto e delicadeza. Os primeiros equipamentos foram doados pelo Consulado, que também buscou parcerias para obter outros itens necessários ao funcionamento do negócio. A rotina de lavar roupas era dividida com as oficinas de capacitação oferecidas por uma educadora da instituição. Por dois anos o Consulado arcou com 50% das despesas. Depois, as empreendedoras da LavPaty assumiram tudo.

Lençóis, cobertores, a roupa do dia a dia ou o traje de festa saem de lá limpos e perfumados, graças às mãos caprichosas das mulheres da lavanderia solidária, batizada

em homenagem à filha de uma delas. A transformação marcou para sempre a vida das famílias que viviam às margens do canal, e também a história de quem testemunhou a revolução causada pelo Consulado da Mulher. “Foi um passo importante para expandir o trabalho do Instituto para todo o Brasil, estabelecendo parcerias com outras instituições, ensinando como aplicar a metodologia sólida e fundamentada do Consulado em outras localidades e ao lado de outras entidades”, relembra Armando.

Colocando à prova cada lição recebida, as mulheres da LavPaty aprenderam a lavar, passar, embalar, atender clientes, calcular e também sorrir, colhendo os frutos do próprio esforço. “O empreendedorismo feminino é fundamental. A situação das mulheres evoluiu muito ao longo da história, mas ainda há muito o que se conquistar. Você estende as mãos para essas mulheres que foram vítimas de violência, que não tiveram oportunidades, que não alimentaram sua autoestima, e as vê crescerem, se emanciparem, e ajudarem umas às outras. O trabalho do Consulado da Mulher junto às classes menos favorecidas é brilhante”, comenta Evelyn.





**Onde houver
tristeza
que eu leve
alegria**

O

broto rompendo a terra, anunciando a vida, milagre que surge da semente. Aprendi cedo a admirar os ciclos da natureza ajudando meus pais na lavoura. Pequenos agricultores na zona rural de Botuverá, na região do Vale

do Itajaí, em Santa Catarina. A rotina simples da roça, da calmaria da cidade pequena, para mim era repleta de emoção, porque aprendi desde a infância a me encantar pela vida de cada criatura. Do mais minúsculo inseto às árvores imensas que resistiam à voracidade do crescimento das cidades. Constantes em Botuverá eram o amor da minha família e o trabalho de caridade das Irmãs Catequistas Franciscanas a amparar o povo pobre da terra. Foi por elas o meu maior deslumbramento.

Aos 14 anos, a necessidade me obrigou a deixar meus pais no interior para trabalhar como babá em Brusque. Com o passar do tempo, fui contratada em uma tecelagem, mas tecia mesmo meus dias me espantando com a capacidade de transformação das pessoas, dos animais, com a beleza dos pequenos gestos de solidariedade. Ingressar na vida religiosa era uma semente que crescia forte e determinada dentro de mim. Quando meus pais saíram da zona rural em busca de dias melhores na cidade nos aproximamos novamente. Meu pai era funcionário do Estado no Departamento de Estradas, labutando sob sol e chuva no cuidado das rodovias. Meu tempo era dividido entre o emprego, que complementava a renda da família, as conversas com minha mãe, e os estudos. Aos fins de semana me permitia assistir um filme na TV. E em uma dessas sessões, uma obra de arte com menos de duas horas de duração veio a mudar o rumo da minha vida para sempre.

A história de Sandra Aparecida Leoni



“Irmão Sol, Irmã Lua”, do diretor Franco Zeffirelli, conta a história de São Francisco de Assis. Depois de cair doente, ao voltar da guerra, Francesco, como era chamado pelos pais, começa a olhar o mundo com outros olhos: repletos de iluminação divina. Ele passa a absorver a beleza da natureza, dos animais e das plantas. Troca o encantamento dos bens materiais pelo reconhecimento do sentido e do valor de cada criatura. Para ele, Deus estava na natureza e na simplicidade. Para mim, está desde a diminuta minhoca, que tem sua finalidade, até nos seres humanos. Com São Francisco entendi a importância da promoção da paz, da justiça, da integridade da criação.

Enquanto eu sonhava com uma jornada dedicada a replicar os ensinamentos de Francisco, minha mãe sonhava com meu casamento. Numa conversa inesquecível, eu disse a ela que não iria me casar. Eu queria ser freira. Ciente de meu desejo, minha mãe insistiu para que ingressasse na Congregação da Divina Providência. Era preciso impor minha escolha, mesmo em tenra idade. Eu queria ser franciscana. Antes mesmo de concluir a escola procurei o endereço da Congregação, fiz contato, expus minha vontade. Em 1996 comecei o acompanhamento vocacional. Em 1998, aos 18 anos, dei meus primeiros passos como freira franciscana.

Não demorou para que a fama de doida pegasse. Eu fugia às regras, me envolvia em muitos projetos, abraçava todas as causas. Trabalhava com inclusão digital dos jovens, com economia solidária já morando em Joinville, mas queria estender meus braços e meus cuidados a todos aqueles que precisavam de amparo e consolo. Uma amiga freira repetia sempre “Sandra, tenha presente que você não pode mudar o mundo”. Todavia, eu acreditava que alterava o mundo de cada um a quem oferecesse ajuda.

Então, um apelo da congregação recrutava freiras para socorrerem a população desamparada de Ceilândia, no Distrito Federal, ou da Guatemala, na América Central. Antes de minha decisão ser tomada, a natureza impôs sua força no nordeste do Brasil e alterou também meu destino. Em 18 de junho de 2010, choveu em um dia o que era esperado para três semanas na Mata Sul de Pernambuco. O rastro de destruição se fez visível e avassalador. Devido às enchentes, em todo o estado, 20 pessoas morreram e 82 mil ficaram desabrigadas.. Casas, prédios públicos e lojas do comércio foram destruídos. No total, 67 municípios foram afetados. Palmares foi um dos que teve mais estragos. O rio Una transbordou e subiu quatro metros.

A calamidade motivava a solidariedade. A Madre Geral emitiu uma invocação para quem se dispusesse a estar ao lado dos afetados. Era para ser um trabalho pontual, que sanasse a

emergência de um povo sofrido. A Irmã Marisa se dispôs a dedicar seis meses aos atendimentos, que era o tempo que a Congregação tinha para ser presença naquelas terras, com aquela população desamparada. A morosidade do estado, a fome, as famílias residindo debaixo de lonas por meses a fio exigiam que mais gente fosse deslocada para lá.

E, assim, fui pra Pernambuco em 2011 atuar ao lado de Marisa. Nosso primeiro trabalho foi com as pessoas afetadas pelas enchentes. Quando o povo já estava se recuperando, outra enchente aconteceu. Parecia que as tragédias não tinham fim. Nos colocamos ao lado das famílias, atentas a todas as medidas tomadas pelo poder público, presentes em todas as reuniões para nos certificar que essas famílias fossem atendidas. Foram prometidas casas, barragens para conter a força das águas, dignidade para quem tanto já havia sido negado. Mas das promessas pouco se concretizou.

Como se não bastassem a desolação, a miséria, o medo que conduzia à desesperança, os desabrigados ainda conviviam com a decadência da cana-de-açúcar, cultura que significava o sustento de muita gente. As usinas foram fechadas, a pobreza escancarava portas. Meu sono era interrompido por questionamentos incessantes. Como fazer esse povo recomeçar, gerar renda e acreditar no potencial que tem? Como tornar possível investir no local ao invés de migrar em busca de alimento em outro chão?

Conversando com algumas lideranças, em várias reuniões, pensamos em fazer uma feira para expor o que as pessoas produziam. Da ideia mais simples nasceu uma sofisticada solução: as feiras de economia solidária reuniam os afetados pelas enchentes, os atingidos pela construção da barragem, pequenos agricultores da zona rural da cidade de Palmares. 90% dos participantes eram mulheres sofridas, muitas vezes desabrigadas, mas donas de um saber ancestral e de uma força descomunal. Descobri com elas que sobreviver não é colar os pedaços, até porque depois de quebrados, deixamos pedaços de nós espalhados onde vivemos nossas maiores dores. O que a gente pode é se reconstruir, reformular nossa existência, dando um novo sentido para todas as tristezas, feridas e cicatrizes. Cada uma ali viveu muitas vidas em uma só, tamanha a dor que carregam.

No início, a feira era semanal e oferecia o que a terra dava e cada mulher colhia: frutas, verduras, legumes produzidos na agroecologia, adubados com fé e trabalho. À medida em que a fama do evento foi crescendo, elas passaram a levar também comidas típicas do nordeste. Era uma fartura de tapioca, farinha de mandioca, bolos, mungunzá, manué, delícia feita com uma massa densa que pode ser à base de milho ou de mandioca. Diante de uma grande produção de bananas que se perdia sem compradores, surgiu a tentativa de criar

pratos com a fruta, segunda maior produção da região. Primeiro, procurávamos a receita na internet e passávamos para as cozinheiras. Depois, elas dominaram os segredos da tecnologia, e passaram a pesquisar por si mesmas. Nasceram, então, licores, balas, bolos, doces de banana saborosos e com venda garantida.

Compadecidas pela situação daquelas mães, filhas, irmãs, avós que muitas vezes eram também pais e mães por não terem companheiros, começamos a conversar para encontrar um meio de qualificar e beneficiar a produção, e ter espaço próprio para produzir. Foi ali que me lembrei do Consulado da Mulher. Eu conhecia a instituição que já promovia em Santa Catarina, de onde eu vim, a transformação que eu queria fomentar em Pernambuco. E se deu certo para tantas mulheres catarinenses daria certo nas terras pernambucanas também. Procurei na internet e descobri que o Consulado selecionava novos projetos, com edital aberto, em março de 2017. Inscrevemos a comunidade Serro Azul, das famílias atingidas pela construção da barragem. Nossas preces foram ouvidas!

Reunimos as primeiras mulheres beneficiadas e assistimos à comprovação de que a educação opera milagres. A metodologia trazida pelas educadoras sociais nos deu elementos para enxergar o extraordinário, tornar empreendedoras mulheres que se viam excluídas do mercado de trabalho, da sociedade e do mundo. A metodologia do Consulado da Mulher permitiu a essas agricultoras fazer um planejamento da produção, definir o preço de venda, cuidar do espaço de produção e dos recursos. O Manual estimulava a participação, trazia aulas e dinâmicas de fácil linguagem, adaptáveis e acessíveis.

Em um dos encontros, abordamos um assunto singelo e incômodo, ao mesmo tempo: a pergunta era “o que eu sonho?”. Revelou-se, então, mais uma cicatriz deixada pela desigualdade e pelo desamparo. Aquelas mulheres não conheciam os próprios sonhos, porque nunca lhe foi dito que poderiam sonhar. Desejar era inusitado, inalcançável. Quando elas se apropriaram do direito de sonhar começaram a trabalhar para realizar desejos. Não demorou para que a renda das famílias crescesse. Não demorou para que florescessem dentro de cada uma sementes até então nunca cultivadas. Com o empreendimento, as capacitações, elas ganharam autonomia financeira, autoestima, autoconfiança. Muitas saíram de relacionamentos violentos e abusivos aos quais estavam presas por não ter como se sustentar. Pessoas que não levantavam a cabeça, não olhavam nos olhos de outras, não falavam por vergonha, assumiram as rédeas das próprias vidas, passaram a expressar suas vontades, expor suas capacidades e reescreveram sua jornada. Em três meses presenciamos uma revolução.

O Consulado nos possibilitou alterar o destino de 55 mulheres. Com nosso amor e o conhecimento das educadoras sociais, 55 famílias tinham, enfim, comida na mesa, o remédio para as dores, a renda para a prestação da casa, e até o esmalte tão sonhado. Quem era dependente se emancipou. Quem era pobre, gerou renda. Quem vivia à mercê de subempregos tornou-se patrão. As mulheres, aos poucos, assumiram a coordenação da feira, que hoje já é itinerante pelos bairros da cidade. Atendem também encomendas em domicílio. As mulheres de Palmares, empoderadas pelo Consulado da Mulher, entenderam que possuem imensas capacidades. E fazer com que elas acreditem em si mesmas já é transformar o mundo.

A missão da Congregação em Pernambuco durou 12 anos e tornou possível que eu também enxergasse a minha capacidade de realizar meu sonho maior. Sou de uma família simples. Nunca faltou comida no prato, mas raramente podíamos comprar o que gostaríamos. Meu sonho desde criança é fazer o mundo mais solidário e fraterno, onde as pessoas possam se respeitar e respeitar as criaturas. Com o amparo do Consulado da Mulher, vi que meu sonho pode sim virar realidade. Assistindo a evolução de cada mulher da comunidade Serro Azul percebo que colhi muitos frutos que germinaram no solo fértil da generosidade.





Lições de solidariedade

Houve quem aprendesse no Consulado o valor da educação. Houve quem chegasse ali com graduação completa, mas ainda assim precisando de amparo. Houve quem chegasse com muito para ensinar. Todavia, é fato: quem, por algum motivo, um dia adentrou uma unidade do Consulado da Mulher, frequentou uma oficina ou se voluntariou para alguma atividade sempre aprendeu algo. “O que eu trouxe do Consulado para minha vida é esse olhar sobre o tempo. Quando se trabalha com seres humanos, únicos que são, o tempo se torna muito relativo e tem uma dimensão e velocidade diferente para cada pessoa. Algumas mulheres em 6 meses de assessoria já absorveram quase tudo e estão acelerando. Para outras, 12 meses ainda não serão suficiente. Não é o tempo do relógio. É como o tempo da natureza, de certa forma, imprevisível. O Consulado me ensinou a respeitar o tempo do outro, a observar com mais atenção e, antes de julgar, procurar conhecer o contexto, a história e a bagagem trazida por cada pessoa,” conta Leda Böger.

As palavras dela ecoam com as de João Carlos Brega, Presidente do Conselho de Administração da Whirlpool S/A e Vice-presidente da Whirlpool Corporation: “Com o Consulado da Mulher e as outras iniciativas de responsabilidade social da Whirlpool aprendi a importância de não acharmos que sabemos tudo. Encontramos realidades diferentes, pessoas com modos de pensar variados e sempre recebemos grandes lições. Entendi o valor de nos cercarmos de diversidade, de pessoas diferentes, mas que compartilham conosco os mesmos propósitos”.

Para Evelyn Veronese, o que se aprende com o Consulado reverbera na própria empresa. “Para mim, o maior legado que o Consulado da Mulher entrega à Whirlpool é o orgulho do trabalho que a companhia faz, orgulho da transformação que a empresa promove por meio das ações do Consulado. Eu mesma trabalho há 20 anos na Whirlpool e uma das razões que desperta o orgulho de estar na minha função é, sem dúvida, saber que a empresa atua em uma causa tão nobre”.

O propósito do Consulado da Mulher é fomentar o empreendedorismo entre mulheres de baixa renda e pouca escolaridade, para que possam prosperar economicamente. Patricia Arenas, Diretora de Tax e integrante do Conselho Fiscal do Consulado da Mulher, vê a beleza de um legado construído a muitas mãos. “Ter o Consulado na minha vida é trazer o propósito, o verdadeiro impacto na vida das pessoas, uma troca maravilhosa com a sociedade que nos torna seres humanos melhores.”

Em 20 anos, a instituição se firmou sobre bases sólidas da solidariedade e do respeito para se tornar referência no apoio ao empreendedorismo popular, educação em gênero e voluntariado. “Anos de convivências e desafios no Consulado da Mulher me ensinaram que a gente é reflexo

das pessoas que nos cercam. O Consulado me transformou primeiro, para que depois eu pudesse contribuir na transformação de outras pessoas, ” define Paulo Dalfovo, ex-coordenador do Consulado da Mulher.

Assim como a Whirlpool é feita por pessoas para transformar matéria-prima em produtos, o Consulado transforma histórias. “Me aproximando do Consulado da Mulher aprendi a enxergar realidades que desconhecia, me revelou um Brasil que eu não conhecia. Entendi que sou um cara branco do sul do país, e que mesmo com todas as dificuldades que tive, cresci com muitos privilégios. O Instituto trouxe cor, espectros, dimensões diferentes para minha lacuna de entendimento do Brasil e das mães do Brasil. Compreendi que a mãe é a entidade basilar para a sociedade em que vivemos e para a nação”, relata Bernardo Gallina, Vice-Presidente de Assuntos Jurídicos, Compliance e Corporativos da Whirlpool Corporation para América Latina.

Em 20 anos é possível afirmar que quem vestiu a camisa do Consulado da Mulher, ou foi por ele amparado, viu os rumos de sua existência transcenderem. “Eu gosto de dizer que carrego um pedacinho de cada mulher que cruzou comigo no Consulado e sou formada por elas. Tenho muita história. Temi morrer nos interiores do Brasil, só com a mochila nas costas. Visitei cidades desconhecidas e sem sinal de celular, passei por muita turbulência de avião. Dormi em casa de empreendedora com medo de morcegos. Mas tudo era tirado de letra quando eu via que o meu “sacrifício” tinha feito uma mulher gerar renda, uma pessoa analfabeta entender a lógica de preços. Era uma conquista comprar a primeira roupa nova com uma empreendedora de 50 anos, porque, até então, ela só tinha roupas ganhadas. Hoje, subo em palcos, falo de diversidade, educação, tecnologia, maternidade, e só tenho essa bagagem toda porque, um dia, estive no Consulado, porque um dia alguém confiou naquela Kelly que não sabia nada e investiu nela. Tive ombro quando precisei e também puxão de orelhas. Valores como cuidado e empatia, aprendidos no Consulado desde o primeiro dia, já não saem de mim.” Kelly Baptista, ex-coordenadora do Consulado da Mulher em São Paulo.

É com palavras, atitudes e abraços que o Instituto alcança resultados. Dialoga a partir das vivências de cada pessoa, sabendo reconhecer a experiência do diferente e dialogar com ela. “No Consulado ficava evidente para mim todos os dias que a capacidade das mulheres é imensa. O “pouco” que oferecíamos já fazia enorme diferença. Elas usavam o que aprendiam para transformar suas vidas e produzir muito. Uma oportunidade era oferecida e, de repente, aquela mulher estava fazendo coisas incríveis”, Célia Lara, ex-coordenadora do Consulado da Mulher em Rio Claro.

Andrea Clemente, Presidente do Conselho de Consulado da Mulher, entende que o caminho do Instituto é se expandir, conhecendo muito bem sua origem. “Eu acho que a gente deve continuar

se reinventando sem perder a nossa essência, que é apoiar mulheres empreendedoras. Ao redor dessas mulheres existem outras oportunidades, possibilidades de desenvolver trabalhos. Vamos continuar atentos às necessidades das pessoas mais vulneráveis do país e, dentro da essência e da visão do Consulado, continuar evoluindo, expandindo, criando parcerias com outras empresas. Os recursos financeiros são importantes, fundamentais, mas a gente precisa também de cabeças planejando juntas, braços realizando juntos. É uma honra trabalhar com esse legado de tanto tempo, gerando essa espiral positiva que a gente vê nos temas ESG, usando essa força que nos move para continuar evoluindo”.

Bernardo Gallina ainda ressalta que “o Consulado da Mulher, com sua metodologia consolidada, com 20 anos de história e experiência atingiu a maturidade, mas ainda está engatinhando diante de tudo o que ainda há por fazer. O Instituto pode alavancar programas sociais, envolver outras instituições do terceiro setor. A gente criou um diamante que pode reverberar muito. Seu potencial não tem fim”.

Nos próximos 20 anos o Consulado vai continuar aprendendo, valorizando as lições valiosas ensinadas pelas mulheres empreendedoras, com a certeza de que escutá-las é acumular saberes diversos. É viver. “É difícil encontrar uma lição principal, porque no Consulado aprende-se todos os dias. Porém, para mim, o mais importante foi entender que, além da causa ambiental, a causa da mulher é a mãe de todas as causas. Trabalhando com a mulher você resolve uma série de outros problemas da sociedade, que dependem de uma família estruturada, de alguém que possa dar suporte às novas gerações, dar saúde, alimentação e conforto para crianças, adultos, e idosos. Quando uma mulher tem apoio, quando é tratada com respeito, isso reverbera. Nem podemos imaginar qual o alcance de nossas ações, porque quando apoiamos uma mulher todo o entorno é tocado. O Consulado da Mulher me ensinou que é sempre possível. Basta colocar o querer em prática. Há ainda muito o que fazermos para que todas as mulheres alcancem a liberdade. Acredito que o empenho deve ser diário, deve ser de todos nós, pois todos somos filhos de uma mulher”, conta Inês Acosta.



Iluminada

Uma nesga de sol invade o meu rosto. Nem precisava. Parece que já nasci contendo a energia do sol dentro de mim. Sou Renata, nascida em São Paulo, uma filha do bairro de Ermetino Matarazzo, situado na zona leste da capital paulista, lar de 113.615 pessoas, de acordo com o IBGE. É muita gente, mais do que a maioria das cidades do Brasil. Foi aqui que vi minha mãe abrir sua lojinha de doces, firme na ideia de que mulheres têm que se jogar no mundo, empreender para se libertar. Cresci admirando o viver de minha mãe, para o mundo exterior, e o de minha avó paterna, para seu próprio mundo interior, a fazer tortas e roscas que adoçaram minha infância no quintal simples e acolhedor.

Movida pela força dessas duas mulheres e pela que já nasceu comigo, me formei em processamento de dados. Um diploma na mão era chegar onde nenhuma das pessoas da minha família havia chegado: um curso superior. Era ainda mais. Um diploma na área de tecnologia da informação ainda é algo meio raro para mulheres em qualquer canto do Brasil.

Decifrar a língua dos computadores me abriu muitas portas. Trabalhei como consultora por anos a fio a oferecer soluções onde a maioria das pessoas só enxergava problemas. Atravessava São Paulo para me sentar diante das telas e temperar meus dias com tecnologia. Até 2015. A estabilidade da vida que até então eu conhecia cedeu espaço ao imprevisível. Fui demitida. Perdi o emprego e o rumo. Perdi o fio da vida que tinha traçado para mim mesma. Me fechei em mim, tentando encontrar respostas. Pensava: e agora? Mandar currículo? Começar tudo de novo? Essas eram perguntas complexas demais para eu responder sozinha. Decidi pedir ajuda a meu consultor para todas as horas. No diálogo que estabeleci com Deus questioneei se o meu caminho era

A história de Renata Pereira Santos



mesmo pelas trilhas tecnológicas. Acredite ou não, Ele me respondeu. Sempre responde. Me deixou claro que eu poderia mandar currículos, que alcançaria consultorias em outras empresas, mas que em três ou quatro anos estaria novamente naquela posição, desempregada e pavimentando dúvidas dentro de mim. Então, refleti. Reencontrei a essência de minha avó, seu talento na cozinha estava também impresso em mim, como uma herança genética. Mas para abraçar essa herança recebida junto com as receitas familiares eu precisava acalmar a culpa que carregava por deixar para trás a vida que minha mãe sonhou de reconhecimento exterior. Quando apaziguei tudo, permiti que a florasse uma Renata que eu sabia que existia, mas que só encontrava espaço para aparecer nas horas vagas.

Eu sempre fui aquela que cozinha muito e para muita gente. Aquela que gosta das receitas que levam horas, que somam etapas, que se temperam com o tempo. Eu sempre fui aquela que abre a casa para muita gente conversar, comer, rezar. Fazia os quitutes que matavam a fome do corpo daqueles que se reuniam para orar e matar a fome do espírito. Quando o grupo ficou grande demais para caber na minha casa as reuniões de oração foram divididas e eu comecei a vender as delícias da minha cozinha para outras cozinhas. Nasceu assim uma clientela cheia de fé no que minhas mãos produziam.

Em 2017 as encomendas eram muitas e ajudaram a bancar a reforma do nosso quintal. Fiz um curso gratuito de panificação, coloquei fermento nos atendimentos por Whatsapp e fui tocando a vida. Ter um café não era um plano, era um sonho que fez morada em meu coração e encontrou terreno fértil em nosso quintal. Meu marido e eu tiramos os pratos não usados dos armários. Os vizinhos foram trazendo bules, mesas e cadeiras, heranças de família que precisavam de um lar. Envolvidos pela trepadeira que cresce ao bel-prazer, nós tínhamos o espaço, o cardápio, os fregueses. Faltavam noções de marketing, administração, precificação, comunicação... Faltava o Consulado da Mulher! Descobri que as respostas para todas as minhas dúvidas estavam em um só lugar. Me inscrevi, passei no processo seletivo.

Aquelas aulas me revelaram tanto. Aprendi a fazer campanhas de marketing, que atraíram mais clientes. Era necessário também separar os gastos do café dos custos da minha casa, mesmo um sendo dentro do outro, mesmo que a freguesia precisasse passar por dentro da sala para acessar as mesas. Por causa do Consulado até uma entrada própria o café ganhou.

Entre aulas, planilhas, o preparo dos alimentos e o atendimento no café, eu trabalhava 16 horas por dia. O Consulado me fez ver que eu não poderia sozinha dar conta de tudo. Ninguém pode! Agora tenho uma fornecedora que produz os pães exatamente como eu gosto. Também compreendi que a precificação e o lucro estão interligados. E que precificação tem

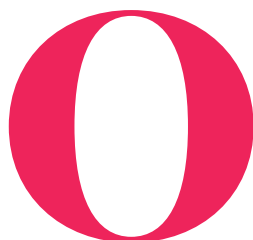
a ver também com autoestima. Se você não se valoriza, não conseguirá dar o devido valor ao seu próprio produto.

Evolui como pessoa, entendi meu valor e o valor do que eu produzo. O faturamento cresceu. Assumi a coragem que crescia vertiginosamente em mim. O Consulado da Mulher me ensinou que eu poderia juntar uma boa dose da educação e da ousadia que minha mãe me deu com pitadas do talento da minha avó para cozinhar, em banho-maria, a mulher que eu sou. Adubada pelos conhecimentos da mentoria eu floresci, tal qual a trepadeira indomável do quintal.





**Uma eterna
colheita**



o mundo muda a cada instante, mas muitas vezes escapar de ciclos de violência, de pobreza, de dependência não é simples. É preciso que alguém de fora mostre o caminho. É preciso aprender a enxergar um algo novo.

O mais fácil, sempre, é não ver. O Consulado da Mulher existe para enxergar o que há de possível, de livre, de próspero, de melhor na vida de todas as mulheres. O Consulado enxerga os talentos em mulheres de todas as partes do Brasil, com diferentes níveis de escolaridade, diversas religiões, origens, profissões, vocações. Testemunha o momento em que cada uma delas passou a exaltar a própria força, a beleza, inteligência, capacidade e competência.

A instituição passou por inúmeras auditorias e consultorias para melhorar os processos e atuar com ainda mais eficiência. Os resultados sempre surpreendem. Em 20 anos de história, somaram-se muito mais do que 38 mil histórias reescritas. Cada mulher assessorada em oficinas e cursos transformou a própria narrativa e a realidade dos filhos, dos netos, dos vizinhos, de tantas outras mulheres. Mães sem educação formal formaram filhos nas melhores universidades do país. Vítimas de violência deixaram a dor para trás. Famílias que viviam com a fome à espreita hoje têm a mesa farta de comida e possibilidades. Tudo graças às mulheres que abriram seus olhos, deram os primeiros passos, foram abraçadas e abraçaram uma nova jornada.

Os resultados do Consulado da Mulher são tão grandes quanto a dedicação de sua equipe coesa, quanto a generosidade de seu voluntariado. O reconhecimento vem na mesma dimensão. A Whirlpool Corporation destacou as atividades do Consulado da Mulher como sua melhor iniciativa de responsabilidade social por meio da premiação anual chamada *Chairman's Award*, em 2010, e novamente em 2015.

Em 2011, o Instituto recebeu o prêmio Doar para Transformar, promovido pelo Fundo Social Elas, com apoio do UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. O objetivo principal da premiação é dar notoriedade a pessoas e instituições que investem no protagonismo de meninas, jovens e mulheres, contribuindo para as mudanças na sociedade e para o desenvolvimento do Brasil.

Em 2014 o Consulado recebeu a Medalha Ruth Cardoso, conferida pelo Conselho Estadual da Condição Feminina, do Governo do Estado de São Paulo, reconhecimento conquistado pela contribuição efetiva do Instituto na luta pelos direitos da mulher.

Em 2017, o Consulado foi convidado a apresentar sua abordagem de “Educação Empreendedora” no 11º Fórum Mundial de Economia Responsável - organizado pela Réseau Alliances - em Lille, na França. O evento promove o desenvolvimento da economia responsável e compartilha boas práticas de empresas e instituições do mundo inteiro. A metodologia desenvolvida pelo Consulado foi considerada uma das melhores práticas para a erradicação da pobreza, além de contribuir com outras frentes, como igualdade de gênero, emprego digno e crescimento econômico.

Em sua história o Consulado da Mulher coleciona milhares de vidas transformadas e uma trajetória fundamentada em valores sólidos. A instituição tem sido referência em práticas inclusivas e recebeu o Selo Igualdade Racial da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania pelo acréscimo de 20% de profissionais negros no quadro de funcionários em São Paulo.

Conquistou o Prêmio Latinoamérica Verde, que homenageia as melhores práticas de sustentabilidade ambiental. Com o projeto Lavanderia Solidária LavPaty o Consulado foi selecionado para receber investimento do Governo dos Estados Unidos, através do Programa We Americas . Além disso, marcou presença em Nova York, no Clinton Global Initiative, escolhido como única iniciativa brasileira em destaque, na categoria “Empoderamento de mulheres e meninas”.

Em 2022 o Consulado da Mulher foi reconhecido pela Casa Civil da Presidência da República como vencedor no Prêmio Nacional de Incentivo ao Voluntariado - na região sudeste conquista mais recente é o Selo de Direitos Humanos da Cidade de São Paulo.

Entretanto, além dos troféus na prateleira, o prêmio mais precioso é ver que neste mesmo ano os pequenos negócios liderados pelas empreendedoras que apoiamos tiveram 250% de acréscimo médio na renda. Tudo porque elas aplicaram na prática os conhecimentos obtidos na teoria durante o período de assessoria. “É um sentimento de propósito e realização inigualável. Nossa metodologia provoca uma transformação efetiva e duradoura, por meio da educação empreendedora,” afirma Leda Böger.

O diferencial do Consulado é a proximidade, é ver o quanto a vida está mudando, buscar soluções junto com elas, saber que quando o horizonte está nublado é preciso recalcular a rota. É, sem dúvida, um olhar presente e afetuoso, mesmo para aquelas assessoradas que terminaram seus processos no passado. “Para a Whirlpool Corporation, ter o Consulado da Mulher é antes de tudo uma maneira de expressar a gratidão por poder fazer parte da vida das pessoas e pagar de volta o carinho que as nossas marcas recebem. É também ajudar a

realizar a visão da empresa que é melhorar a vida das pessoas em casa. E o primeiro passo para melhorar a vida de qualquer pessoa é ter condições de prover para si e para a família. A mágica do Consulado é fazer isso de uma maneira que não só permite às mulheres uma condição financeira melhor, mas também ajuda na realização de uma conquista que é delas e é para sempre. As milhares de histórias de quem passou pelo Consulado são, sobretudo, histórias de empoderamento, realização e superação. Esse impacto ocorre primeiro no nível individual e, de uma maneira mais ampla, nas comunidades onde o Consulado atua. É um legado que deixa todos nós orgulhosos porque vemos a diferença que faz na vida das pessoas”, afirma Adolpho Neto - Vice-Presidente de Finanças e CFO da Whirlpool para América Latina.

Em um mundo de constante mudança, lucro já não é a única medida de sucesso. É necessário construir legados. O que não muda? É o afeto, o acolhimento, o cuidado. “O Consulado da Mulher vai apoiar cada vez mais empreendedoras e conectar-se cada vez mais. Vai oferecer oportunidades e aglutinar mais instituições para trabalhos conjuntos que beneficiem toda a sociedade. Todos nós nos orgulhamos muito de pertencer às iniciativas da Whirlpool Corporation, de fazer parte desses processos transformadores”, ressalta João Carlos Brega, Presidente do Conselho de Administração da Whirlpool S/A e Vice-Presidente da Whirlpool Corporation.

O Consulado traz em sua essência o DNA das mulheres, como define Leda Böger: “caminhamos de mãos dadas com elas, nas periferias dos grandes centros urbanos, nas áreas rurais, em comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas. Respeitamos e valorizamos seus saberes, sua cultura e suas histórias. Cada avanço e cada prêmio conquistado nos estimula a seguir em frente, construindo um novo futuro para elas, suas filhas e filhos, e para todas as gerações vindouras. Nós somos Consulado. Somos a Consul, lado a lado com as mulheres, acreditando em seu potencial infinito para superar obstáculos, e construindo junto com elas novas e maravilhosas histórias de felicidade!”

Referências bibliográficas

- Brasil Escola <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/itamar-economia.htm>. Acesso em: 08 de out. 2022
- Connect Americas <https://connectamericas.com/pt/content/o-que-sabemos-sobre-mulheres-na-economia-de-hoje>. Acesso em: 08 de out. 2022
- Consulado da Mulher <https://consuladodamulher.org.br>. Acesso em: 08 de out. 2022
- BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. DESIGUALDADE E POBREZA NO BRASIL: retrato de uma estabilidade inaceitável. <https://www.tjam.jus.br/phocadownloadpap/desigualdadeepobrezanobrasil.pdf>. Acesso em: 08 de out. 2022
- MULHERES DE SÃO PAULO- um perfil da cidade https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/coordenadorias/cem/revista_mulheres_sp.pdf. Acesso em: 08 de out. 2022
- ANTUNES, Daví José Nardy. O Brasil dos anos 90: um balanço. https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/LEP/L9/LEP9_04Davi.pdf. Acesso em: 08 de out. 2022
- MOMBACH, Clarissa. O GOVERNO VARGAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO LITERÁRIA TEUTO-BRASILEIRA. http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie10/RevLitAut_art03.pdf. Acesso em: 08 de out. 2022
- ONU Mulheres <http://www.onumulheres.org.br/>. Acesso em: 08 de out. 2022
- LUCINDA, Elisa. O SEMELHANTE. Editora Record. 8ª edição.1998
- HANAOKA, Fábio. PAPEL DA MULHER NA ECONOMIA BRASILEIRA. <https://pesquisa-eaesp.fgv.br/publicacoes/pibic/papel-da-mulher-na-economia-brasileira> . Acesso em: 08 de out. 2022
- CORDEIRO, Claudia Neves Maia. PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS MULHERES TRABALHADORAS DA CIDADE DE MANAUS <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/consultas/conteudo.php?strSecao=resultado&nrSeq=17935@1>. Acesso em: 08 de out. 2022
- Prefeitura de Joinville - <https://www.joinville.sc.gov.br>. Acesso em: 08 de out. 2022
- Prefeitura de Manaus - <https://www.manaus.am.gov.br>. Acesso em: 08 de out. 2022
- Prefeitura de Rio Claro - <https://www.rioclaro.sp.gov.br>. Acesso em: 08 de out. 2022
- Prefeitura de São Paulo - <https://www.capital.sp.gov.br>. Acesso em: 08 de out. 2022
- RETRATO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA <https://www.ipea.gov.br/retrato/index.html>. Acesso em: 08 de out. 2022



Consul

Whirlpool
CORPORATION

